



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Faculdade de Educação

Fernanda de Azevedo Milanez

Abrindo os microfones:

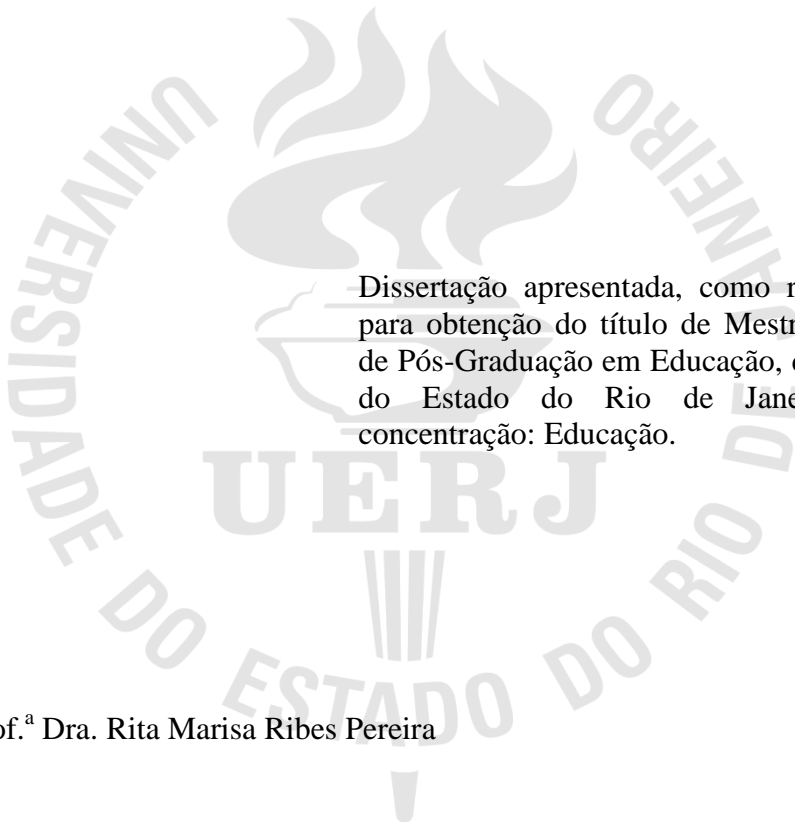
Revisitando a experiência de um programa radiofônico infantil

Rio de Janeiro

2015

Fernanda de Azevedo Milanez

**Abrindo os microfones:
Revisitando a experiência de um programa radiofônico infantil**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Orientadora: Prof.^a Dra. Rita Marisa Ribes Pereira

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

M637 Milanez, Fernanda de Azevedo.
Abrindo os microfones: revisitando a experiência de um programa
radiofônico infantil/ Fernanda de Azevedo Milanez. – 2015.
129 f.

Orientadora: Rita Marisa Ribes Pereira.
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
Faculdade de Educação.

1. Educação – Teses. 2. Rádio – Teses. 3. Crianças – Teses. 4. Infância –
Teses. I. Pereira, Rita Marisa Ribes. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Faculdade de Educação. III. Título.

es

CDU 37:070

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Fernanda de Azevedo Milanez

**Abrindo os microfones:
Revisitando a experiência de um programa radiofônico infantil**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação.

Aprovada em 24 de agosto de 2015.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Rita Marisa Ribes Pereira (Orientadora)
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Mailsa Carla Pinto Passos
Faculdade de Educação da UERJ

Prof^a. Dr^a. Gilka Elvira Ponzi Girardello
Universidade Federal de Santa Catarina UFSC

Rio de Janeiro

2015

DEDICATÓRIA

*Ao pai Zeca e à filha Aninha.
De quem ouvi boas histórias e para quem eu as contaria.
Dois amores. Duas saudades.*

AGRADECIMENTOS

Tantos pra lembrar e isso é um risco para uma pessoa distraída e de memória destrambelhada, como eu. Já fico aflita de pensar que esquecerei alguém!

Começo pelos meus filhos - Gabriel, Flora, Antônia e Ana (*in memoriam*) -, simplesmente por existirem, por fazerem parte da minha vida, pelo tempo que for, pelo tempo que foi. Por cederem o tempo roubado para este estudo. Por me servirem café e suco nas horas do cansaço; por me mandarem pra cama, por se cuidarem e cuidarem da casa. Aos mais velhos, pelos cuidados com a caçula. Foi fundamental.

Ao Edson, pelas muitas mudanças de horários, de dias, de finais de semana com Antônia. Esteve fiel aos cuidados com ela, ajustando as agendas sempre que possível. E quase sempre foi.

À minha fada-madrinha Zélia, que amorosamente, gentilmente, carinhosamente, me emprestou sua casa, onde me senti abrigada do frio e dos medos. Casa que já veio pronta, com biblioteca e tudo. Entretanto, mais do que a casa, ganhei dela o impulso, o ânimo, o incentivo, tão importantes nesta trajetória. É, sem dúvida, minha fada musa inspiradora!

À tia Adilza, pelo apoio. Por ser uma tia presente, apesar dos encontros não serem tão regulares. É a tia do feijão gostoso, da casa de praia e dos puxões de orelha, quando necessário. Sempre perguntando sobre o andamento dos estudos.

À mãe Adalva e às irmãs Andréa, Carla e Renata, pelo pouso carioca, pelas conversas e por amenizarem, durante os encontros familiares, as tensões vividas.

À amiga Janaina, por acreditar em mim! E por me fazer acreditar que daria tudo certo. Uma pessoa rara!

Às amigas Magali e Lucy, que também misteriosamente acreditaram em mim! Foram, como sempre são, apoio, escuta, diversão... E, acadêmicas experientes, deram dicas preciosas!

Ao compadre Roger, na retaguarda e ao lado da minha vida, sempre!

Ao meu Grupo de Pesquisa, o GPICC, pela acolhida desde sempre... Onde aprendi a ouvir, a estudar e onde sigo aprendendo a pesquisar. Grata a cada um: João, Cecília, Núbia, Yvana, Tayane, Ana Luz, Joana, Cristina, Juliana, Raíza. Um especial agradecimento à Eunice, à Patrícia e à Nélia que, mesmo de longe, foram bem importantes na minha trajetória. Pelas inspirações, pelas observações. À Carol, pela leitura atenta. Fez-me sentir segura. À Rita, por tudo! Por muito! Alegria, seriedade, rigor, leveza... E mais! Só conhecendo pra saber!

Tudo é perigoso
Tudo é divino maravilhoso
Caetano Veloso

RESUMO

MILANEZ, Fernanda. *Abrindo os microfones: revisitando a experiência de um programa radifônico infantil*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Esta dissertação apresenta um estudo sobre as experiências infantis na produção, recepção e apresentação de um programa radiofônico feito com e para crianças, durante o período de quinze anos de sua veiculação. Com o objetivo de trazer para o debate o que pensam as crianças sobre o programa que fazem e ouvem no contexto de uma emissora comunitária, este trabalho pretende, a partir dos relatos, refletir sobre os sentidos da produção infantil contemporânea e suas experiências culturais e sociais. Para o desenvolvimento da pesquisa, contei com o aporte teórico de Mikhail Bakhtin e, a partir de suas concepções, foi sendo construída uma metodologia que garantisse um olhar exotópico para o programa de rádio, buscando um afastamento do lugar da radialista, para o lugar da pesquisadora que se inaugurava, uma vez que o programa manteve sua veiculação durante este estudo. Ainda como opção teórico metodológica, contei com a filosofia de Walter Benjamin para que a história da rádio e a história do programa infantil fossem contadas pelas pessoas – adultos e crianças – que fizeram e fazem parte deste contexto, por meio de suas memórias. Como estratégia inicial, buscou-se a escuta dos áudios dos programas e, em seguida, o contato com os interlocutores da pesquisa, quais sejam: três adultos que apresentam seus programas na rádio comunitária, três jovens moças que participaram do programa infantil quando eram crianças e dez crianças que produzem e apresentam os programas atualmente.

Palavras-chave: Rádio para crianças. Rádio Comunitária. Pesquisa com crianças. Infância. Crianças. Rádio produzida com crianças.

ABSTRACT

MILANEZ, Fernanda. *Opening the microphones: Revisiting the experience of a radio children's program*. 2015. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

This dissertation presents a study on childhood experiences in production, reception and presentation of a radio program done with and for children, during the fifteen years of its broadcasting. In order to bring the debate what children think about the program they make and listen in the context of a community broadcaster, this paper aims, from reports, reflect on the meanings of contemporary children's production and its cultural and social experiences. For the development the research, told with the theoretical support of Mikhail Bakhtin and from his views, was constructed a methodology that would guarantee one exotopic look at the radio program, seeking a departure from the place of the broadcaster to the place of researcher inaugurated that, since the program retained its transmission during this study. Even as a methodological theoretical option, I relied on the philosophy of Walter Benjamin, so that the history of radio and the history of the children's program were told by people - adults and children - who have made and are part of this context, through their recollections. As an initial strategy, sought to listening to the audio programs and then contact with the interlocutors of the research, namely: three adults who present their programs on community radio, three young girls who participated in the children's program when they were children and ten Children who produce and present the programs currently.

Keywords: Radio for children. Community Radio. Research with children. Childhood. Children. Radio produced with children.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Revista <i>Eletron</i> , ano I nº 20, 1926.....	22
Figura 2	Carta de uma "sobrinha radiofônica" da Tia Joana. Rádio Sociedade, 1926.....	28
Figura 3	<i>Site</i> do Rádio Pipoca.....	32
Figura 4	Logomarca do <i>site</i> Estação Brincadeira.....	33
Figura 5	Foto do Programa Rádio Maluca na Rádio Nacional ao vivo.....	33
Figura 6	Ilustração da história selecionada.....	34
Figura 7	Estúdio da Rádio Casa Grande FM, 104, 9.....	35
Figura 8	Logomarca do programa Rádio Criança no <i>site</i>	35
Figura 9	Crianças do programa de rádio de criança para criança da RM na Província de Nampula.....	36
Figura 10	Aba do <i>site Radijojo</i> para América Latina.....	37
Figura 11	Logomarca do <i>site</i> do <i>Web radio Fun Kids</i>	38
Figura 12	Logomarca do programa Infantil <i>Niñosapiens</i> da <i>Rádio Educacion</i> do México.....	38
Figura 13	Logomarca do Programa <i>Debajo de mi cama</i> , da <i>Rádio Educacion</i> do México.....	39
Figura 14	Produção de máscaras para a história "A ilha e o Tesouro" contada na rádio.....	39
Figura 15	Página de orientação para a escuta dos programas.....	40
Figura 16	Crianças participando de oficina de rádio.....	41
Figura 17	Destaque do Programa Rádio dos Miúdos Fantásticos no <i>site</i>	42
Figura 18	Imagem do <i>Blog</i> do Programa de Rádio.....	43
Tabela 1	Grade de programação atual (2015) da Rádio Comunidade FM.....	55
Figura 19	Fernanda e Flora em 1999, na rádio.....	87
Figura 20	Fernanda, Stephanny e David apresentando o programa em 2000.....	89
Figura 21	Mateus, vizinho da rádio, em 2003.....	90
Figura 22	Cristiane, mãe da Ana Clara, que apresentou o programa algumas vezes, gravando uma história.....	91
Figura 23	Flora apresentando o programa.....	92

Figura 24	Operadora de som Kelly Schumman com Antônia, em 2012.....	95
Figura 25	Operador de som Murillo Soares com Juliano, em 2015.....	95
Figura 26	Gaspar, Clárisse e Antônia no ar, em 2014.....	111
Figura 27	Aniversário da Beatriz na rádio: com Mateus, Elis e Antônia, em jan/2012.....	113
Figura 28	Aprendendo a operar a mesa de som.....	114
Figura 29	Juliano escrevendo a sua pauta.....	114
Figura 30	Roteiro de um dos programas de 2000.....	116

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	RÁDIOS, RÁDIOS COMUNITÁRIAS E A RÁDIO COMUNIDADE FRIBURGO 104,9 FM	17
1.1	Rádio no mundo	17
1.1.1	<u>Rádio no mundo: experiências</u>	19
1.1.2	<u>O alcance e a interatividade</u>	24
1.2	Rádio para crianças no mundo	26
1.2.1	<u>No Brasil e no mundo</u>	26
1.2.2	<u>Será que as crianças não ouvem mais rádio?</u>	30
1.2.3	<u>O que se tem produzido recentemente? Programas contemporâneos: rádio, <i>web radio</i> e <i>sites</i> que produzem programas radiofônicos para crianças</u>	31
1.3	Rádios Comunitárias	43
1.3.1	<u>Rádios Livres, clandestinas, piratas e Comunitárias</u>	44
1.4	A Rádio Comunidade Friburgo 104,9 FM	47
1.4.1	<u>A cidade e os bairros</u>	48
1.4.2	<u>Como tudo começou</u>	48
1.4.3	<u>A grade de programação e alguns programas</u>	51
2	SINTONIZANDO EM ESTAÇÕES METODOLÓGICAS	56
2.1	Estação Infâncias	58
2.2	Ajustando a frequência na pesquisa: alguns conceitos	63
2.3	Ajustando a frequência na pesquisa com as crianças	72
2.3.1	<u>Apresentando a pesquisa às crianças</u>	73
2.3.2	<u>Sintonizando nas questões de memória e infância</u>	78
2.3.3	<u>O que não deveria ter num programa de rádio para criança?</u>	80
2.3.4	<u>Ouvindo o programa no carro: último encontro</u>	80
3	O PROGRAMA DE RÁDIO CANTE E CONTE OUTRA VEZ	82
3.1	Na escuta dos arquivos: os áudios como o Outro	82
3.2	Dando existência a outras memórias: conversas com quem passou pelo programa	86
3.3	Sobre a base dos programas: as histórias e as músicas	97
3.4	Sobre a produção dos programas: entre as histórias e as músicas	100

3.5	Sobre os ouvintes	105
3.6	Sobre outros achados da pesquisa: a criança no mundo e na cultura	107
3.6.1	<u>O que dizem as crianças daquilo que pretendemos protegê-las</u>	107
3.6.2	<u>Questões da técnica: imagem, imaginação; convergência das mídias</u>	108
3.6.3	<u>Os lugares sociais da criança: no programa, na vida... sobre dar a voz</u>	112
3.6.4	<u>Sobre alteridade e produção coletiva</u>	113
	CONCLUSÃO	117
	REFERÊNCIAS	120
	ANEXO A	127
	ANEXO B	129

INTRODUÇÃO

Oi pessoal! Aqui na Rádio Comunidade criança também tem vez: um programa infantil cheio de histórias pra você ouvir em casa. Vai ser toda quarta e sexta-feira, das seis às sete horas. Espero por vocês aqui, na Rádio Comunidade 106.1, a rádio que ouve você!

Programa nº 22, veiculado no ano 2000

O que o texto acima tem a dizer? É com esta chamada que os microfones se abrem para começar um programa de rádio. É sobre ele que conversaremos ao longo desta pesquisa. O interesse para este trabalho veio amadurecendo ao longo da minha experiência de fazer rádio numa emissora comunitária, produzindo e apresentando programas para o público infantil, no município serrano de Nova Friburgo, Estado do Rio de Janeiro, desde 1999.

Como cheguei à Rádio Comunidade Friburgo? Ao mudar-me do Rio de Janeiro, onde atuava como professora, para Friburgo, fui apresentada a duas pessoas que atuavam na ONG que criou o projeto radiofônico. Em pouco tempo me tornei ouvinte e, logo depois, participante assídua de um dos programas considerados carro-chefe da emissora, o Bloco Mulher¹, com enfoque de gênero. Meses depois nasceria o programa de rádio infantil.

Lembro-me das primeiras vezes em que entrei no estúdio da Rádio Comunidade Friburgo², quando minha curiosidade maior era descobrir/ imaginar quem eram “os donos” das vozes que eu ouvia. Dias depois, ao ouvi-los no rádio, tentava resgatar suas fisionomias: que face tinha mesmo aquela voz? Esta foi uma chave para resgatar um fio antigo da minha experiência como ouvinte.

Apaixonei-me por vozes vindas do rádio na adolescência, o que não deve ser incomum, mas há história antes disso... Rebobinando a memória, lembro-me que em casa

1 O programa Bloco Mulher é um programa diário, que apresenta um tema a cada dia, conduzido por uma mulher. Fala sobre saúde, educação, meio ambiente, espiritualidade e cultura.

2 Esta rádio, que está sintonizada na 104,9 FM, é um canal comunitário que existe desde 1994, sendo oficializada enquanto instituição (ONG) em 21 de maio de 1997 e outorgada em fevereiro de 2005. Até esta data, transmitia com uma licença provisória até que se constituísse e fosse aprovada a lei das rádios comunitárias, o que só ocorreu em 1998. No entanto, apenas em outubro de 2005, a rádio recebeu a outorga definitiva. Nesse ínterim de dez anos (1995-2005) mantivemos a licença provisória do governo federal, mas ainda assim, a Rádio Comunidade voltou a ser abordada algumas vezes pela polícia federal, sendo no ano de 2004 de uma maneira mais truculenta, como lembrou uma das apresentadoras, Stephanny, na nossa entrevista.

sempre tinha um rádio ligado: na cozinha, na sala, no quarto. Aos domingos, eu e minhas irmãs éramos acordadas com um som altíssimo de música clássica colocada pelo pai. Nunca soube bem se era para acordar as adolescentes que dormiam até tarde ou se era gosto dele mesmo ouvir Bach, Vivaldi e Mozart nas alturas. Durante bons anos tive restrição a todos eles. Lembro também do sucesso que era ouvir rádio de pilha com as amigas na praia, sintonizadas inicialmente na Rádio AM Mundial³, ouvindo *Big Boy* com seu famoso *slogan* “*Hallo Crazy people!*” e, tempos depois, em FM na Jovem Pan e na Rádio Cidade⁴, de onde não me esqueço dos locutores Jaguar, Fernando Mansur, Sandoval e Romilson Luiz. Achava todos lindos, sem nunca tê-los visto.

Há recordações um pouco estranhas, como as da vó Tide, mãe da mãe, ouvindo em pé, na cozinha, a Rádio Tupi⁵; talvez um programa do Aroldo de Andrade (de quem não esqueço a voz), que apresentava casos reais, em geral histórias trágicas de pessoas que relatavam seus problemas ao vivo. Uma vez a vi chorando e comentando com o rádio sobre um desses “casos”. Lembro bem do grande incômodo que me causou.

3 Foi a sucessora da Rádio Clube do Brasil, a segunda emissora do país, fundada em 1924, passando em 1927 a operar no 860 kHz. Em 1937 altera seu nome para Rádio Cajuti (Tijuca ao contrário), pois fora vendida ao Tijuca Tênis Clube, que transfere os estúdios para a sede do clube. O clube a vendeu para o Jornal Diário da Noite do Rio de Janeiro em 1948, que tinha a interesse na concessão de canal de televisão que a emissora detinha no Rio, alterando novamente seu nome para Rádio Mundial. Comprada pelas Organizações Victor Costa em 1954 é alugada ao radialista Alziro Zarur, fundador da LBV (Legião da Boa Vontade). Em 1966 foi vendida ao Sistema Globo de Rádio. A partir deste ano, o radialista e *disc jokey* (DJ) Big Boy assumiu a direção da emissora e a Mundial passa a ter uma fase musical, competindo com a Rádio Tamoio, das Emissoras Associadas, que também apresentava uma programação musical dedicada ao público jovem. Na década de 70 a emissora investe na *black music* e no rock. Em março de 1977 Big Boy morre e a partir da década de 80, devido ao aumento da audiência das emissoras FM, a rádio foi decaindo aos poucos e em 1991, a frequência 860 kHz se transformou na CNB Rio de Janeiro, uma rádio de notícias. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Mundial_\(Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Mundial_(Rio_de_Janeiro)), em 01/03/14.

4A **Rádio Cidade**, chamada **Cidade FM** ou simplesmente **Cidade** é uma emissora de rádio brasileira pertencente ao Sistema Jornal do Brasil fundada em sua primeira fase em 1977 e extinta em 6 de março de 2006. Após a saída da Jovem Pan Rio da frequência 102,9, uma grande campanha para a volta da rádio foi feita através da internet por fãs da rádio e artistas como Tico Santa Cruz, Pitty e outros. A Rádio Cidade volta ao dial carioca no dia 6 de março de 2014, 8 anos após sua extinção. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Cidade_\(Rio_de_Janeiro\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_Cidade_(Rio_de_Janeiro)) em 01/03/14.

5 A Tupi foi inaugurada no dia 25 de Setembro de 1935, com a presença do inventor do rádio, Guglielmo Marconi, mas, dez dias antes, irradiou o primeiro programa musical com uma orquestra de 120 vozes, que cantou o hino nacional e foi regida pelo maestro Villa Lobos. O apelido da rádio era "Cacique do ar". O jornalismo da Rádio Tupi foi importante no final da Segunda Guerra Mundial sendo a primeira a anunciar o final da guerra. O "Grande Jornal falado Tupi" era um dos mais ouvidos do Rio de Janeiro. Em 1949, um incêndio atingiu a Rádio Tupi, a emissora perdeu boa parte dos seus arquivos musicais. A Rádio conseguiu se recuperar e em 1950, a rádio inaugurou um grande auditório, sendo considerado o "Maracanã dos auditórios". Lançou grandes sucessos populares como "Parabéns pra Você", advindo de um concurso promovido por Almirante e vencido por Bertha Celeste Homem de Mello e "Aquarela do Brasil". Fonte https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%A1dio_tupi Acesso em 01/03/14.

Outra recordação intrigante e instigante foi sobre o que acontecia na casa do vô, pai do pai, quando eu era bem mais nova. O rádio que tinha lá não era um rádio qualquer, era um móvel grande, com uma tampa que se abria por cima, cujo interior só podia ser visto equilibrando-se nas pontas dos pés ou estando no colo de alguém. Quando aberto, via-se uma vitrola que ninguém podia por a mão e, por fora, uma parafernália de botões grandes e pequenos, os quais faziam movimentar o fiozinho de metal que corria para um lado e para o outro, deslizando-se por uma fileira de números. De vez em quando, o vô ligava esse rádio e os netos ficavam ouvindo aquele chiado estranho que indicava não haver sintonia, enquanto ele mexia devagar no botão maior. E, de repente, as vozes começavam a surgir baixinho, misturadas com o chiado, em línguas diferentes. Vozes iam e vinham. Não havia jeito de compreender uma palavra sequer, mas nenhum de nós arredava o pé de ouvir a caixa gigantesca de onde saíam aquelas vozes esquisitas que vinham de longe.

Retornando a Friburgo e ao programa infantil, nos últimos anos muitos questionamentos começaram a surgir enquanto o programa era produzido e apresentado. Imaginava ser possível compartilhar esse espaço de comunicação de forma prazerosa e despreziosa no sentido da desobrigação curricular e, principalmente, como espaço político, ocupando-o com um grupo social minoritário – crianças –, sob o ponto de vista da autonomia e da visibilidade. Isso seria coerente com os estatutos de um projeto de comunicação comunitária que tem como *slogan* “Comunidade: a rádio que te dá vez e voz”. Apesar disso, havia certa tensão percebida na prática, com minha alma professora, e na forma como as crianças me viam (e eu me percebia): adulta; apresentadora. E professora. A radialista parecia ter menos espaço que a educadora e, a criança, menos espaço que a adulta.

Outra questão presente era sobre o curto alcance da emissora, tendo em vista a observação frequente de crianças de diferentes lugares, grupos sociais e gêneros com seus *tablets*, celulares, *smartphones* e *ipods*. Foram diversas interrogações ao longo de quinze anos quando, depois do horário do trabalho e antes de chegar em casa, passei a cumprir uma rotina semanal de encontrar algumas crianças e apresentar, junto com elas, um programa de rádio.

Em dado momento, comecei a me inquietar mais profundamente com tal experiência, desta vez já como mestrande e bolsista da Faperj⁶, a partir dos diálogos realizados no Grupo de Pesquisa GPICC⁷, coordenado pela prof^a Rita Ribes Pereira, vinculado à Linha de Pesquisa “Infância, Juventude e Educação” da UERJ, do qual faço parte. Neste período, a pergunta

6 Recebi a Bolsa Nota 10 da Faperj durante o período de dois anos do mestrado.

7 www.gpicc.pro.br - Grupo de Pesquis Infância e Cutura Contemporânea.

começou a se reconfigurar para além das questões técnicas e, portanto, neste estudo, meu objetivo foi trazer para o debate o que pensam as crianças sobre o programa que fazem e ouvem, no contexto de uma rádio comunitária. Assim, partindo destes fragmentos, poderíamos refletir sobre os sentidos da produção infantil contemporânea e suas experiências culturais e sociais.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, tracei como estratégia metodológica a busca por um olhar exotópico para o programa de rádio infantil, buscando um afastamento do lugar que ocupei durante toda a pesquisa: de radialista e de pesquisadora. Para tal, procurei resgatar todo o acervo em áudio dos programas nestes quinze anos, localizando pautas e roteiros, antigos e atuais, sendo estes os passos iniciais. Depois, segui em diálogo com interlocutores que, de alguma forma, estivessem envolvidos com a rádio comunitária e com o programa infantil. Foram eles: quatro adultos que atuam nesta emissora; três outros adultos que participaram do programa quando eram crianças e dez crianças que participam atualmente produzindo-o e apresentando-o. O resultado deste diálogo está assim organizado:

No primeiro capítulo, intitulado “Rádios, rádios comunitárias e a Rádio Comunidade Friburgo”, convido o leitor a ligar alguns pontos que unem três histórias radiofônicas: a história do rádio, conhecendo experiências de transmissões em contextos diversificados, onde pessoas desejavam ampliar suas formas de comunicação simultaneamente a outras, que desejavam controlar essa comunicação, num movimento contínuo que se repete desde a sua criação até a atualidade (Mauro Sá Rego Costa e Gisela Ortriwano); fragmentos da história da produção radiofônica feita para e por crianças até os dias de hoje (Benjamim, Adriana Ribeiro e Tesser); uma pincelada na história das rádios comunitárias (Cogo, Perruzo e Luz), com um olhar mais detalhado para a rádio comunitária que abriga o programa infantil aqui analisado, de acordo com a escolha metodológica, pelas vozes que por ela passam. Ainda neste capítulo trago um recorte da produção radiofônica infantil atual, que envolve a convergência e o diálogo da rádio para e com outras mídias. Neste tópico, incluo imagens de *sites* que produzem programas radiofônicos e programas de *webradio*, uma vez que eles se valem destas, numa composição som e imagem, o que não acontece na transmissão radiofônica tradicional. Por fim, um breve resumo do programa infantil, foco desta pesquisa.

No segundo capítulo me vi “*Sintonizando em estações metodológicas*” para apresentar todo o percurso criado dinamicamente pela escuta dos áudios, pelos diálogos com os interlocutores e em constante troca com autores e estudiosos de autores que se aprofundaram nas pesquisas sobre memória (Ecléia Bosi, Marilena Chauí, Benjamim), nas pesquisas com

crianças (Rita Ribes, Delgado e Muller), sobre infância (Jobim e Souza, Lucia Rebello de Castro, Sarmiento), nos estudos culturais (Martin-Barbero), além da mídia rádio, temáticas que foram surgindo ao longo da pesquisa. Destaco Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, como autores de fundo, aqueles em quem pousei como base filosófica da pesquisa. Em Benjamin busquei elementos para que as histórias aqui presentes fossem lembradas, com vistas a mudanças na história de hoje. Junto com Peter Burke, esse autor me ajudou a ver a história a contrapelo, vista por baixo. Com Bakhtin, experimentei outras lentes, troquei de lugar, fui anfitriã e hóspede no programa de rádio. Entremeadado ao ambiente mais teórico, surgem as vozes desses outros, adultos e crianças em entrevistas ou em trechos dos programas, reafirmando ou criticando os destaques que se revelaram.

Finalmente no terceiro capítulo, apresentamos o “*Programa Radiofônico Cante e Conte Outra Vez*”, que tem como pano de fundo as histórias e as músicas e entre elas, diversos quadros com curiosidades e assuntos abordados por crianças em entrevistas. Sobre a contação de histórias e as histórias contadas em rádio, dialogamos com Gilka Girardello, refletindo sobre a criação de ambientes onde o imaginário possa ser instigado a surgir. Com Eugênio Pereira, refletimos sobre as escolhas musicais, sobre os conteúdos e as melodias das canções. É aqui que analiso as principais questões desta pesquisa, observando desde a forma como a pesquisa foi apresentada às crianças, passando pelo lugar da criança no programa, a produção proposta por elas.

Na conclusão, mas não só nela, busco reunir as principais colheitas que este trabalho me permitiu ver na relação das crianças na cultura, na vida, no cotidiano, por meio de um programa de rádio que ao longo de sua trajetória revelou um pouco sobre o que se conversa com as crianças.

1 RÁDIO, RÁDIOS COMUNITÁRIAS E A RÁDIO COMUNIDADE FRIBURGO 104,9 FM

1.1 Rádio no mundo

Para escrever sobre rádio, na especificidade das emissoras comunitárias e mais de perto sobre a Rádio Comunidade Friburgo, que abriga o programa infantil Cante e Conte Outra Vez, foco desta pesquisa, reflito sobre como levar uma experiência estritamente auditiva, sonora, para o texto escrito. O desafio de criar um formato mais próximo do fazer e ouvir rádio e que, ao mesmo tempo, contemple as várias vozes que constituem este lugar - que é também o lugar de onde falo -, coloca-se presente todo o tempo. Pereira (2009, p 259) compartilha experiência oposta e, ao mesmo tempo, similar em seu texto *A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin*, sobre os programas de rádio apresentados por este filósofo, uma vez que partiu dos textos escritos que serviram de base para a narrativa radiofônica, ficando *sem seu principal elemento constitutivo, o som* (PEREIRA, 2009, p 260). Aproveito esta pista para compreender o movimento pelo qual parto da palavra dita e ouvida, que me serve de base na direção da palavra escrita, numa dinâmica constante de aproximação e distanciamento de uma técnica para a outra, *entendendo que cada meio cria suas leis próprias de essência e de forma* (PEREIRA, 2009, p. 261). Na natureza da fala, seu tempo próprio, seu ritmo, seu balanço, se perdem/ se modificam na escrita. Diz Costa (2013, p 63) sobre esta diferença que, no olhar, estamos ‘diante de’, pois a visão tem sempre no máximo 180° de amplitude. O ouvido? Este é inclusivo, ouve-se ‘dentro’ e em 360°, não sendo tão palpável localizar, no espaço, de onde vem o som.

Aproveito tal ideia na perspectiva de ampliar nossa percepção humana, mas também alterar a visão dicotômica, talvez ainda presente no senso comum sobre comunicação, tanto em relação aos meios frios e quentes⁸, como da escrita, em oposição e em destaque, em relação à fala. Diluindo essa concepção, Cancline⁹ nos faz indagar sobre o que mais caberia

⁸ Sobre meios quentes e frios, McLuhan sugere o princípio básico pelo qual se distingue um meio quente como o rádio, de um meio frio, como a televisão. Meio quente sendo aquele que prolonga um único de nossos sentidos em alta definição e permite mais participação do que um meio frio.

⁹ No prefácio que escreveu no livro *Dos Meios às Mediações*, de Jesus Martin-Barbero, 2008. Consta das referências.

nos papéis de emissores-dominantes e receptores-dominados, já que tudo *aquilo que, do modo como as pessoas produzem o sentido de sua vida e se comunicam e usam os meios, não cabia (mais¹⁰) naquele esquema* (MARTIN-BARBERO, 2008, p 26). As lutas e resistências latino-americanas, diz ele, nos fizeram ver que

a comunicação se tornou para nós questão de mediações mais do que de meios, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento. Um reconhecimento que foi, de início, operação de deslocamento metodológico para rever o processo inteiro da comunicação a partir do seu outro lado, o da recepção, o das resistências que tem aí o seu lugar, o da apropriação a partir de seus usos. (MARTIN- BARBERO, p 27)

Percebo, como Nunes e Gouveia, *os diferentes modos de percepção humana, de acordo com a época, a localização, a nacionalidade etc* (NUNES; GOUVEIA, 2009), expandindo-se para uma percepção de mundo em ciclos ou espirais, em que os padrões culturais vão se modificando de acordo com os usos tecnológicos que alteram as práticas coletivas, que por sua vez refletem novos hábitos perceptivos. Assim sendo, cultura e vida sempre se transformam o tempo todo de acordo com as experiências.

Compreendo essa pesquisa como uma experiência estética, pela relação estabelecida entre o sensível e o cotidiano, entre estes sentidos que se alteram e alternam, também pela especificidade da linguagem radiofônica que, por sua característica midiática, evoca a presença do outro (o ouvinte) e pela possibilidade libertária do imaginário deste que ouve.

Desde que foi inventado, o rádio sempre esteve presente na vida de pessoas: em casa, quando eram grandes aparelhos; nos radinhos de pilha, no trabalho e no lazer; nos deslocamentos em carros, ônibus ou junto ao corpo, nos micro aparelhos. Em geral, acompanhando, narrando, mas também inventando as histórias que acontecem nos cotidianos, como notícia, como novela, através das músicas e, mais raramente, em debates. Os episódios das vidas em *espaços/tempos* diversos foram, desde então e, ao longo da história, compartilhados por essas (e outras) ondas. Para além da boa companhia proponho, a partir das ideias de vários autores com quem venho dialogando neste estudo, pensar sobre o lugar da rádio como um modo de fazer política, pela sua função e mobilização social (COSTA, 2013), e de fazer arte, como produção cultural, a partir de fragmentos que possam compor outra

¹⁰ Aqui o termo *espaçotempo* aparece escrito junto para reforçar a concepção defendida por autores como a professora Doutora Nilda Alves, de que espaço e tempo são indissociáveis, distinguindo da visão polarizante herdada da ciência moderna. (Alves, 2003, p. 66). A prof^a faz parte da linha de pesquisa Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais, do Programa de Pós Graduação da UERJ – PROPED.

visada sobre alguns percursos da radiodifusão de um modo geral e, em especial, a radiodifusão comunitária.

Um recorte sobre o rádio vai então se completando com este(s) outro(s) que narra(m) comigo histórias radiofônicas enquanto pesquiso, escrevo e faço os programas infantis.

Compõe esse contexto a criança que os faz e ouve e, neste sentido, a inspiração das narrativas radiofônicas de Benjamin¹¹ contribui para reforçar a ideia de inteireza da criança na sociedade e não apartada, como a modernidade a colocou; da criança que não precisa de palavras traduzidas para compreender o mundo à sua volta. Busco a construção de uma escrita que revele não a minha como voz central, mas vozes que permitam que percebamos a(s) produção(ões) de sentidos ao fazer e ouvir rádio.

1.1.1 Rádio no mundo: experiências

Um homem que tenha algo a dizer e não encontre ouvintes está em má situação. Mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontrem quem tenha algo a dizer-lhes

Bertolt Brecht

Diz-se que o inventor do rádio foi Guglielmo Marconi, aos vinte e dois anos, em 1874, em Bolonha, na Itália. Logo depois começa a arrendar equipamentos aos interessados e um deles, a Marinha, aproxima-se e trata de equipar suas frotas com aparelhos de transmissão. Com a Primeira Guerra Mundial, o rádio se desenvolve tecnicamente de forma acelerada, como contou Nunes (1995) em sua pesquisa. Conta-se também que o início da radiodifusão no mundo foi em 1906, “quando operadores de *Telegrafia Sem Fio (TSF)* ouviram, ao invés do habitual trepidar da telegrafia, a obra *Largo de Handel*, depois versículos da Bíblia e, em seguida, votos de *Feliz Natal*” (SILVA, 2010 apud SILVA, 2004, s/n).

¹¹ Tanto aquelas relatadas pela prof^a Rita Ribes, quanto as traduzidas por Aldo Medeiros, na obra *A Hora das Crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamim* (2015).

Já parte do cotidiano internacional, a radiodifusão nasceu quase por acaso, pois para tornar-se popular,¹² com o fim da primeira Guerra Mundial, a indústria americana *Westinghouse*, que ficara com um volumoso estoque de aparelhos de rádio fabricados para as tropas na guerra, instalou uma grande antena no pátio da fábrica para transmitir música e, por meio deste *marketing*, passou a comercializar os aparelhos “encalhados” para os habitantes do bairro onde se localizava a fábrica.

Na Europa, *o rádio era o instrumento ideal de propagação ideológica. 70% das famílias alemãs possuíam aparelhos em casa e o governo patrocinou a fabricação de receptores e incentivou a instalação em fábricas, escritórios, praças e bares para audições coletivas.*¹³ (KLOCKNER, 2011, p. 27, *apud* WYKES, 1995, p 94). Ao ligar o recém-inventado rádio, era possível ouvir notícias e informações fabricadas por encomenda nas já existentes rádio fascista, na Itália, e rádio nazista, na Alemanha, ambas usadas estrategicamente para influenciar, conduzir e, não raro, (des)informar a serviço de governantes e militares, para que a história fosse construída e contada de acordo com seus interesses (COSTA, 2013).

Quando era ainda novidade e foi este agente de propagação citado acima, Bertold Brecht¹⁴ já preconizava sua potencialidade como via de mão dupla, partindo de suas características técnicas relativamente simples de recepção e transmissão, possibilitando a interatividade entre o ouvinte e o apresentador, ligando-os às lutas sociais, como os operários da então República alemã, que eram ouvintes e passaram a ser também emissores, quando construía seus próprios aparelhos de rádios e *trocavam esquemas técnicos de montagem e peças de reposição* (ORTRIWANO, 1998, p 16). Acreditava ele que o rádio poderia ser um meio interativo de comunicação, mais do que um meio de comunicação de massa, sendo esta a sua principal crítica.

¹² Este trecho foi pesquisado no site dos Radialistas de Pernambuco:
<http://www.radialistaspe.com.br/v2/index.php/historia-do-radio>, acesso em 15/05/15

¹³ Este trecho em destaque é parte do livro de Luciano Klockner: *O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*, que condensa suas pesquisas de mestrado (1998) e doutorado (2003). Ambas desenvolvidas no curso de Pós Graduação em Comunicação Social da PUC/RS. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=1ON_nu5ejHsC&pg=PA163&lpg=PA163&dq=textos+do+reportes+ess+o&source=bl&ots=e3Z_w6VPwt&sig=snwUKpC3gIrN7oVVREoPIgJTbNY&hl=pt-BR&sa=X&ei=xJPfVISfEZKHgWT-3IL4DA&ved=0CCcQ6AEwAQ#v=onepage&q=textos%20do%20reportes%20esso&f=true (acesso em 14/02/2015)

¹⁴ Poeta e ensaísta alemão escreveu *A TEORIA DO RÁDIO*, que reúne cinco textos que foram escritos entre 1927 e 1932. Alguns foram publicados na época e outros, encontrados em seus manuscritos, tiveram sua divulgação apenas após a sua morte.

Em outro ponto do planeta, antes que os militares reconhecessem no rádio este papel do controle e manipulação das informações, um radioartista canadense, Dan Lander, descreveu seu relato sobre a crescente quantidade de radioamadores nos EUA a partir de 1906 (COSTA, 2013, p. 12). Dizia que, tempos depois, em 1914, eles eram tão numerosos que havia mais de duzentas estações em vários pontos do país. Ainda segundo Costa (2013), como represália foi instaurado o Ato do Rádio, em que o Congresso Americano exigiu licenças para a operação e transferiu as transmissões para ondas curtas.

Também na Europa, a expansão do rádio foi “contida” por meio da criação de medidas legais que reduzissem o efeito multiplicador desta experiência de comunicação: “*Em 1924 é baixado um decreto-lei contra ouvintes clandestinos. Os aparelhos de uso domiciliar foram obrigados a ter licença e o governo passou a usar os chamados ‘interceptores de ondas’ para prejudicar a recepção e emissão não oficiais*” (ORTRIWANO, 1998, p 16).

Luz (2007) enumera uma infinidade de experimentos radiofônicos - tanto os que serviram para a mobilização social, como o início da vocação de prestação de serviços, com a adoção do sinal de SOS como socorro internacional, em 1908 -, quanto os de comercialização dos primeiros rádios a pilha com a inovação dos fones de ouvido, em 1920 (LUZ, 2007).

No Brasil, jovens da sociedade pernambucana fundaram a Rádio Clube de Pernambuco, em 1919. Antes deles, porém, no período entre 1893 e 1894, o padre gaúcho Landell de Moura¹⁵ experimentou e registrou suas descobertas na transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas. Apesar de ter registrado seu feito, o inventor brasileiro não obteve reconhecimento do público. Nenhum destes movimentos foi reconhecido como pioneiro do rádio no Brasil (SOUZA, 1997).

Simultaneamente, um grupo de intelectuais e cientistas viabiliza as transmissões, a partir de suas pesquisas. Fundaram a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, tendo como princípios básicos a divulgação da ciência e da cultura. Diziam que na programação deveria ter *números de informação, notícias de interesse geral, pequenas conferências literárias, artísticas e científicas, números dedicados às crianças (lições de coisas, histórias etc), poesias e musica vocal e instrumental* (COELHO p 2, 2014 *apud* Revista Rádio, 1923, p 3).

15 O padre Landell de Moura construiu o primeiro transmissor sem fio para a transmissão de mensagens, em 1892. Em 1894, ele realizou a primeira transmissão por meio de ondas hertzianas, com uma transmissão entre o alto da Avenida Paulista e o alto de Sant'Anna, em São Paulo, cobrindo uma distância de oito quilômetros. Entre 1903 e 1904, Landell de Moura conseguiu, nos Estados Unidos, as patentes de três inventos: o transmissor de ondas (hertzianas ou landellianas), o telefone sem fio e o telégrafo sem fio. A patente brasileira do aparelho do padre Landell recebeu o número 3279, em 1900.

Neste período, havia uma oposição feita à recepção do rádio no país pelo governo, que receava, pelo impacto da Primeira Guerra Mundial, que o veículo pudesse ser usado a serviço da espionagem. De acordo com a pesquisa de tese feita por Patrícia Coelho da Costa (2012), *o controle exercido pelo governo sobre a recepção, incluindo os amadores em geral, era confrontado pelos intelectuais que reivindicavam a concessão de ampla liberdade para a aquisição de aparelhos. Entretanto, a posse dos aparelhos, diz a autora, era questão de polícia. De acordo com a lei vigente, todo aparelho não registrado deveria ser apreendido e o dono conduzido ao posto policial. Disse Roquette-Pinto (apud COELHO, 2014):*

Naquella ocasião, além de expressamente proibida semelhante pratica, dada a má compreensão que era tida dos verdadeiros fins e vantagens da sua generalização entre o povo. A polícia apprehendia os aparelhos que descobria installados em residências particulares. O próprio estudo da radio-eletricidade encontrava por parte das autoridades tenaz acção repressiva . (O Sport, 19/04/1927, s/p)

Por esta razão, iniciou-se uma campanha pela Rádio Sociedade, para enfatizar a capacidade do rádio em amenizar os males da humanidade, publicada pela Revista ELETRON , nº 20, Ano I, de 16 de janeiro de 1926¹⁶.

Figura 1- Revista Eletron, ano I nº 20, 1926



¹⁶ Neste site é possível encontrar todos os números da Revista Eletron, assim como os demais documentos da Rádio Sociedade. <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=61>.

A partir deste período, estações de rádio já existem em quase todo o mundo. São movimentos hegemônicos e contra hegemônicos se movendo, quase nunca nas mesmas proporções, num fluxo contínuo em que a trajetória do rádio se revela em seu contexto sociopolítico. O que acontece de um modo generalizado no mundo é que

O reconhecimento da força de persuasão através do rádio e de suas possibilidades de uso político determina a concentração do monopólio da comunicação social, no mundo inteiro, em poder do Estado, explorando ele mesmo os serviços de radiodifusão, como no modelo europeu, ou repassando-os através de concessão para a iniciativa privada, conforme o padrão americano. O Brasil adotou este último modelo, reforçando, porém, a exploração comercial da radiodifusão. Em todo o mundo, as legislações que regulamentam a radiodifusão passam a ser organizadas conforme as características das sociedades, levando sempre em conta a questão da segurança nacional, com um controle militarizado sobre os meios de comunicação eletrônicos, podendo-se afirmar que quanto mais totalitário um regime mais autoritárias serão as leis que regem a comunicação social. Cria-se assim a figura da "voz oficial", separando o emissor do receptor, isto é, só podem ser emissores da comunicação social aqueles que atendem a condição de autorizados e que são reconhecidos legalmente. Essa característica de controle vai determinar que a radiodifusão passe a se comportar apenas como canal de distribuição de informação, numa difusão para as massas, revertendo a função principal da comunicação, que é a existência de uma relação dinâmica entre emissor e receptor. O controle político dos meios, porém, não é suficiente para deter o domínio da técnica, logo alcançada por aqueles que teoricamente deveriam se comportar como receptores na relação estabelecida desde o início da radiodifusão. A voz não-oficial ou as emissões não-autorizadas passam a acompanhar então a história do rádio de forma paralela. Surgem em todas as sociedades, em diferentes épocas, com características e objetivos diferentes. (NUNES, p 11, 1995)

Estas experiências de comunicação ilustram fragmentos da história do rádio que Benjamin percebia com um olhar dialético. De um lado, ele via a destruição das ideologias e das experiências, em prol de uma desenfreada visão bélico-progressista. Fosse pela degradação da experiência vivida com a força das gravações massivamente repetidas e transmitidas por ondas sonoras com conteúdo subliminar da música clássica estetizando política, no nazismo, fosse pela politização da arte, por meio de uma manipulação cultural, ditando o que deveria ser veiculado, em favor da economia e do progresso (nos EUA e no Brasil). Por outro lado, simultaneamente àquelas experiências, havia outras narrativas radiofônicas que podiam ser compartilhadas de forma livre por radioamadores e ouvintes-emissores, em todo movimento contra hegemônico relatado (BENJAMIN, 1994b).

1.1.2 Sobre seu potencial, audiência e Interatividade

De acordo com Ortriwano (1998), levando em conta que vivemos em época de globalização, importa pensar global e localmente, em se tratando de rádio. O ouvinte deve sentir-se seguro de que receberá notícias do mundo e do local onde vive, mas deve também sentir-se capaz de produzir notícia, conteúdo. É o rádio no papel informativo e de companhia, na dupla via. Esta, como dito anteriormente, já era uma preocupação de Brecht, focado na ideia de transformar o rádio em meio de comunicação, para além da transmissão, sugerindo, entre outras coisas, que os diretores das rádios “*deveriam tentar fazer do rádio uma coisa mais democrática e para tal, deveriam aproximar-se mais dos acontecimentos reais e não se limitar à reprodução ou a informação*” (BRECHT, in BASSETS, 1981, p 51).

Entretanto, para pensar em interatividade não é suficiente pensar na tecnologia desta mídia, mas também e principalmente em quem irá acessá-la. Compreender o funcionamento da técnica pode ser o desafio que tem sido colocado, ao longo dos anos, no caminho da interatividade. E havia gente pensando nisso: em propostas voltadas para o preparo educacional, como foi o movimento *agit-prop* dos comunistas na Rússia, anos vinte, antes de Stalin. Numa entrevista¹⁷ sobre a revolução radiofônica pela arte, Mauro Sá Rego Costa (2013) conversa com o radioartista Schafer, criador do projeto *Paisagem Sonora* sobre educação política como uma forma deste movimento ser criado nas radiofavelas do Rio de Janeiro. Ele diz:

Eu acho que o rádio poderia ser um instrumento educacional muito mais forte de que é. Não entendo porque não é assim. Se você olhar o movimento *agit-prop* dos comunistas, no início da revolução, era um movimento educacional. Eles entendiam que estavam falando para uma população com pouco preparo educacional para as questões contemporâneas e assim promoviam uma aproximação didática com as ideias, com a filosofia, com as ideias políticas, mas também com a poesia, com as novas direções nas artes.... estou falando dos anos vinte, quando havia muita excitação, e os artistas contemporâneos faziam parte do movimento socialista. Revolução não é só coisa de políticos com seus motivos para tomar o poder. Deve ser um movimento mais amplo.(COSTA, 2013, p 35)

Outra reflexão possível sobre a interatividade e a relação da população com a tecnologia radiofônica, seria sobre os reflexos do conhecido evento de Radioteatro em

¹⁷ Esta entrevista foi publicada em Pesquisa e a Música, Rio de Janeiro, v. 4, nº 1, 1998. Revista do Programa de Pós Graduação do conservatório Brasileiro de Música (esgotada).

comemoração ao Dia das Bruxas nos EUA, no dia 30 de outubro de 1938, apresentado pelo então jovem Orson Welles. Ele representou uma cobertura jornalística que cobria uma invasão de marcianos. Para tal dramatização, foram usados elementos de uma cobertura jornalística, a qual a população estava habituada a ouvir, como reportagens, entrevistas com testemunhas, opiniões de especialistas, entre outros. Houve congestionamento das linhas telefônicas, aglomerações e congestionamentos envolvendo aproximadamente seis milhões de pessoas. Tal dramatização que gerou pânico em milhares de pessoas que foram às ruas testemunhar o fato como um feito histórico comprovou não apenas a força do rádio e seu poder na formação de opinião pública, como as possibilidades de manipulação que o meio proporciona (ORTRIWANO, 1998, p 21).

A partir deste evento, pesquisas sobre a audiência começaram a merecer atenção, reconhecendo o rádio como um meio quente, capaz de um impacto mais imediato do que qualquer outra mídia. Por esta razão aquela experiência de radioteatro ganhou força. Para Schafer, *uma voz escondida é muito poderosa*. Ainda sobre esse tema, ele disse que

Antigamente, quando você ia falar com o rei, dizia-se que você ia ter uma “audiência”. “Audiência” vem de “audire”, ouvir, porque você ouvia o rei, mas não o via, você ouvia a voz, mas estava de joelhos, olhando para baixo. E “obaudire” quer dizer ouvir a parte de baixo “obaudire”, de onde vem “obedecer”. Eu acho que estas palavras expressam muito bem como o som era usado para controlar as pessoas no passado. (COSTA, 2013, p 36)

A voz escondida controlava e manipulava, mas também libertava, sempre de forma criativa. Com a chegada da televisão, nos anos cinquenta, *o rádio buscou formas de sobrevivência: saíram os cantores de rádio, entraram os discos; saíram as novelas, entraram as notícias; saíram os programas ao vivo de auditório, entraram os serviços de utilidade pública* (SOUZA, 1997, p 31).

Ainda sobre essa interação, temos notícias de que, na América Latina, as primeiras rádios que se proliferaram foram as rádios sindicais e revolucionárias, ainda nos anos cinquenta. Na Bolívia, por exemplo, surgiram com os trabalhadores das minas. Jorge Mancilla Romero (*apud* COSTA; HERMANN Jr., 2002) nos conta que o complexo das emissoras mineiras nasceu como uma necessidade da base, logo depois do triunfo da Revolução Nacional. Isso provocou uma febre de emissoras, espalhadas principalmente nos setores mineiros. Eram vinte e três funcionando no país. Mais ou menos assim, foi com os guerrilheiros cubanos que, entre 1958 e 1959, transmitiam todas as tardes até o fim da luta

contra a ditadura de Batista, a partir do quartel general da Plata (COSTA; HERMANN Jr., 2002, p 99). Ele contou que

A rádio teve papel estratégico na luta revolucionária, pois era o elo de ligação entre o quartel general e as várias frentes guerrilheiras. Era constituída por vários transmissores que avançavam na direção de Havana. Em cada território tomado, um novo transmissor era montado, sempre em conexão com o quartel-general. (COSTA; HERMANN Jr., 2002, p 97).

Essa percepção foi compartilhada também por Benjamim, observando, para além da fragmentação de seus escritos, uma profunda coerência em seus pensamentos sobre a história humana, onde a crítica que aponta em suas teses “Sobre o conceito de história” traz em si uma alternativa à forma linear, unilateral e contínua de se contar a história, em oposição à linearidade progressista imposta, que consiste na possibilidade de, no presente se revisitar o passado rememorando e conferindo novo sentido à história. É deste lugar que percebemos o potencial das emissoras comunitárias, na contramão de uma comunicação feita por aqueles que dominam os meios de comunicação. Sobre elas falaremos mais adiante.

1.2 Rádio para crianças no mundo

1.2.1 No Brasil e no mundo

Descobri que produzir programas radiofônicos para crianças não é uma novidade. Procurando na *WEB*, cheguei a referencias de livros, teses e dissertações com os quais dialoguei ao longo deste texto, buscando produções acadêmicas no *site* do SCIELO, BDTD e no site de buscas *Google Acadêmico*. Para esta pesquisa, usei como palavras chave RÁDIO e INFÂNCIA. Entre outros estudos, destaco a publicação portuguesa *Metodologias Participativas: Os medias e a Educação* (2015), de Maria José Brites, Ana Jorge & Silvio Correia Santos; as Teses de Tereza Cristina Tesser (2007): *Programas dedicados às mulheres às crianças marcam os primeiros vinte anos Rádio (de 1923 a 1943)*, nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo; de Patrícia Coelho da Costa (2012): *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935 - 1950)*; e de Adriana

Ribeiro (2015): *A Criança em Situação de Escuta – uma aproximação à Audiência infantil de rádio*.

Quase todas as pesquisas apontam para o fato dos programas infantis começarem a fazer parte do rádio desde sua origem, praticamente. Boxine (2015) relata experiências radiofônicas infantis na França, em 1927. Um deles chamava-se *Grand-Papa Léonet Madame de Surgères*, que apresentava um programa de variedades, com literatura e concursos musicais. Em Portugal, também nos anos trinta, a Rádio Lusitânia CTIDE veiculava meia hora infantil, organizada por uma poetiza. Outros programas eram transmitidos, como: TIC, TAC; Papagaio; O Senhor Doutor, As lições do menino Tonecas, dentre outros.

Tesser nos informa em sua pesquisa (2007), sobre o quanto a programação para crianças já foi intensa no Brasil. A autora relata ainda que Orígenes Lessa marcou presença na Rádio Sociedade, realizando palestras e lendo suas obras na “Hora Infantil”, um programa de auditório comandado por Joaquim Carlos Nobre, *com histórias, canções e perguntas de cunho educativo e recreativo* (p 7). Érico Veríssimo, em Porto Alegre, chegou a ter um programa, contando histórias para as crianças no auditório da Rádio Farrroupilha. Vital Fernandes criou a Escolinha de Dona Olinda para crianças, em 1936. Em 1932, Mary Buarque criou o “Pequenópolis”. Neste, segundo sua pesquisa, participavam artistas precoces que cantavam e recitavam versos de grandes poetas brasileiros. No comando já havia uma criança: Moacyr Vaz Guimarães, que tinha sete anos.

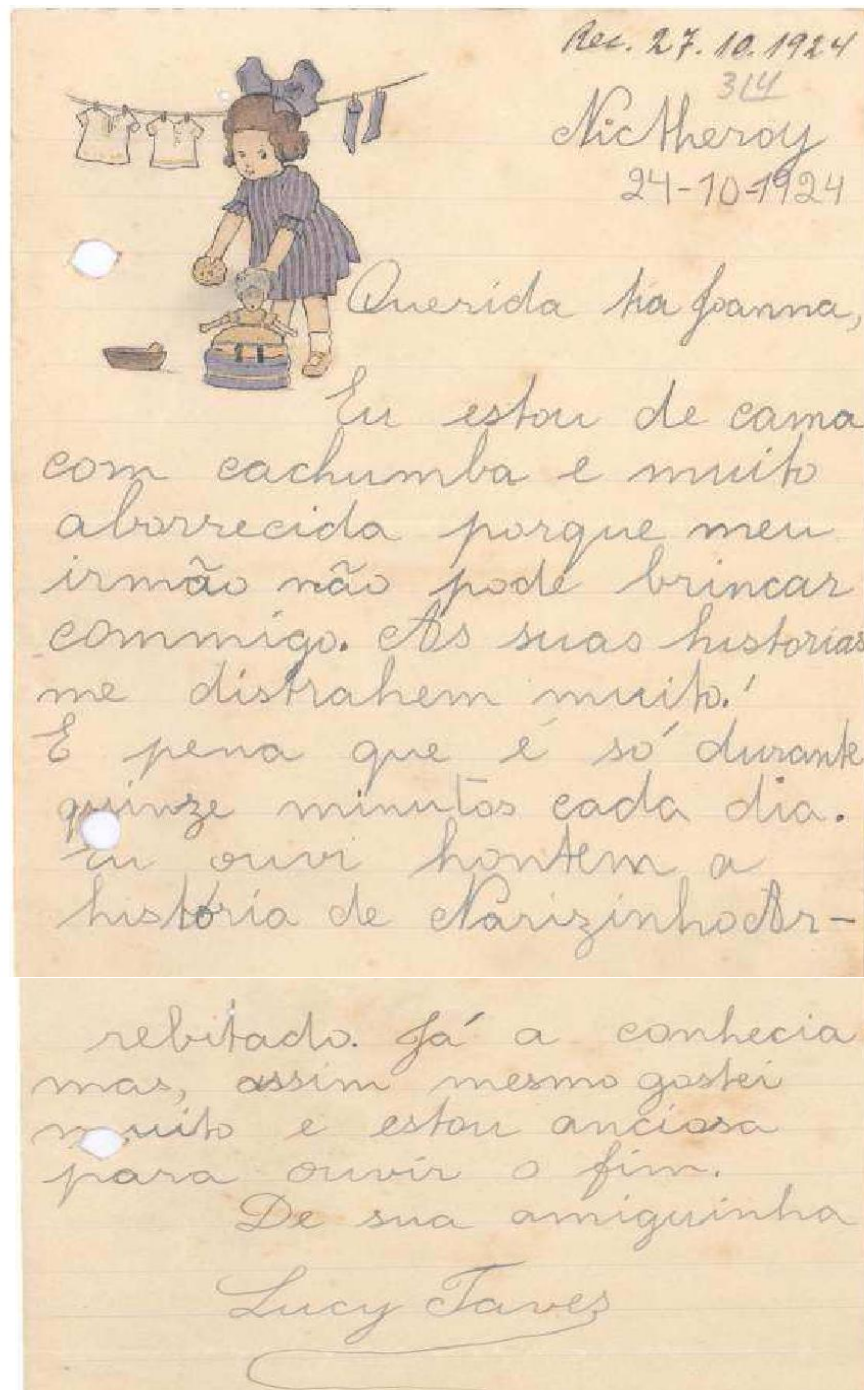
A partir da grande repercussão das “matinês infantis” da Rádio Record, transmitidas diretamente dos cines República e Olímpia, em 1933, onde apareciam os personagens Chiquinho, Chicote e Chicória, criações de Nhô Tônico, os programas infantis passaram a ser um rico filão para as emissoras paulistas. Ainda segundo a autora, muitas experiências surgem desde então. A rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo lança, em 1937, sob a direção da professora Virgínia Rizzardi, a “Tia Justina”, um programa eminentemente educativo; Já a rádio Difusora apresenta “As Aventuras de Dick Peter”, com concursos e prêmios estimulando a imaginação da garotada; A Sociedade Bandeirantes de Rádio optou por levar ao ar, nesse período, as histórias de “Quim, o pequeno bandeirante”. Eram textos de cunho histórico, escritos e narrados por Joaquim Carlos Nobre; Em 1939, estreava o programa “Sítio de Dona Benta pelo Espaço”, na Rádio Cultura, com direção de Monteiro Lobato.

As emissoras do Rio de Janeiro também ofereciam um grande espaço para as crianças. A Rádio Sociedade foi a primeira estação “inventora das aulas de história para crianças”. Beatriz Roquete Pinto, que contava histórias através do “Quarto de hora infantil”. Antes dela,

o programa era comandado pelo professor João Kopke – o vovô –, e a professora Heloisa Alberto Torres – Tia Joana.

Eram comuns as cartas endereçadas aos apresentadores e contadores de histórias, como a menina Lucy de “Nitheroy”, da carta abaixo, que deseja mais tempo para ficar em companhia do rádio e ouvir o fim da história.

Figura 2 - Carta de uma "sobrinha radiofônica" da Tia Joana, Rádio Sociedade, 1926.



Fonte: <http://www.fiocruz.br/radiosociedade/media/A03-0105.pdf>. Acesso em junho, 2015.

Neste mesmo período, Walter Benjamim também estava contando histórias para as crianças na Alemanha. De acordo com a pesquisa de Boxine (2015, p, 150), o filósofo foi autor de diversos programas emitidos na *SüdwestdeutsscherRundfunk*, de Frankfurt, na Alemanha. o que comprova que ele não era um gênio isolado, mas alguém que, junto aos demais, nos faz perceber o quanto a infância estava sendo olhada na década de 1930. Neste período, os programas infantis tinham um tom educativo.

Estes programas infantis foram sofrendo mudanças em sua programação ao longo do tempo. Nos vinte primeiros anos do Rádio, a temática girava em torno da literatura e desenvolvia a imaginação das crianças contando histórias, muitas vezes narradas e desenvolvidas por grandes escritores. Observa-se a transposição da literatura para o rádio, quando verificamos o conteúdo do que era oferecido às crianças.

Pouco tempo depois, outras modalidades vão surgindo, como as transmissões voltadas para os talentos infantis que cantavam, declamavam e também atuavam como locutores, quando as rádios vão incorporando paulatinamente um formato mais comercial, com atrações artísticas e a entrada dos programas humorísticos. A partir de 1938, na Rádio Cruzeiro do Sul, do Rio de Janeiro, o “Programa do Garoto” contava com um teatrinho apresentado pelas próprias crianças. Em 1939, A Rádio Excelsior lançou dois programas: o “Programa da Carochinha” e “Teatro de Brinquedo” sendo, este último, apresentado por crianças de sete a 12 anos.

Coelho (2012 *apud* RIBEIRO, 2015), focaliza em sua tese o trabalho de alguns educadores que se dedicaram ao rádio entre os anos 1935 e 1950, justamente os anos em que o rádio brasileiro consolidou seu perfil comercial. Entre os educadores pesquisados pela autora estão Ariosto Espinheira e Genolino Amado.

Nos anos 1940 e 1950, ainda que programas para crianças com preocupações educativas continuassem a ser veiculados em algumas emissoras – na Rádio MEC, por exemplo, a pianista e compositora Geny Marcondes apresentava, de segunda a sexta, o Reino da Alegria, que tinha "*a preocupação de educar fazendo sorrir*" – prevaleceram as preocupações em ir ao encontro do gosto popular, em função do modelo comercial adotado pelas emissoras (MILANEZ, 2007, *apud* RIBEIRO, 2015, pg.42).

A partir dos anos 50 percebe-se um declínio na programação radiofônica infantil, influenciado pelo crescimento maciço da TV, que herdou os formatos de sucesso do rádio, como programas de auditório, a dramaturgia e os jornalísticos, principalmente (RIBEIRO, 2015, p 68), e o que se encontra são notas esparsas apontando apenas os programas existentes

na grade de emissoras educativas, como João e Maria, Vem Brincar, A Criança, o Maestro e a Música, transmitidos pela Rádio MEC/Rio, Quem Conta um Conto, Roda Gigante, Saci Pererê, produzidos na Rádio Cultura, além de Curumim, o irmão-sem-imagens do programa de televisão do mesmo centro de radiodifusão.

1.2.2 Será que as crianças não ouvem mais rádio?

No *site* Revista Pontocom, o artigo de Ribeiro,¹⁸ responde a esta pergunta refletindo sobre os resultados de dois estudos, realizados no Brasil e na Espanha, que fizeram pesquisas de audiência com crianças de 6 e 11 anos, no Brasil e de 8, 9, 12 e 13 anos, na Espanha. A autora relata que a pesquisa brasileira foi realizada pelo Instituto MultiFocus (especializado em consumo de mídia na infância) em 2003, em quatro capitais (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Curitiba), com 1500 crianças. Segundo a pesquisa, o instituto constatou que 86,5% das crianças de 6 a 11 anos, das classes A, B e C, escutam rádio regularmente; e que quase metade delas escolhe pessoalmente as emissoras.

Já a pesquisa espanhola foi realizada por um grupo de professores da Universidade Autônoma de Barcelona, entre os anos 2006 e 2007, com 212 crianças. Segundo a pesquisa de Ribeiro, o levantamento afirma que, pelo menos, 61% das crianças que responderam aos questionários ouvia rádio regularmente e que 100% da amostragem conhecia o veículo, sabia identificar como usá-lo e tinha conhecimento do tipo de conteúdo que poderia esperar das estações. ‘Audiência escondida’ foi o nome dado à pesquisa realizada pelos professores espanhóis. Escondida, explicavam eles, principalmente porque nenhum instituto de pesquisa sondava o acesso desse segmento ao meio rádio.

Ainda segundo a autora da pesquisa, há um contraponto a esse cenário no Brasil, sobre a ausência de interesse das emissoras abertas em relação ao público infantil: está nos projetos de montagem de rádios escolares, especialmente a partir do Programa do governo Federal Mais Educação, que promove a oferta de atividades extra curriculares, incluindo o rádio escola. Em uma visita à escola, os alunos foram questionados se fora do espaço escolar ouviam rádio. A resposta foi sim, seguido dos nomes das emissoras que escutavam: as de maior audiência no Rio de Janeiro, cuja programação é feita apenas para adultos.

¹⁸ <http://www.revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>

O item que segue apresenta o que vem sendo produzido para e, em alguns casos com crianças.

1.2.3 Referências de programas mais atuais: rádio, *webradio* e *sites* que produzem programas radiofônicos

Acreditando na suposição de que sim, as crianças ouvem rádio, fui em busca do que se produz para e com elas. Localizei programas radiofônicos veiculados em emissoras e divulgados em *sites*, assim como programas já apresentados na linguagem de *webradio*, na base do rádio associado à cibercultura, desde que tivessem interlocução com crianças. Para estes, usei na busca do *Google* a frase: PROGRAMAS DE RÁDIO PARA CRIANÇAS. Sabendo que acessei uma pequena mostra, seguem algumas produções nacionais e internacionais:

- Rádio pipoca

O site veicula pequenas histórias da mitologia universal, adaptadas e narradas em uma linguagem semelhante ao rádio para crianças e adultos. O objetivo deste projeto é despertar o sentido do ouvir e da imaginação. O conceito que norteou o desenvolvimento de tal proposta foi a apresentação de histórias variadas da cultura mundial, o que se assemelha, neste recorte, ao programa Cante e Conte Outra Vez. Este projeto tem o apoio do Governo Estadual de São Paulo, através da Secretaria de Ação Cultural. Ao visitar o *site* mais recentemente, verifiquei que ele não está mais ativo, sendo as histórias veiculadas no *youtube*. (www.radiopipoca.com.br).

Figura 3 - Site do Rádio Pipoca



- Estação brincadeira

O programa Estação Brincadeira pode ser ouvido pela internet - www.radiomec.com.br/online - ou pela programação da emissora, no dial da Rádio MEC (AM 800 kHz). Este projeto tem várias atrações para crianças e tem três horas de duração. Veiculado uma vez por semana, ele se divide em três momentos, com diferentes grupos e atrações. Na estação 1, chamada "Café com Som", apresenta músicas compostas especialmente para crianças introduzidas por três apresentadores mirins. Em "PipoContos", o programa recebe artistas convidados, como Giba Pedroza, que contam histórias. E "Álbum de Figurinhas" apresenta um perfil de artista ou grupo que faz música para crianças, como Hélio Ziskind, músico e compositor de canções para crianças.

A Estação 2 traz mais histórias e brincadeiras. Há perguntas e respostas, entrevistas, radionovela e bate-papo com a dupla do grupo musical Palavra Cantada.

Figura 4 - Logomarca do Estação Brincadeira



- Rádio maluca

Em seguida, a última estação dessa viagem musical acompanha a "Rádio Maluca", um programa de auditório transmitido ao vivo e conduzido pelo ator e cantor Zé Zuca. Ali crianças e adultos brincam de fazer rádio como antigamente. Também é veiculado via *web*, para atingir outras cidades, através da internet: <http://radiomec.com.br/online/index.php>. ou pelo do link estacaobrincadeira.blogspot.com. O programa estava fora do ar devido a problemas de saúde do Zé Zuca, que veio a falecer recentemente.

Figura 5 – Foto do Programa Rádio Maluca na Rádio Nacional ao vivo



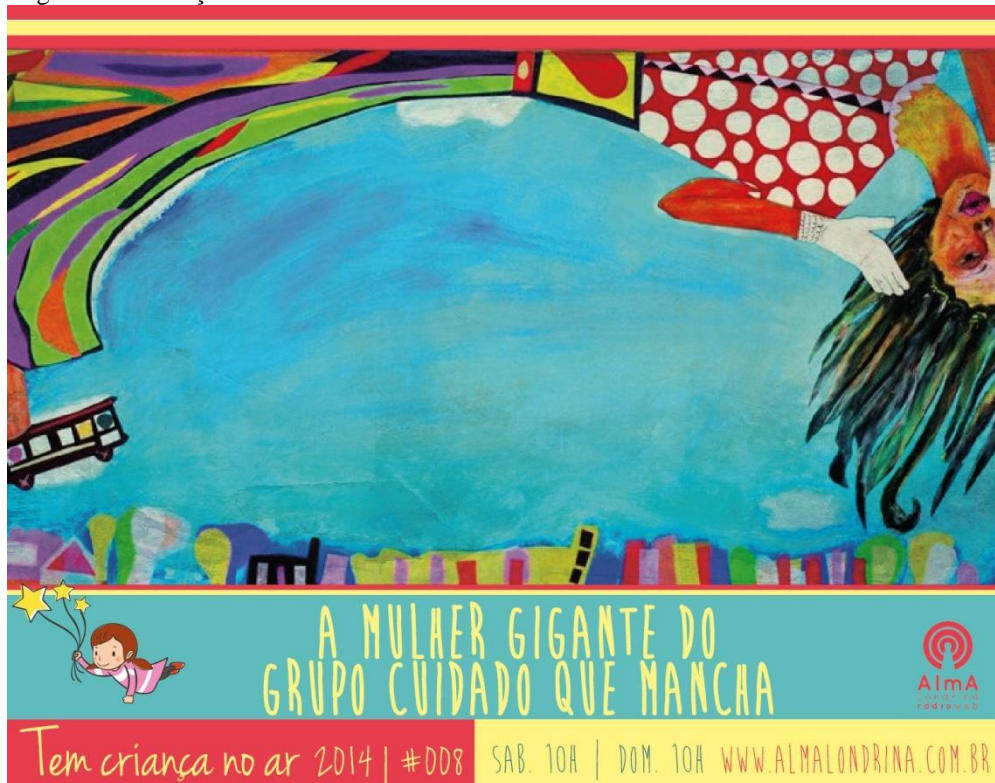
- Tem criança no ar

Nesta sequência da pesquisa, vem este programa, que nasceu na Rádio Universidade de Londrina, com o propósito de mostrar a produção musical de qualidade que tem sido criada ultimamente para crianças. O programa ficou hospedado na emissora da rádio de 2001 a 2004

e agora está em novo endereço, num estúdio com nova tecnologia e novo repertório. O projeto agora se chama *Alma Londrina Rádio Web*, que é uma emissora sem fins lucrativos, de caráter cultural e independente. Começou suas transmissões recentemente em abril de 2012, como iniciativa do Núcleo de Comunicação Popular e Comunitária da Alma (Associação Intercultural de Projetos Sociais).

Utilizando uma estratégia de produção colaborativa e independente, esta emissora trabalha pelo fortalecimento do circuito cultural local e nacional, e para a expansão das possibilidades de criação, expressão, circulação de bens culturais, utilizando o rádio e a internet como mídias potencializadoras de novos processos culturais e sociais. Pode ser acessado em: <http://www.almalondrina.com.br/programas/tem-crianca-no-ar>

Figura 6 - Ilustração da história selecionada



- Rádio casa grande 104.9 FM

É uma rádio comunitária localizada na região do Cariri, sul do Ceará, na Chapada do Araripe. Leva ao ar diariamente, uma programação musical tocando desde o forró de pé de serra à MPB, jazz, blues e instrumental, entre outros estilos, sempre priorizando a qualidade. Seus programadores são crianças e jovens que tem formações nas áreas de programação, sonoplastia, locução, conservação do acervo e gerência. A Casa Grande FM tem como

objetivo a formação de ouvintes. Este programa vem se expandindo a partir da rede de crianças comunicadoras em língua portuguesa, unindo os países: Brasil, Moçambique e Angola com apoio da UNICEF.

Pode ser acessada através do link: <http://www.fundacaocasagrande.org.br/radio.php>

Figura 7 - Estúdio da Rádio Casa Grande FM, 104, 9



- Rádio criança

Esta é uma *Webrádio* com canções da MPB, músicas para dormir e passatempos, como jogo da memória, quebra-cabeça e sete erros. Além disso, divulga os programas da TVE Bahia. Acesso: <http://www.irdeb.ba.gov.br/radiocrianca/#>

Figura 8 - Logomarca do programa Rádio Criança no site



- Programa Serelepe – Uma pitada de música infantil.

Desde 2005 o Programa Serelepe - uma pitada de música infantil vai ao ar pela Rádio UFMG Educativa 104,5 FM, aos sábados e domingos de 9h as 9h30. Pode ser ouvido pela frequência 104,5 FM, se estiver em Belo Horizonte e região metropolitana ou também pela internet. Para o acesso: <http://programaserelepe.blogspot.com.br/p/radio.html>

Inicialmente o programa tinha a duração de aproximadamente sete minutos (era uma pílula radiofônica), que ia ao ar diariamente. Mais tarde passou a ser de uma hora, sendo transmitido apenas aos fins de semana. Atualmente o programa dura 30 minutos.

- Rádio Moçambique

Das rádios internacionais, localizei também um projeto da Unicef, na África, que está no ar desde o ano 2000, chamado Rádio Moçambique, tem o objetivo de criar mais oportunidades para que as crianças e os adolescentes entre dez e dezessete anos possam exercer o seu direito à participação expressando os seus pontos de vista. A Rádio Moçambique tem atualmente cerca de 34 programas para crianças em todo o país africano, difundidos em 18 línguas inclusive o Português. Em 2005, o Fórum de Rádios Comunitárias (FORCOM) juntou-se à iniciativa e iniciou também a produção e apresentação de programas de rádio de criança para criança. Estes são atualmente transmitidos em cerca de 50 rádios comunitárias em todo o país.

Figura 9 - Crianças do programa de rádio de criança para criança da RM na província de Nampula.



- Radijojo

Outra produção internacional é o projeto alemão Radijojo, que foi fundado em 2003 e está baseado em Berlim. No texto do *site* há a informação de que se acredita ser esta a primeira e provavelmente a única rádio internacional feita por e para crianças e adolescentes de três a treze anos. Ainda no *site*, segundo o Srº. Wolfgang J. Fischer, que colabora com a rádio desde 2007, este projeto tem um perfil totalmente não comercial e não possui patrocinadores corporativos, vivendo de fundos públicos e recursos de projetos. Na Radijojo, com ajuda de adultos em algumas partes do processo como, por exemplo, na pós-produção, as crianças são responsáveis por seus próprios programas com conteúdos educacionais e culturais. Acesso em: <http://www.radijojo.de/>

O fundador deste projeto declarou que teve essa ideia por perceber que “não havia bons conteúdos de rádio para crianças”. Como sociólogo e jornalista, decidiu envolver os pequenos colaboradores de escolas e jardins de infância alemães. Em seguida expandiu pelo mundo e hoje há uma rede de trabalho na Índia, Marrocos, Estados Unidos, com crianças trabalhando voluntariamente. Sobre os conteúdos, as crianças são convidadas a dizer como são suas vidas nos países onde vivem, o que gostam de fazer na escola, comentar sobre o ambiente em sua região, sobre as atividades culturais da aldeia ou cidade. Os programas podem ser diretos (ao vivo) ou gravados e podem ser ouvidos na página da internet ou nas rádios escolares, comunitárias e públicas de vários países.

Figura 10 - Aba do site Radijojo para América Latina



- Funkids

É possível ouvir músicas e histórias, *games* e assistir filmes. Tem vasta oferta comercial, com venda de brinquedos e *games*. Disponível em <https://www.funkidslive.com>

Figura 11 - Logomarca do site do Webrádio Fun Kids



- Estação Rádio Educação

A estação Rádio Educação do México, tem uma grande oferta de programas para crianças. Destaco dois deles: *Niño Sapiens*, cuja descrição apresenta o programa com diferentes seções: as entrevistas, com a presença de personagens da vida cotidiana, que podem ser homens, mulheres e crianças; os charlasapiens, um lugar onde se descobre sobre um tema interessante para crianças e adultos. Adivinhar seção, onde se pode testar a imaginação e mobilizar os neurônios; finalmente A notícia inventada, que faz rir. A veiculação acontece aos sábados, pela manhã, no dial 1060 AM Rádio Educação. O slogan diz: “Pois a sabedoria também é uma criança!”

Está disponível em: <http://www.e-radio.edu.mx>

Figura 12 - Logomarca do programa Infantil Niñosapiens da Rádio Educacion do México



Figura 13 - Logomarca do Programa Debajo de mi cama, da Rádio Educacion do México



Da mesma rádio, outro programa que destaco é *Debajo de mi cama*, um programa dedicado à difusão da perspectiva de gênero entre crianças. Um programa que analisa as situações cotidianas na escola e em casa. São incluídos depoimentos de crianças entre cinco e oito anos que contribuem com seus pontos de vista.

- Rádio.LAB

No Sistema de Rádio Cultural Veracruzana, também no México, localizei um Laboratório Radiofônico Musical – RÁDIO.LAB -, produzido pelo Instituto Vera Cruz da Cultura. Lá têm sido feitas oficinas de diferentes períodos da infância com contos e histórias, o que resultou em: “Diga-me...: Histórias de bairro de La Huaca” e “Tales da Costa”. Pode ser acessado em: <http://litorale.com.mx/radio/category/producciones-infantiles/>

Figura 14 - Produção de máscaras para a história "A ilha e o Tesouro" contada no rádio



- Rádio Moussaillons

Na França, localizei o *Webradio*, lançado em 2011, que se apresenta como rádio para crianças. Disponibiliza programas e educação cultural, com conteúdos sobre animais, instrumentos musicais, diferentes línguas, adequados para crianças e seus pais. Pode ser acessado pelo *site*, por telefone ou através de um link para o *iphone*. <http://radio-moussaillons.fr/pages/player.php>

Figura 15 - Página de orientação para a escuta dos programas

RADIO MOUSSAILLONS[®].fr

Ecouter a la Maison

écoutez

avec un ordinateur :



ou



: cliquez sur le coffre fort



Astuces :

verrifiez la mise à jour de votre lecteur Flash (compatible mac)



www.adobe.com/fr

- Radio.fr en 1 clic :



- **Liveradio** est le portail de référence des radio du web.
enregistrez radio moussaillons dans vos favoris,
écoutez votre radio préférée en qualité CD.



- Rádio Crianças

Na Argentina, localizei o Rádio Crianças, que foi criado em 1995. Esta rádio apresenta-se como a primeira e única estação para as crianças e suas famílias em Mar del Plata, Buenos Aires, Argentina. Relata ser uma das poucas rádios do mundo inteiramente dedicado às crianças, com uma programação toda 24 horas por dia exclusivamente para eles e suas famílias. Já foi reconhecida com premiações: Faro de Oro, uma Gaviota de Oro, e outros cinco prêmios de Radio Alternativas e outras citações para o trabalho da comunidade para com as crianças. Reconhecida em 2013 e 2014 pela Câmara dos Deputados Gabinete e do Ministério do Desenvolvimento Social da Nação. Diz no *site* que, pela primeira vez, há um meio alternativo para este segmento de público compreendido entre um e quinze anos. É um rádio musical, cultural e educativo, recreativo, interativo com a participação de crianças e suas famílias.

Disponível em: www.radiokids.com.ar. Tem como *jingle* a chamada abaixo descrita:

Figura 16 - Crianças participando de oficina de rádio, que depois vai ao ar.

90.5 Radio Kids, la radio que te ve crecer

AHORA HAY UN LUGAR EXCLUSIVO Y DIFERENTE PARA
ENTRENAMIENTO INFANTIL...**RADIO KIDS**



- Rádio dos Miúdos Fantásticos

Em Portugal, também existem programas em que os mais novos são o centro das atenções. É o caso da RDMF, um programa de rádio realizado exclusivamente por jovens entre os 6 e os 9 anos com coordenação de Bruno Simões.

O programa vai para o ar aos domingos entre 13h e 14h, na Rádio Universidade Coimbra (RUC). A elaboração de um programa da RDMF passa pelo universo quase total do que é uma rádio criando, assim, uma rádio dentro de outra rádio. Neste contexto, a RDMF é uma rádio completa onde os miúdos fantásticos, durante uma hora, expõem toda a sua imaginação.

Dentro da RDMF, encontram-se as notícias, o programa de desporto (Apito Dourado), o programa de entrevistas, debates e opiniões (Eu, tu, ele, nós, vós, eles), o teatro radiofónico (Pátio dos Piolhinhos), o programa de música (Nota F.) onde os miúdos fantásticos exibem os seus dotes vocais e artísticos, o programa de anedotas e adivinhas (Hora da Risota), o programa de estórias e fantasias (Hora do Conto), os anúncios, o programa de cinema (ecrã mágico), o Mundo Animal (programa sobre animais) o Jogo do Sabichão, o Ranking dos Desenhos Animados e tudo mais que uma cabeça fervilhante possa imaginar. É possível acessar e baixar programas anteriores.

Acesso em: <http://radiodosmiudosfantasticos.blogspot.com.br/>

Figura 17- Destaque do Programa Rádio dos Miúdos Fantásticos no site

**RÁDIO DOS MIÚDOS
FANTÁSTICOS**

**No AR desde 2004: UMA HORA DE RÁDIO REALIZADA
INTEIRAMENTE POR CRIANÇAS!**

Um programa de BRUNO SIMÕES na Rádio Universidade de Coimbra
 Autoria | crianças que frequentam o CATL da EB1 Quinta das Flores, Coimbra.
 Periodicidade | Domingos entre as 14h e as 15h, Rádio Universidade de
 Coimbra, 107.9FM

Figura 18 - Imagem do Blog do Programa de Rádio



1.3 Rádios comunitárias

Estudos relatam que no Brasil, junto com a chegada da radiodifusão oficial em 1922¹⁹, emissoras não oficiais entraram em funcionamento em diversos pontos do país e do mundo antes de uma legislação que as regulamentasse, sendo marcadas como “livres”, “clandestinas”, “piratas” ou “comunitárias”, de acordo com os estudos de Cogo (1998) e Souza (1997). As primeiras notícias a respeito do veículo dão conta que em Recife, em abril de 1919, alguns amadores realizam experiências com um transmissor de rádio importado da França, que logo se transformaria na Rádio Clube de Pernambuco.

Historicamente, tais rádios livres tinham a intenção de ser uma alternativa ao monopólio estatal de controle da radiodifusão, propondo contrainformação, contracultura e autogestão, e também representavam demandas de lideranças, comunidades e movimentos populares organizados. Sobre as Rádios livres nos Estados Unidos, Souza diz:

¹⁹ No dia 7 de setembro de 1922, o discurso do presidente Epitácio Pessoa, em comemoração ao Centenário da Independência, deu início a primeira transmissão radiofônica oficial no Brasil, através de equipamentos importados especialmente para o evento. Foram colocados 80 receptores em pontos estratégicos, para que o som fosse captado em diversos pontos da sociedade carioca e a transmissão foi feita no Morro do Corcovado, no Rio de Janeiro. Souza, p 28, 1995.

As transmissões não autorizadas começam já na década de 20. A pioneira foi a WUMS, do Estado de Ohio, começando a operar em 1925 e existindo por mais de cinquenta anos, enfrentando a perseguição das autoridades. Na década de 30, o Texas é palco da proliferação de rádios livres porque "os locutores diziam que suas transmissões eram de potência tão baixa que não cruzavam as divisas estaduais, e, por isso, não caíam sob o controle federal."⁴² As rádios são fechadas em 1934 e, depois de um período de refluxo que dura trinta anos, elas voltam a transmitir regularmente nos anos 60, chegando ao número de 10 em todo o país. As rádios americanas tentam parecer oficiais, com venda de espaços publicitários. Em 88, há pelo menos 30 emissoras não oficiais, operadas geralmente por uma pessoa. Os transmissores são adaptados de equipamentos de radioamadores e emitem em Ondas Curtas, FM e em 1620 kHz. "Evitam a interferência em outras emissoras, mas ostentam orgulhosamente a sua desobediência total às leis da radiodifusão. (SOUZA, p 25, 1995)

1.3.1 Rádios Livres, piratas, clandestinas e comunitárias

Importa comentar sobre as nomenclaturas: muitas vezes estas emissoras foram chamadas de “rádio pirata”, um termo generalizante para qualquer rádio livre, e que é simpaticamente aceito por alguns radiocomunicadores, por ter sido comparada com os corsários desde o final da década de cinquenta na Inglaterra, quando algumas emissoras foram instaladas dentro de barcos, transmitindo, assim, fora dos territórios para escapar do âmbito estatal, na tentativa de combater o monopólio das telecomunicações representado pela BBC (British Broadcasting Corporation). Surge a comparação, apesar de, diferentemente das rádios livres e comunitárias, terem caráter comercial. Daí nasce a tentativa das autoridades e dos grandes monopólios da comunicação de desqualificar o movimento das rádios não comerciais, rotulando-as como “*as piratas que derrubam aviões*” (PERUZZO, 2005).

Apresentaram-se como Rádio Cornetas, quando estiveram *em cidades de interior ou nas feiras e ruas de comércio popular. Propagavam notícias, músicas e publicidade através de fios e cabos ligados a alto-falantes ou cornetas*, escreveu Luz (2007). Em seus curtos roteiros, cabem serviços de utilidade pública prestados à comunidade, mas em contrapartida, não se pode mudar a estação, que coloca no ar o gosto do operador para quem quer e quem não quer ouvir. Este sistema pertence, em geral, a pessoas de poucos recursos, que vendem seus espaços aos anunciantes locais e mantém em seu formato, sua contribuição à democratização da comunicação.

Podem ser conhecidas como Rádios Comunitárias, quando representam indivíduos ou grupos com interesses voltados para o coletivo. Estas surgiram no interior de movimentos

sociais, em meio a uma conjuntura de profunda insatisfação popular, atrelada às restrições na liberdade de expressão, particularmente nos países latino americanos no período pós-ditaduras militares, deflagrando o processo de democratização dos meios de comunicação. Basicamente referem-se ao direito de divulgação das ideias usando a radiodifusão, para que o veículo seja um meio, um instrumento e não um fim (SOUZA, 1997). Mais recentemente, vêm sendo chamadas também de Rádio Cidadã, quando em suas transmissões priorizam ou incluem questões de cidadania, meio ambiente, saúde e educação.

Durante a ditadura militar, não só as rádios, mas toda imprensa brasileira sofreu com o silenciamento forçado. A partir daí, nasceram os movimentos clandestinos, com a formação do primeiro Conselho de Rádios Clandestinas, na tentativa de juntar emissoras de vários Estados. No fim da ditadura, o debate sobre o movimento pela democratização das rádios reacende com a participação majoritária de estudantes e partidos políticos. As rádios livres europeias influenciam o movimento brasileiro, trazido principalmente pelas palestras do filósofo francês Félix Guatarri, no início dos anos oitenta (SOUZA, 1997).

Vale comentar que, antes da Lei que regulamenta as rádios ser aprovada, o processo de oficialização das emissoras acontecia por meio de concorrência, quando as propostas eram analisadas e encaminhadas para a decisão superior, no caso o Ministro das Comunicações, para emissoras de OM e FM (por dez anos) e o Presidente da República, sobre concessões de TV (por quinze anos). Os critérios definidos e exigidos não eram seguidos, sendo inesquecível a célebre frase do então Ministro das Comunicações, Antônio Carlos Magalhães, “preferimos dar as TVs e rádios aos amigos” (SOUZA, p 35, 1995), numa explícita manifestação de troca de favores, o conhecido favorecimento político.

Um mês antes da votação da Constituinte, os parlamentares foram agraciados com um escandaloso festival de concessões. Diz a pesquisa de Souza que, *o governo do Presidente Sarney, em troca da votação dos cinco anos de mandato para a Presidência da República distribuiu trezentos e trinta e nove canais de rádio e vinte e nove de TV, que se somavam a outras quinhentos e vinte e sete outorgas realizadas em seu governo.* (SOUZA, p 35, 1995)

Até os anos 90, quase tudo foi fora da lei, com muita resistência intercalada com os tempos de silêncio. Esta resistência, segundo Costa (2013), representou, em números, aproximadamente trinta mil emissoras ativas no país. A metade delas pertencendo a Igrejas Evangélicas, a outra, nas mãos de políticos locais ou outros grupos com propósitos distantes da democratização da comunicação. Uma menor parte é irregular e, em sua maioria, está nas

favelas, nas comunidades periféricas e pertence a grupos populares de baixa renda, os “fora da lei”.

É deste lugar de “fora da lei” e de “resistência” que as emissoras comunitárias abrem seus microfones para grupos apartados da mídia comercial. Seu caráter transgressor carrega pessoas, mas também grupos organizados como sindicatos, movimentos, associações, grêmios, determinados a fazerem-se ouvir. As múltiplas linguagens sonoras que por elas passam retratam os tantos outros que habitam seu pequeno, porém intenso raio de abrangência. São mundos que falam para outros mundos por meio de experiências cotidianas e singulares de puro protagonismo e de luta por espaço, desde que seja aberto a todas as crenças, posicionamentos políticos e expressões culturais, evitando atitudes preconceituosas ou depreciativas. Não raramente, continuam tendo suas vozes caladas pelas não regulamentações de seus espaços de comunicação.

De acordo com Teixeira (2003), em 1996,²⁰ aproximadamente cinco mil emissoras de rádio de baixa potência de todo o país fizeram uma mobilização no Congresso Nacional reivindicando a aprovação de uma lei de regulamentação da radiodifusão comunitária.

A Lei nº 9.612 foi aprovada dois anos depois, em fevereiro de 1998, instituindo o serviço de radiodifusão comunitária. De acordo com o Artigo 1º dessa lei “Denomina-se Serviço de Radiodifusão Comunitária a radiodifusão sonora, em frequência modulada, operada em baixa potência e cobertura restrita, outorgada a fundações e associações comunitárias sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço”. Por meio do Decreto nº 2615, aprovado em junho do mesmo ano, foi estabelecido o regulamento desse serviço. Seu caráter limitante restringe o alcance a 1 km de raio e potência de 25 watts.

Contudo, Costa (2013) salienta que 70% dos parlamentares, membros da comissão envolvida com esse assunto, era composta por donos ou pessoas que tinham interesses indiretos em empresas de rádio e televisão, o que fez com que fossem criadas exigências sobre a proibição de publicidade (Artigo 18º) e de formação de redes (Artigo 16º), o que praticamente inviabiliza a sustentabilidade das emissoras.

A AMARC Brasil,²¹ em seus cadastros, reconhece mais de quatro mil emissoras comunitárias, livres ou cidadãs espalhadas pelo país,²² formando uma importante paisagem de

²⁰ Desde 1990 surgem os pré-comitês pela Democratização dos Meios de Comunicação. Em 1993 o movimento de rádios livres entra para a coordenação do Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação e elabora as propostas para o projeto de lei. Das propostas levadas ao congresso, apenas 10% foi aprovada. (COSTA, 2013)

²¹ Associação Mundial de Rádios Comunitárias no Brasil. <http://amarcbrasil.org/>. Esta associação agrupa rádios

radiodifusão no cenário mundial. Estão nas aldeias amazônicas, nas cidades no interior do sertão, nas vilas de pescadores, nos centros históricos, nas comunidades e periferias urbanas e onde mais seja possível um meio acessível, prático e divertido como o rádio para sonorizar e organizar de forma participativa a vida cotidiana.

Para além deste cenário, há também aquele campo minado e bem menos florido de emissoras que se dizem comunitárias, mas que em suas práticas estão comprometidas com seus anunciantes, seus padrinhos políticos ou seus mentores espirituais. Uma arena onde a disputa por espaços de comunicação popular e comunitária, por vezes, revela os que se autodenominam comunitários, mas que, em muitos casos, são rádios comerciais e acabam se revelando, com o tempo, sem as características reivindicativas e emancipatórias de uma emissora comunitária.

1.4 A rádio comunidade Friburgo 104,9 FM: “Era um transmissor bem mequetrefe”.

Para compartilhar alguns olhares possíveis sobre a história da Rádio Comunidade, esquivei-me das fontes oficiais, fossem elas dos membros da diretoria atual ou de outras gestões, que veem a rádio por um prisma que não é o mesmo de quem apresenta programas ou está nas mesas de transmissão diariamente. Campo fértil para uma história vista com olhos benjaminianos está nos relatos destes radiocomunicadores populares e dos ouvintes que enfrentam os desafios e os prazeres da prática do fazer o rádio nosso de cada dia. Busco na leitura das Teses de Benjamin²³ inspiração para um olhar apurado que revele o “ponto de vista dos vencidos” e, para isso, me sirvo de um dos seus conceitos primordiais, que é o da rememoração. Olhar para o passado com vistas a uma ação que se realize no presente. Não

comunitárias, federações e aliados de 115 países, tendo sede e fundação no Canadá. Desde 1983 vem promovendo fóruns de discussão itinerantes na Irlanda, Senegal, México, Itália, Nepal, Jordânia e a mais recente e 1ª na América Latina, na Argentina.

²² Número apontado na introdução da publicação *11 VEZES RÁDIO COMUNITÁRIA – Diferentes pontos de vista sobre déficits democráticos do meio de comunicação mais popular do mundo* da AMARC.

²³ As Teses “Sobre o Conceito de História” de Walter Benjamin foram escritas em 1940, sendo estes seus últimos escritos e aqueles que expressaram seu pensamento premonitório e crítico sobre os trágicos caminhos que se desenhavam na história. Michael Löwi, em seu livro *Walter Benjamin: Aviso de incêndio. Uma leitura das Teses “Sobre o conceito de História”* compartilha suas interpretações para tais Teses, deixando claro a vocação dos textos em suscitar outros olhares e pontos de vista.

apenas evocar as memórias, nem conservando este passado, mas vislumbrando perceber um outro passado e promover mudanças no presente.

1.4.1 A cidade e o bairro

Apesar de a fonte oficial dizer diferente, ouve-se em alguns programas de debates da rádio que, em termos de população, somamos mais de 200 mil habitantes, espalhados em oito distritos e uma infinidade de bairros. No alcance da Rádio Comunidade, temos os seguintes bairros e comunidades, segundo o retorno de ouvintes e opinião de apresentadores: Braunes, Centro, Cordoeira, Catarcione, Vila Amélia, Tingli, Perissê, Duas Pedras, Chácara do Paraíso, Cônego, Cascatinha, Nova Suíça, Mury, Ponte da Saudade, Varginha, Village, Ypu, Paissandu.

No contexto mercadológico, de um modo em geral, a cidade é conhecida como polo industrial de moda íntima, “Capital Nacional da moda Íntima”, mas fala-se que há mais confecções clandestinas e fábricas do que grandes indústrias do vestuário.

Sobre a cidade, Eduardo, que apresenta um programa de humor chamado “Maionese não é bigorna” desde meados dos anos noventa, comenta que, em sua opinião, Friburgo é uma *cidade extremamente conservadora...uma cidade que tem muito pouco espaço pra alguém que tenha algum tipo de trabalho diferente, né? Existe pouco espaço pra quem chega querendo fazer alguma coisa que não tá nessa linha* (mais conservadora).

1.4.2 Como tudo começou

Sintonizando na estação de rádio FM 104,9 do bairro das Braunes, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro pode-se ouvir um porteiro, uma dona de casa, um advogado, uma mãe de santo, um professor, umas crianças, uma cantora, um médico, um grupo de estudantes, um comerciante, um padre, um DJ, um casal aposentado, um *funkeiro* ou um pastor que, semanalmente, vêm formando um mosaico que delineia o corpo dessa emissora comunitária. São moradores dos bairros periféricos à rádio, que foram chegando, cada um em seu momento

e com seu interesse específico – musical, militante, de entretenimento, ou ambos – cujo sentimento comum é o acolhimento neste espaço híbrido que é uma emissora comunitária.

Essas e outras vozes já foram caladas diversas vezes pela não regulamentação do Ministério das Comunicações, desde que abriu seus microfones pela primeira vez, em 1993. No ar desde então, a Rádio Comunidade Friburgo 104,9 FM iniciou suas atividades motivada pelas ondas do grande evento ambiental ECO 92, no Rio de Janeiro, em que se compartilhava o anseio coletivo de se fazer algo voltado para o bem comum. O evento foi o embrião da formação de diversas ONGs e movimentos comunitários no país, muitos deles com forte inclinação ambientalista, como a ONG PREÁ (Programa Rural de Educação Ambiental) de Nova Friburgo, que lançou um projeto para que mulheres de diferentes partes do mesmo bairro rural pudessem trocar receitas e falar entre si por meio de rádio corneta ou rádio-poste. Este foi o passo primeiro da Rádio Comunidade Friburgo, que se constituiu como um Conselho de fundadores formado por, aproximadamente, setenta sócios, distribuídos entre pessoas e grupos organizados interessados em organizar-se comunitariamente.

Em 1995, a rádio recebeu uma outorga provisória, até que se constituísse e fosse aprovada a Lei que regulamenta as rádios comunitárias, o que só aconteceu em 1998. Durante esse tempo, muitos programas entraram e saíram do ar. Alguns começaram nesta época e se mantêm até hoje, como o programa *Black Time*, do apresentador e DJ JB²⁴. Ele conta:

Então por volta de 98 mais ou menos é... eu tive a ideia de tá fazendo uma programação de radio em Friburgo uma programação de radio local, para estar divulgando uma cultura que faz parte da minha vida, praticamente toda minha vida. Eu cresci ouvindo a *black music*. O charme não é só musica estrangeira, é uma cultura suburbana do Rio de Janeiro que hoje se propagou não só pelo Rio de Janeiro, mas tem vários polos pelo nosso país. O principal objetivo do Black Time na 104,9 é a divulgação, a manutenção e a propagação dessa cultura aqui em Friburgo, é a forma dessa cultura, estar respirando aqui em Friburgo entendeu? Outra coisa que me levou à radio comunidade FM, exatamente o próprio esquema dela, né? o próprio slogan dela: *uma radio que dá vez e voz* ou seja uma radio aberta a todas as culturas, religiões, vertentes musicais, é...o Black Time é um programa que tem um compromisso com a cultura Charme com movimentos Black Music de qualidade e na rádio comunidade eu sempre tive, é me senti muito a vontade para estar mostrando essa cultura, sem intromissão sem, é...digamos assim, sem ninguém distorcer o que eu realmente queria mostrar, esse foi um dos objetivos que eu sempre visualizei a Radio Comunidade para tá fazendo minha programação. (Entrevista feita por *whatsapp* em 2015)

²⁴ JB já foi operador de som e atualmente apresenta o programa “Só Charme”

Eduardo²⁵ lembra que *numa radio FM comercial, não é pra você falar nada, é pra você repetir as musicas que tocam em outros lugares. E aí, a pessoa coloca uma propaganda e fica todo mundo feliz. O objetivo não é esse, que as pessoas deem sua opinião.* Sobre seu programa, ele diz:

Embora meu programa seja bizarrice, bobagem, é humor. Eu procuro, em doses homeopáticas, passar alguns recados. E em época de política então...O humor é uma linguagem muito poderosa pra isso. Você dizer certas coisas usando o humor... aquilo parece que ganha uma força. Parece que eu to usando o humor. Mas na verdade não. Tem que ser um equilíbrio de forças. Não é... o mais importante não é o humor. O mais forte não é o recado. É as pessoas gostarem, as pessoas entenderem, assimilarem a linguagem. Então, tem que ter esse cuidado.

O caráter comunitário deste programa se revela na preocupação do apresentador com aquele que ouve. Seu o papel social se torna claro na medida em que ele identifica seu público, o que é possível neste tipo de comunicação.

o nosso publico, é um publico que nessa hora tá trabalhando em confecção, ta na fábrica; não pode falar. Muitos ligam pra gente escondido, que o patrão não pode saber. ...eles ficam esperando a hora do programa que é uma momento que eles relaxam. Tão ali trabalhado, massacrados; porque trabalhar em confecção não é fácil, são muitas horas. E eu percebo que essa hora eles... é... descontarem um pouco. É um momento que torna o dia deles um pouco mais leve.

No ínterim de dez anos, de 1995 até 2005, mesmo com a licença provisória, a rádio sofreu diversas intervenções da Polícia Federal, com apreensão de transmissores e lacre dos equipamentos, como no que aconteceu,

“... em 2003, já tava aquela situação da rádio fechada, estávamos sem dinheiro. E aí eu acabei tendo que participar mais do que eu tinha a intenção, né? Tinha que pagar aluguel, tinha que pagar telefone, tinha que pagar os operadores e a gente tinha que arrumar dinheiro, mesmo com a rádio fechada. E a gente foi a luta! Nós fizemos festa onde o ingresso era revertido pra Rádio, a gente fez adesivo, vendemos camisa. E eu acho que foi um período que a rádio foi mais comunitária do que nunca. Foi na dificuldade as pessoas deixaram de lado suas diferenças pra poder tentar resolver aquela situação inicial. Então nós fizemos na época um evento na praça principal de Friburgo, que é a Praça Getulio Vargas: montamos a Rádio ao vivo ali. Nós ficamos o dia inteiro conversado com as pessoas, dizendo dos problemas que a gente tava passando e as pessoas foram muitos bacanas; “nós vamos dar um jeito, essa rádio não pode fechar”...eles diziam. E a gente conseguiu, a duras penas, fazer com que a rádio voltasse. A gente conseguiu um transmissorzinho muito mequetrefe que tinha uma potencia muito fraca e que dava interferência em tudo quanto era televisão, mas a gente só tinha esse transmissor e foi com ele que a rádio sobreviveu. Um mês pagava aluguel, um mês pagava telefone, outro mês pagava os operadores...” (Eduardo Ramos, apresentador do programa de humor *Maionese não é bigorna*.)

²⁵ Eduardo Ramos é professor de história e apresentador do programa de humor “Maionese não é Bigorna”.

Outra apresentadora que ficou nove anos na Rádio, foi a cantora Denise Pinaud, que relembrou alguns períodos em que fomos fechados por conta da outorga provisória que, após o curto prazo de validade, tornou-se vencida. Sabíamos que não havia uma fiscalização sistemática por parte do governo, que não tinha como acompanhar todas as emissoras comunitárias do país. Entretanto, nós sabíamos que era por meio de denúncias que a Anatel era convocada a nos visitar. Sobre isso, ela disse:

Lembro que as rádios comerciais não gostavam do que fazíamos. Nossa programação era muito boa, conquistávamos mais ouvintes e nossos anúncios, que muitas vezes eram a base de permuta, atraíam os patrocinadores. A forma que tinham de nos calar era através de denúncia à ANATEL, órgão regulador dos veículos de comunicação. Ficávamos sempre muito atentos com qualquer movimento estranho porque a possibilidade de sermos surpreendidos por fiscais e policiais era real, o que muitas vezes trazia problemas para dentro de minha própria casa, na medida em que meu esposo se preocupava com minha segurança. (Entrevista gravada após conversa via *facebook*, em 2014).

Finalmente em 2005 a Radio Comunidade recebeu sua outorga federal definitiva, pelo Ministério das Comunicações, tornando-se uma concessão pública legitimada, que segue todas as determinações que regulam as rádios comunitárias do Brasil.

1.4.3 A grade atual e os programas que já passaram pela rádio:

A grade atual está assim distribuída:

Tabela 1 - Grade de programação atual da Rádio Comunidade (2015)

	2 ^{af}	3 ^{af}	4 ^{af}	5 ^{af}	6 ^{af}	SAB	DOM	
6h	MANHÃ SERTANEJA							
7h								
8h	Abraça Friburgo Angélica e Robson Costa		Comunidade com Saúde Dr. José Luiz	Abraça Friburgo Angélica e Robson Costa	Ler, Ver e ouvir com Silvio Poeta			
9h								
10h	BLOCO MULHER (Saúde)	BLOCO MULHER (Educação)	BLOCO MULHER (sind vestuário)	BLOCO MULHER	BLOCO MULHER (Espiritualidade)	Palavra que liberta		
11h	COMUNIDADE EM DEBATE	COMUNIDADE EM DEBATE (Sinpro)	COMUNIDADE EM DEBATE (Sind Textil)	COMUNIDADE EM DEBATE (profº João)	COMUNIDADE EM DEBATE (Bairros)	Diálogos de Umbanda		
12h	ALMOÇO MUSICAL (Música instrumental)							

13h							
14h						Mora na Filosofia	
15h			Hora do Povo	Maionese não é bigorna	60' com Eduardo Voight	Rádio Teatro	
16h					Chama Cultura	Impactando vidas	
17h	Trigueirinho		Escutado Sentimentos		Trigueirinho		
18h	Cante e Conte Outra Vez	RÁDIO LIVRE	Cante e Conte Outra Vez	Conexão Underground	Sintonia Popular	Irmandade Hasta	
19h	A VOZ DO BRASIL						
20h	Centro Espírita Friburguense			Rock de garagem	Memória Brasil	Clássicos do Rock	
21h							
22h						Black Time	
23h	MUSICAL DA RÁDIO						
24h							

Ao longo de sua trajetória, a rádio teve os seguintes programas, que foram lembrados pelos operadores de som:

1. Comunidade com saúde – Dr. José Luiz conversa sobre hábitos e vida saudáveis;
2. Bloco mulher – Apresentado por cinco mulheres que se revezam com temas específicos a cada dia da semana;
Comunidade em debate – A cada dia da semana, um sindicato ou outra organização envia representantes, que convidam gestores públicos ou outras pessoas para debater assuntos em voga;
3. Diálogos de Umbanda – Claudio Foly apresenta um programa que fala sobre a matriz negra e discute a conjuntura política atual;
4. Almoço musical – musical instrumental, veiculado na hora do almoço. Produzido por Denise Pinaud, que conta: *“Ajudava também na programação musical do "Almoço Musical", programa diário, com uma hora de duração, de meio-dia a uma da tarde, com música instrumental. Não era nada fácil colocar um programa diferente a cada dia, mas fazíamos parcerias com lojas de discos da cidade e assim, permutávamos empréstimo de CDs com divulgação gratuita da loja”*.
5. Amor de pagode – Apresentado por Altiele Franco, musical comentando lançamentos e programação local;

6. Semente brasileira - *“Em 2000 eu entrei na Rádio Comunidade para apresentar um programa chamado Semente Brasileira. Desde novo sou apaixonado por rádio, sempre gostei de rádio, sempre ouvi muito rádio através do meu pai e eu me apaixonei pela Música Popular Brasileira, principalmente pelas antigas, décadas de 30, 20 por tanto sempre fui apaixonado por Noel Rosa, La Martine Babo, Ari Barroso e vivi esse universo. Queria apresentar essas canções, procurava então um canal onde eu pudesse colocar, juntar ação ao pensamento. No Semente Brasileira, eu buscava tocar músicas antigas e explicar o porquê da música e falar do autor. Na minha concepção, falar de artes sem dar o nome do autor é matar a arte, portanto esse tempo que eu apresentei o programa Semente Brasileira e a programação da rádio eu sempre destaquei o autor, o cantor e o autor. (Gustavo Sinder em entrevista via whatsapp, em 2015)*

7. Cantadores e cantorias – Jerônimo Nunes apresenta canções regionais

8. Maionese não é bigorna - Programa semanal de humor, produzido pelo professor de história Eduardo Ramos.

9. Alguém cantando – Denise Pinaud, cantora e socióloga, apresenta música de artistas locais. *“Sempre fui muito ligada à música, tinha vários CDs em casa e assim, resolvi entremear as notícias que lia de jornais e revistas com músicas de meu acervo pessoal. Não demorou muito para este horário se transformar num programa musical que batizei de "Alguém Cantando". Este programa só saiu do ar, quando me mudei da cidade de Nova Friburgo para Niterói”.*

10. Pagode do Franco – musical de pagode

11. Tempo da bossa - Denise Pinaud conta: *Produzi por vários anos, um programa destinado a bossa nova - "Tempo de Bossa", com parceria com a amiga Renata Miguel, operadora de som da RCF. Tínhamos entrevistas de artistas que chegavam à cidade para fazer shows ou, através do híbrido, entravam ao vivo, de onde quer que estivessem. Como tenho uma boa literatura a respeito da BN, muitas vezes escolhia um capítulo de algum livro para divulgar sua história e de seus mais ilustres e, às vezes também, de seus desconhecidos artistas.*

12. Só charme – JB apresenta programa de música charme e divulga o movimento de *Black Music*. Ele diz: *“vai fazer cinco anos que eu tenho esse portal que é www.radioblacktime.com que é uma rádio idealizada com outros DJs, onde eu faço a programação das músicas e faço meu programa também, que é dedicado 24h a cultura Black music; dedicada a cultura Charme: Arembi, o New Soul, a Hip Hop Soul, o Classics Coul, Squaits Sorfs, Loudenis... as vertentes que fazem parte da cultura charme. Toca essas vertentes 24horas, os*

clássicos do Baile do Rio de Janeiro, as musicas que estão tocando na atualidade dos bailes do Rio de Janeiro, no que vem acontecendo nas rádios americanas, e simultaneamente, acontece isso na radio Black Time. Hoje o meu programa é um programa só, que eu faço e eu mando para esse o meu portal que é a radio Black Time onde ele vai ao ar, o programa que o pessoal ouve na web é o mesmo que meus ouvintes ouvem na Radio Comunidade.

13. Ondas progressivas – Lula Siqueira e Danielle El –Jaick apresentam Rock Progressivo
14. Forró da serra - Musical de Forró
15. Sala de visitas – Mirtes Godoy entrevista convidados
16. Clube dos amigos do jazz – Musical apresentado por um ouvinte
17. Cante e conte outra vez – Programa infantil (foco dessa pesquisa)
18. 60 minutos – Notícias locais
19. Trigueirinho – Mensagens Espirituais
20. Assim é Portugal – Música e curiosidades de Portugal
21. Boa Noite MPB - Musical
22. Centro Espírita Friburguense no Ar – Mensagens e estudo da doutrina Espírita
23. Mora na Filosofia – Programa de música e debate apresentado por professores da Faculdade de Filosofia Santa Dorotéia
24. Momento Gospel – Ló apresenta programa Evangélico
25. Conexão Cósmica – Programa místico sobre assuntos diversos
26. Na Cozinha – Programa de culinária
27. Rádio Teatro – JF e grupo de atores apresenta peça teatral ao vivo.
28. Sintonia Popular – JF apresenta programa musical
29. Em defesa do consumidor – PROCON apresenta programa sobre a legislação, sobre o consumidor e tira dúvidas no ar.
30. Black Time – Musical do movimento Black Music
31. Debatendo com Denise Lopes – Jornalista comentando fatos e notícias locais, com convidados
32. Hora de crescer interiormente – Programa místico
33. Memória MPB – Musical de Musica Brasileira
34. Madrugada light - musical
35. Escutando sentimentos – programa de apoio espiritual
36. Pisa que eu chuto – Gustavo Sinder conta: *Eu sempre tive uma veia mais para o lado do humor e junto com Carlos Augusto Carneiro, Jerônimo Nunes e Alexandre Lopes, bolamos*

um programa de humor, aí sai dessa veia de musica e passei para o humor, tentando fazer com que o fim de semana de Nova Friburgo fosse mais agradável. O programa Pisa que eu chuto entrou no ar em 2003 e foi até 2009 direto, toda sexta feira. Depois tivemos que dar uma parada e voltamos no finalzinho de 2012... Voltamos com o programa com quadros de imitação, esporte, noticias do dia. Uma programação alegre, diferente, portanto ficamos tanto tempo no ar e com muitas participações, principalmente por telefone e levando convidados, falávamos que sempre estávamos levando uma autoridade um político um musico, um artista da cidade ou simplesmente um latino americano sem dinheiro no bolso como diria Belquior.

O PROGRAMA INFANTIL CANTE E CONTE OUTRA VEZ

Voltando às primeiras linhas deste capítulo, trago resumidamente o programa infantil que foi batizado como “Cante e conte outra vez”²⁶. Vai ao ar semanalmente às 18h. No início de sua veiculação, em 1999, o programa tinha a duração de uma hora, duas vezes por semana, sempre ao vivo. Manteve o mesmo formato, apresentando-se como revista radiofônica,²⁷ com temas diversos, que são distribuídos por alguns blocos/quadros - músicas, histórias, dicas, brincadeiras, receitas, entrevistas. Ao longo do tempo, ocupou horários diferentes na grade de programação (quartas e sextas-feiras e 6^af às 18h; terças-feiras às 14h; segunda às 17h30; atualmente é transmitido às segunda e quarta-feira, às 18h, sendo a quarta-feira uma reprise semanal). Tem a duração de trinta minutos e é apresentado por mim e, em outras vezes, por mim e algumas crianças que chegam comigo, com seus amigos ou por contatos na vizinhança do bairro. É sobre esse assunto que convido você a virar a página, para conversarmos mais profundamente nos próximos capítulos.

²⁶ O nome do programa foi escolhido numa votação e referiu-se a uma coleção de literatura infantil com esse mesmo nome, que foi a primeira doação recebida e muito usada nos primeiros anos do programa.

²⁷ Este formato indica um programa de variedades pela multiplicidade de assuntos abordados. Análogo a uma revista impressa, onde as páginas abordam assuntos variados.

2 SINTONIZANDO EM ESTAÇÕES METODOLÓGICAS

Para a realização desta pesquisa, busquei todo o acervo do programa que tinha guardado ao longo do período em que ele foi apresentado. Localizei algumas pautas e roteiros, além de setenta e sete fitas k-7 com gravações do programa de rádio, que foram regravadas em mp3, buscando melhorar a qualidade sonora. Após a escuta do material, selecionei quarenta e dois programas, usando ainda o critério da qualidade sonora e o conteúdo dos áudios. A partir deles, foi construída uma planilha em que foi possível desmembrar os programas, segmentando-os por assuntos. Este foi o ponto de partida para a construção das categorias e elementos usados no estudo.

Para reconstruir a história da Rádio Comunidade, lancei um convite por e-mail e também na página do *Facebook* da Rádio, convidando quem tivesse interesse de colaborar com a lembrança dos programas que passaram pela emissora. Recebi algumas respostas e, a partir delas, selecionei cinco pessoas adultas, entre operadores de som/sonoplastas e apresentadores de programa que, em encontros presenciais ou por via eletrônica (*Whatsapp*, *Facebook*), se dispuseram a rememorar suas histórias na emissora. São eles:

Denise Pinaud: Cantora e socióloga, Denise apresentou programas na rádio durante nove anos.

JB: Foi operador de som e atualmente apresenta dois programas. Também criou um portal onde coloca músicas 24 horas no ar.

Gustavo Sinder: Foi operador de som e apresentador de dois programas na rádio. Atualmente trabalha numa emissora comercial em Friburgo.

Eduardo Ramos: Professor de História e apresentador de programa de humor na rádio.

João Batista: Porteiro e radiocomunicador há muitos anos. Atuou em Rádios em outros municípios onde residiu. Produziu programas musicais e é profundo conhecedor das rádios comunitárias.

Para revisitar a história do programa infantil, realizei encontros com três moças, hoje adultas, que tinham oito anos, dez anos e dez anos quando eram ouvintes e apresentadoras deste programa, há quinze anos. São elas:

Stephanny: Stephanny tem 26 anos, mora no Rio de Janeiro e é cineasta. Foi vizinha da rádio quando o programa começou. Tinha dez anos e morava no mesmo andar, porta com porta da rádio. Sua mãe estava sempre na emissora e numa destas visitas, junto com a mãe,

Stephanny foi convidada a participar. Conversamos em dois encontros para essa pesquisa. Um no seu trabalho e outro na rádio, num especial de 15 anos de aniversário do programa.

Flora: Flora é minha filha, tem 26 anos e apresentou o programa em 03 fases diferentes. Aos dez anos, dos treze aos dezesseis e aos 25 anos. Seguiu na vida com crianças, mas agora no ofício de enfermeira de UTI Neonatal. Conversamos sobre o programa para esta pesquisa em três encontros.

Catarina: Tem 19 anos e mora no Rio de Janeiro. Era ouvinte do programa. Tinha sete anos quando foi à rádio ler uma história e apresentar o programa comigo. Guardou a gravação deste programa num CD. Conversamos num único encontro, num shopping de Friburgo.

Para o diálogo com os ouvintes e apresentadores atuais, conversei com dez crianças, que são:

Antônia: Antônia tem sete anos, é minha filha mais nova e frequenta a rádio desde muito pequena. Fazia participações esporádicas e, aos poucos, foi ampliando seu envolvimento na produção e apresentação do programa. O programa de rádio contou com a presença dela e de seus amigos da escola, nos últimos quatro anos;

Elis: Elis tem cinco anos e foi ouvinte do programa durante três anos, quando morava em Nova Friburgo. Um mês antes de mudar-se para o Rio de Janeiro, participou de um único programa ao vivo, na comemoração de aniversário de sua prima, também ouvinte. Nosso encontro foi em sua casa nova, no RJ.

Maria Taruman: tem sete anos e é uma amiga mais recente da Antônia. Estudam juntas na Escola Municipal Cecília Meireles. Por ser de Viçosa (cidade da Zona da Mata, no Estado de Minas Gerais), tem um sotaque melodioso e parece exercer uma liderança entre os amigos e amigas. Conversamos para essa pesquisa a caminho da rádio, no carro.

Ester: Tem seis anos e é amiga da escola da Antônia. Foi três vezes apresentar programa na rádio e conversamos para a pesquisa na própria rádio.

Brenda: Irmã da Ester. Tem dez anos e conversou comigo num dia de visita em minha casa, quando veio com a irmã passar o final de semana.

Juliano: Juliano tem sete anos e estuda com Antônia. Gosta de conversar com pessoas conhecidas ou desconhecidas mas, na rádio, fica mais calado, respondendo com poucas palavras, quando fala ao microfone. Nossa conversa foi na minha casa, num dia em que ele veio passar conosco um final de semana;

Clarice: Ela estuda na classe da Antônia e tem sete anos. Conversamos duas vezes para esta pesquisa. Uma na minha casa e outra na rádio. Nos dois encontros, seu irmão Gaspar estava junto.

Gaspar: Gaspar tem nove anos e é irmão mais velho da Clarice e estuda na mesma escola, no 4º ano. Conversamos juntos sobre a pesquisa, em casa e na rádio.

Fernandinha: Estuda na mesma escola, mas é do terceiro ano. Tem oito anos. Conversamos sobre o programa no dia do passeio de carro, quando ouvimos o programa. Foi à rádio uma única vez apresentar o programa conosco.

Julia Sinder: Julia tem sete anos, também é amiga de escola da Antônia. Já foi várias vezes à rádio apresentar o programa com a Antônia e, para a pesquisa, conversamos no carro, no caminho para a rádio, num dia de apresentação do programa.

2.1 Estação infâncias

Lugar de criança é na família, é na escola e na comunidade

Lugar de criança não é na porta da escola, (voz de criança)

Lugar de criança não é vendendo bala no sinal, (voz de criança)

Lugar de criança é na família, é na escola, é na comunidade”²⁸

*(Campanha produzida pelo Criar Brasil, usada no programa infantil
várias vezes)*

Na opção por trabalhar com a infância contemporânea como temática nesta pesquisa, parto de uma discussão recentemente circunscrita em diversas áreas das ciências humanas. Nela, os autores vêm rompendo com a visão moderna e adultocêntrica que generaliza, ao mesmo tempo em que incapacita, a infância, como bem nos diz Macedo (2014, p 122),

²⁸ O CRIAR BRASIL – Centro de Imprensa, Assessoria e Rádio - é uma organização não governamental que atua pela democratização da comunicação desde 1994. Esta vinheta é material radiofônico produzido por esta ONG, direcionado para as mais de 1.500 emissoras rádios comunitárias e foi muitas vezes veiculado como campanha no programa infantil.. Entre outras ações, produz material de campanhas para movimentos sociais, para ser veiculado em emissoras comunitárias, como: rádio novelas, vinhetas e campanhas, sobre temáticas de interesse público.
<http://www.criarbrasil.org.br/producoes/audio.asp?filtrar=14>.

quando a situa como um ser passivo, carente de tutela e proteção e que precisa superar etapas em seu desenvolvimento, todo seccionado em áreas de saberes específicos. Para se desenvolver, essa criança teria, no outro extremo, um adulto completo, como a possibilidade de conduzi-la na superação das características ditas infantis em direção à razão adulta (CASTRO, 2002).

Esse conceito de infância, com o qual nos habituamos a conviver, é aquele mesmo representado na vinheta transcrita na abertura deste tópico e coaduna com os fundamentos que Solange Jobim e Souza (2001) explica terem sido intencionalmente construídos no cerne das teorias desenvolvimentistas. Justifica os comportamentos de acordo com as etapas cronológicas, impedindo-as de serem vistas por inteiro, para que correspondessem às expectativas políticas, econômicas e culturais do progresso e do capitalismo ocidental. Desta forma, tornava-se turva a imagem da criança *por inteiro, como membro de uma classe social situada histórica, social e culturalmente* (2001,p 45).

É alinhado nesta ideia generalizante, ainda que com o intuito da garantia de direitos, que este conceito de infância, supostamente universal, se instaurou de forma “legítima” por meio da Convenção dos Direitos da Criança em 1989,²⁹ reforçando a ideia de um tipo único de sociedade e de cultura (CASTRO, 2002, p 51), abafando outras formas de organização social, *aniquilando culturas e particularidades* (CASTRO, 2002, p 51).

Por outro lado, fomenta-se a ideia da morte da infância, alardeada pelo status da criança consumidora, que sai da invisibilidade e surge competindo nas escolhas, de igual para igual, com os adultos. Desta forma, numa condição adultizada, perderia a inocência daquela infância, daí seu desaparecimento. Ora adultizada, ora infantilizada, há de se concordar com Castro (2002) que defende o fim/morte desta infância universal enunciada sempre pelo adulto. Por um adulto também considerado universal: o branco, europeu, colonizador que criou a ideia da criança modelada de acordo com seus padrões. O mesmo que também emudeceu durante séculos as mulheres, os negros, os índios e tantas outras minorias.

Com todas essas nuances características da era moderna, o campo dos estudos da infância foi adentrando a contemporaneidade contrariamente à ideia da morte e do silêncio da infância, como vem sendo amplamente apontado nas pesquisas mais recentes. Vem sendo enriquecido e ampliado o debate no reconhecimento das diferentes maneiras de ser criança,

²⁹ A Declaração de Genebra sobre os Direitos da Criança foi criada em 1924 e depois foi adaptada em 1959 pela Assembleia das Nações Unidas. Novamente, a Convenção sobre os Direitos da Criança foi adaptada pela Assembleia Geral nas Nações Unidas em 20 de Novembro de 1989 e ratificada por Portugal em 21 de Setembro de 1990.

valorizando a diversidade de contextos e as infinitas possibilidades para além dos conhecimentos já produzidos, buscando não mais separar o biológico, o cognitivo, o social (BUSS-SIMÃO, 2005). Reflete-se sobre a ideia de uma sociedade não mais em reprodução, mas em constante produção, com seus indivíduos mais em ação do que em recepção. Ora, se entre estes atores estão as crianças, elas também produzem conhecimento, cultura e também compartilham suas percepções do mundo, entre si e com os adultos.

No fragmento abaixo, compartilho um dos diálogos com dois interlocutores desta pesquisa, Antônia (sete anos) e Juliano (sete anos), quando conversávamos sobre conteúdos para o programa:

[...] **Fernanda:** agora, que coisas poderiam ter no programa de rádio?
Juliano (7a): o som das abelhas, dos mosquitos, das borboletas dos pássaros...
Fernanda - Boa ideia!
Juliano: É... Latido de cachorro, de gato (logo depois que cachorros começaram a latir na vizinhança).
Antônia (7a): Ventos e som das frutas caindo no chão. Ploc, Ploc... Assim, com a boca.
Fernanda: Ah, que boa ideia! Sons assim com a boca, isso é uma ideia bem legal!
Antônia: É, a gente pode fazer assim: Priririririiri!!, Podemos fazer: Prororororo! Podemos fazer: claclu.
Juliano: Eu também sei fazer esse!!!
Antônia: Eles (os ouvintes) tinham que adivinhar de quais bichos são (os sons).
Fernanda: Ótima ideia! Llegal, ok gente... (Conversa sobre novidades para o programa de rádio, gravada em 12/09/2014)

Busquei compreender modos de perceber a infância no campo da Antropologia da Infância, que sugere estudar a criança em seus diferentes contextos, entendendo ser esta uma das chaves para se conhecer melhor os adultos e as culturas, na medida em que estes, que falam e escrevem sobre o tema, *naturalizam as relações entre os espaços e os poderes e as crianças, não. Estas descortinam valores e relações já consolidadas* (BUSS-SIMÃO, 2005 p 6), possibilitando explicitar aspectos das sociedades imperceptíveis para os adultos.

A autora explica que alguns estudos etnográficos³⁰ desta área apontam para a atuação singular na experiência da infância, que diverge daquela em que se prepara a criança para a vida adulta. Nestes casos, diz ela, são as crianças que, exatamente por esta condição, intermediam facilitando a socialização entre os adultos. No caso de um dos estudos que ela

³⁰ Os estudos a que me refiro estão na íntegra em: texto de Enid Schildkrout (1978): Age of Gender in Hausa society: sócio-economic roles of children in urban Kano, Disponível em: http://www.researchgate.net/publication/258128857_Recommended_Readings_Age_and_Gender_in_Hausa_Society_Socio-economic_Roles_of_Children_in_Urban_Kano (acesso em maio de 2014) e FERNANDES, Florestan . **As trocinhas do Bom Retiro:** contribuições ao estudo folclórico e sociológico da cultura e dos grupos infantis. in: Folclore e mudança social na cidade de São Paulo: Martins Fontes, [1946] (2004)

apresenta, feito por Enid Schildkrout (1978) sobre a infância em Hausa (idem, 2005), tal pesquisa revelou que, naquela sociedade, com a separação das pessoas pelo gênero, apenas no mundo adulto e a autorização de circulação das crianças entre os dois ambientes, eram elas, as crianças, que favoreciam o funcionamento desta sociedade, por meio do intercâmbio na comunicação.

Trazendo a pesquisa brasileira de Florestan Fernandes (1946), a autora apresenta uma experiência de apropriação cultural pelos adultos, intermediada pelas crianças, no caso de pais imigrantes. Por meio de brincadeiras, as crianças criavam suas regras, formavam grupos e organizavam-se democraticamente, sendo elas os elementos de socialização dos adultos, seus pais imigrantes.

Em diferentes contextos e tempos, reconhecemos experiências de inversão de paradigma nos lugares sociais da infância historicamente engessados. Nestes casos, a criança exatamente por seu atributo geracional, reuniu as condições adequadas para sua atuação no contexto social, na relação com o adulto. Em situações do imaginário, outros deslocamentos também são possíveis, como a suposição proposta na entrevista abaixo:

Pergunta do dia : “Se você fosse presidente, o que você faria?”³¹

Se eu fosse presidente eu ia cuidar da cidade. (Luiz Guilherme, cinco anos)

Se eu fosse presidente, eu ia botar mais empregos no país e melhorar e ia situação do povo. (Frederico, oito anos)

Se eu fosse presidente eu ia comprar um monte de presente pros pobres. (Izadora, quatro anos)

Se eu fosse presidente eu ia incentivar a cultura, a ecologia e a educação no Brasil. (Fernandinho, nove anos, Entrevista realizada em julho de 1999, que foi ao ar no 5º programa radiofônico)

Em diálogo com os pensamentos da Sociologia da infância, importou reconhecer nos estudos de Sarmiento (2005 e 2006) o lugar social que cada criança ocupa na sociedade em que está inserida. Assim, quando surgem mudanças na estrutura da vida cotidiana como um todo – familiar, escolar, midiática – também se modificam as representações sociais das infâncias, uma vez que elas *exprimirem a cultura societal em que se inserem* (SARMENTO, 2006, p 12) comprovando, portanto, que estão sempre em relação.

Infâncias existirão enquanto categoria social, independente das crianças que crescem e passam por esta etapa. Logo, podem tanto ser homogêneas – todas as crianças passarão pela infância -, mas também podem ser heterogêneas, uma vez que são muitas infâncias

³¹ Pergunta do dia é um dos quadros do programa, que pode ser feita por meio de entrevistas ou ao vivo, quando as crianças ligam respondendo. Em algumas fases do programa, tivemos parcerias com livrarias e fazíamos um sorteio mensal, entre todas as crianças que ligavam. O sorteado ia à loja escolher e buscar seu prêmio.

entremeadas por outras categorias, como a social, a étnica e a de gênero (SARMENTO, 2006). E sendo *a desigualdade o outro lado da condição social da infância contemporânea*, como bem explica o autor (SARMENTO, 2006), destaca-se a importância para o reconhecimento político desta pluralização dos modos de ser criança: novos papéis e estatutos sociais.

Uma questão central nestes estudos se refere ao incremento comercial para a infância. Ainda que à economia mundial interesse uma só infância globalizada, aquela da modernidade e para quem se destina a propaganda, há de se considerar a resignificação ativa das crianças aos produtos culturais direcionados a elas localmente, *cruzando culturas societárias globalizadas com culturas comunitárias e culturas de pares* (SARMENTO, 2006, p 9), ou seja, apesar de todas consumirem os mesmos produtos, a resignificação destes se dá de formas bem diversas, de acordo com suas experiências singulares e locais.

Pelo conceito de cultura de pares compreende-se tudo aquilo que é aprendido e partilhado comumente entre crianças, de forma interativa (SARMENTO, 2006, p 14). Corsaro (1997) já afirmava, no final do século passado, que é pela cultura de pares, que se dá a apropriação, reinvenção, reprodução de tudo que está a sua volta, criando a necessária sensação de pertencimento pelas crianças. É neste campo também que há a transmissão da cultura infantil, das crianças mais velhas às mais novas, *permitindo a toda infância que se reinvente e recree, recomeçando tudo de novo* (CORSARO, 1997, p 18). Vale afirmar que, na cultura contemporânea, esta interação também se dá na relação intergeracional - com os adultos - particularmente (mas não só) pelas as inovações tecnológicas do mundo globalizado e midiático (SALGADO et al., 2013a, p 1).

Percebo essa ampliação da interação intergeracional envolvendo, por isso, processos de socialização cada vez mais complexos. Vale destacar que o modelo aqui expresso de socialização difere daquele que impunha uma geração sobre outra, de forma verticalizada, dos adultos sobre os mais novos (DELGADO; MULLER, 2005 p 352), mas uma construção com múltiplas negociações entre os atores. Para os sociólogos da Infância, essa interação/socialização é o que define a diferença entre os estudos *com* e não *sobre* crianças.

Com essa aproximação, as fronteiras entre a infância e a idade adulta vêm, então, se diluindo, sendo as experiências das crianças cada vez mais próximas do universo do adulto (SALGADO et al., 2013a), pode-se afirmar que, neste movimento de reprodução e criação, *as crianças não estão simplesmente internalizando a sociedade e a cultura, mas estão ativamente contribuindo para a produção e mudança cultural* (SALGADO et al., p 4).

Importa reconhecer que a ideia de que o devir, antes visto como uma característica exclusiva das infâncias pela sua incompletude, neste caso, é percebido também na vida adulta. Ter em mente, ao longo da pesquisa, essa ideia de que todos partilhamos de um inacabamento, por estarmos em constante formação (DELGADO; MULLER, 2005), foi uma das pistas para a busca de um ambiente alteritário, onde se desenvolveram as negociações e trocas entre nós – adultos e crianças – onde interagimos, disputamos e produzimos cultura (DELGADO; MULLER, 2005, p 353).

Encerrando este tópico, vale comentar que, embora possa parecer repetitivo para os que estão no campo da educação, traçar esse panorama da infância com a contribuição de vários estudiosos deste tema pode ter validade para os pesquisadores de outras áreas, além de possibilitar o entrelaçamento destas ideias e conceitos com o que experimentei no campo e ao longo da pesquisa.

2.2 Ajustando a frequência na pesquisa: alguns conceitos

O inacabamento a que me referi anteriormente me fez buscar, com o outro, a compreensão e o sentido do programa de rádio. Quando este outro é a criança, analisar o caminho que foi sendo construindo sobre os estudos da infância foi fundamental para assumir a minha abordagem de pesquisa-intervenção de caráter etnográfico, apreendendo *a vida, tal como ela é cotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos atores sociais* (SARMENTO apud MULLER, 2005, p 9), neste caso as crianças, por meio da aproximação e interação com as elas. Encontrei-as em diversos momentos, sempre em ambientes conhecidos, para conversar ou para observá-las; fiz anotações no meu diário; usei imagens fotográficas, vídeos e gravações de voz. A tentativa foi de tornar-me *semelhante aos sujeitos pesquisados*, (BUSS-SIMÃO, 2014, p 4), ainda que tenha a clareza de que, como pesquisadora e como adulta, nunca serei mais uma criança. Também vale lembrar que, com toda a participação e interação com elas, a pesquisa foi conduzida e produzida por mim. Sobre esses lugares distintos, Ferreira (2010, p 7-8) lembra que

Creditar as crianças como atores sociais e com o direito de se apresentarem como sujeitos de conhecimento nos seus próprios termos, sendo indissociável do seu reconhecimento como produtoras de sentido é então assumir como legítimas as suas

formas de comunicação e relação, mesmo que estas se expressem diferentemente das que os adultos usam habitualmente, para nelas ser capaz de interpretar, compreender e valorizar os seus aportes como contributos a ter em conta na renovação e reforço dos laços sociais nas comunidades em que participam. Ou seja, as crianças têm “voz” porque têm “coisas” – ideias, opiniões, críticas, experiências,... - a dizer aos adultos, verbalmente ou não, literalmente ou não, mas estes só poderão ter acesso a esse pensamento e conhecimento, se estiverem na disposição de suspender os seus entendimentos e cultura adultos para, na medida do possível, aprenderem com elas e delas e assim compreenderem o sentido das suas interações no contexto dos seus universos específicos.

Durante a pesquisa, a questão intencional de “dar voz às crianças” foi objeto de reflexão, não significando o sentido de permissão da fala, mas reconhecendo que o seu direito de fala não necessita da autorização do adulto para se pronunciar, escolher e definir os assuntos em pauta. De minha parte, importou observar o que e como fazer com aquilo que foi dito, bem como a compreensão sobre aquilo que não foi dito: os silêncios. Aprendi com Buss-Simão *apud* Ferreira (2014) que usar, nos diálogos com as crianças, o termo “como?” no lugar do “o que?” ou “por quê?” como estratégia metodológica, favorece o diálogo e a argumentação das crianças, bem como a necessidade de ampliar o meu olhar e minha escuta atenta para toda a expressividade delas, que não está só na palavra, mas no gesto, na expressão, na movimentação.

Pereira e Souza (1998) também ajudaram na percepção de uma resignificação do encontro adulto-criança, numa perspectiva bakhtiniana de alteridade, que propõe o reconhecimento da diferença do outro como possibilidade de perceber nossa própria incompletude. Concordo quando elas afirmam que é no diálogo com a criança, que uma conversa interna acontece entre o adulto e sua própria criança construindo tal relação de alteridade, pois *quando o adulto fala da sua infância, geralmente se reporta à experiência do outro e dificilmente se reconhece nesta história, como se a criança que habita o adulto não encontrasse mais palavras para dar conta desta experiência esquecida* (p 38-40). É no encontro baseado no princípio da alteridade que essa possibilidade se concretiza, *buscando, nesse diálogo, compreender os sentidos atribuídos a esse tempo de vida tanto por aqueles que hoje a vivem – as crianças –, quanto por aqueles que já a viveram – os adultos* (SALGADO et al., 2013a, p 47).

Outra questão posta foi a ambiguidade em estar pesquisadora e radialista na construção do caminho metodológico, sendo este um desafio constante nesta dupla face durante o percurso da pesquisa. Vivi o que Santos (2012 *apud* DA MATTA, 1978) nos diz sobre *estranhar o familiar*: Estar na mesma emissora e quase sempre com as mesmas crianças

que apresentam comigo o programa provocou em mim um esforço de olhar tudo em volta de outro jeito quando a pesquisa começou. Precisava provocar estranheza num lugar de intimidade. A dimensão complexa sobre essa nova perspectiva foi se desenhando na medida em que decidi ouvir os áudios dos programas antigos, para estar literalmente num outro lugar. Paulatina e estranhamente, algumas questões foram se colocando em relação à produção do programa: a começar pela minha voz (por ser ao vivo, poucas vezes vivi a experiência de me ouvir), em seguida a pauta, a seleção musical e de histórias, as entrevistas e as campanhas. Tudo passou a ser ouvido, sentido e percebido por um outro e desconfortável ângulo. Para a autora, Da Matta (1978, p 144) quer dizer que a *subjetividade do pesquisador e o complexo conjunto de sentimentos que o acompanham durante o trabalho de campo é que pode ressignificar os conceitos e conhecimentos a respeito do seu trabalho como etnólogo*.

Este lugar da estranheza e de ambiguidade é também pensado por AMORIM (2004) como um lugar condicional para que o objeto de pesquisa se (a) firme. A imersão no cotidiano da rádio poderia cegar justamente pelo excesso de familiaridade, portanto para poder (re) traduzi-la, precisaria estranhá-la. *Do familiar ao estranho e vice versa, sucessivamente*. (AMORIM, 2004, p 26).

“Olá criançada! Peço licença para entrar na sua casa, entrar no rádio do seu carro... estou trazendo muitas histórias daqui, do Cante e conte outra vez, um programa infantil **carregadinho** de música, dicas, brincadeiras pra alegrar o **finalzinho** da tarde. Pois é, vamos ficando aqui até às seis horas... então, vai se ajeitando, escolhe uma **almofadinha** gostosa, um **cantinho** especial e convida alguém pra ouvir as histórias com você... E aí? Já se ajeitou no seu **cantinho**? Pois quando a música acabar, a história vai começar” (Abertura do programa/dez 2012)

Este destaque é o trecho inicial de um dos programas, que instaura a tensão provocada por um novo ângulo de observação. Esse deslocamento do lugar de produtora e apresentadora para este lugar (novo) de “ouvinte” só me foi possível pela pesquisa. É onde saio de mim para experimentar um novo recorte e que não será nunca o de um ouvinte pleno. É próximo do de um ouvinte, pois serei sempre apresentadora e os que estão do outro lado serão sempre ouvintes. Para me aproximar deste lugar, procurei ouvir os programas no som do carro e no computador, tentando inicialmente uma escuta despreziosa, neutra, o que, claro, nunca foi possível. Aos poucos fui me dando conta de que, inevitavelmente estava sendo afetada pelo que estava ouvindo naquele momento da pesquisa e que não deveria tentar controlar, julgar, mas tornar claro e consciente para mim, através da escrita e da conversa com os interlocutores. (trecho de diário de campo – julho 2013)

Relatar o desconforto sentido ao ouvir, por exemplo, palavras no diminutivo, como destacado acima na epígrafe e aqui, - *carregadinho – finalzinho – almofadinha – cantinho* - em vários trechos dos programas, foi importante para compreender que, do meu ângulo de

visão, não me dava conta que expressava, por exemplo, um discurso infantilizado sobre as crianças e que foi preciso o outro, neste caso a minha própria voz no áudio, para me dizer sobre a concepção de infância ali impressa na gravação. É o que está em mim, mas que só me pode ser dado ou tornado consciente pelo outro. Diz o autor que *há uma limitação intransponível no meu olhar que só o outro pode preencher* (BAKHTIN, 2003 *apud* JOBIM e SOUZA, 2012, p. 113). É o que Bakhtin chama de excedente de visão, acessível somente por exotopia. Por exotopia entendo este deslocamento da radialista para a “ouvinte”, na condição de pesquisadora, quando pude sair de mim e ir em direção a este outro lugar, e perceber de um ângulo peculiar, uma experiência de quase ouvinte. Essa dimensão de alteridade vivida serve então, com diz Bakhtin, para dar-me forma, como eu ao outro.

Percebo este estudo passeando pelo campo da história cultural, na medida em que relata a história de um programa de rádio com a duração de quinze anos, no qual Peter Burke³² (1992) contribuiu teoricamente com sua concepção de uma “nova história”. Este autor traz como base uma ideia de retorno ao relato, numa tendência ao retorno da narrativa. Ele traz sugestões para que os historiadores contem as histórias incorporando mais de um ponto de vista, que pensem em outras interpretações distintas da que contaram e que abusem de uma densa descrição. Como ele, acredito que toda e qualquer atividade humana tem uma história, e esta crença traz em si uma mudança de paradigma, pois tradicionalmente a única história reconhecida como verdadeira é a história “contada de cima”, aquela que retrata os acontecimentos dos grandes homens, dos estadistas, dos generais como sendo as vozes oficiais, em detrimento da opinião de pessoas comuns. *Ao resto da humanidade*, diz ele, *o papel secundário na trama* (p 12). Este jeito de olhar reconhece como história todo traço e vestígio do que homens e mulheres, adultos ou crianças fazem ou pensam. A história da vida cotidiana é vista, nesta abordagem, como a história verdadeira, o centro a que tudo deve ser relacionado.

O desafio aqui colocado é que essa nova história – a história deste programa de rádio – seja apresentada por outras vozes, compreendendo uma construção cultural em que se oferece outra visão, desta vez “vista de baixo” em contraponto àquela única história oficial, neste caso, se fosse contada apenas por mim.

³² Peter Burke é Docente de História Cultural da Universidade de Cambridge e Membro do Emmanuel College. Escreveu o livro *A Escrita da História: novas perspectivas*, onde desconstrói a ideia da história tradicional, concentrada nos grandes feitos.

“Eu sou uma contadora de histórias e gostaria de contar a vocês algumas histórias pessoais sobre o que eu gosto de chamar “o perigo de uma história única”. Eu cresci num campus universitário no leste da Nigéria... eu fui uma leitora precoce e o que eu lia eram livros infantis britânicos e americanos. Eu também fui uma escritora precoce. E quando comecei a escrever, por volta dos 7 anos, histórias com ilustrações em giz de cera, que minha pobre mãe era obrigada a ler, eu escrevia exatamente os tipos de história que eu lia. Todos os meus personagens eram brancos de olhos azuis. Eles brincavam na neve. Comiam maçãs. Eles falavam muito sobre o tempo, em como era maravilhoso o sol ter aparecido. Além do fato de que morava na Nigéria, eu nunca tinha estado fora da Nigéria. Nós não comíamos maçã, não tínhamos neve e nós nunca falávamos sobre o tempo, porque não era necessário. A meu ver, o que isso demonstra é como nós somos impressionáveis e vulneráveis face a uma história, principalmente quando somos crianças. Porque tudo que eu havia lido eram livros nos quais as personagens eram estrangeiras, eu convenci-me de que os livros, por sua natureza tinham que ser estrangeiros e tinham que ser sobre coisas com as quais eu não podia me identificar. As coisas mudaram quando eu descobri os livros africanos. Não haviam muitos disponíveis e eles não eram tão fáceis de encontrar quanto os livros estrangeiros, mas por causa de alguns autores africanos, eu passei por uma mudança mental em minha percepção da literatura. Eu percebi que pessoas como eu, meninas com a pele da cor de chocolate, cujos cabelos crespos não poderiam fazer rabos de cavalo, também podiam existir na literatura. Eu comecei a escrever sobre coisas que eu reconhecia. Bem, eu amava aqueles livros americanos e britânicos que eu lia, eles mexiam com a minha imaginação, me abriam novos mundos. Mas a consequência inesperada foi que eu não sabia que pessoas como eu podiam existir na literatura. Então, o que a descoberta dos escritores africanos fez por mim foi: salvou-me de ter uma única história sobre o que os livros são. Então, é assim que se cria uma única história: mostre um povo como uma coisa, como somente uma coisa repetidamente e será o que eles se tornarão. É impossível falar sobre uma única história, sem falar sobre poder. Há uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo e a palavra é “nkali”. É um substantivo que livremente se traduz: “ser maior do que o outro”. Como em nossos mundos econômico e político, histórias também são definidas pelo princípio do “nkali”. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazê-la ser a história definitiva daquela pessoa. O poeta palestino Mourid Barghouti escreve que se você quer restituir uma pessoa, o jeito mais simples é contar sua história, e começar com “em segundo lugar”. Comece uma história com as flechas dos nativos americanos, e não com a chegada dos britânicos e você tem uma história totalmente diferente. Comece uma história com o fracasso do estado africano e não com a criação colonial do estado africano e você tem uma história totalmente diferente. A única história cria estereótipos. E o problema com estereótipos não é que eles sejam mentira, mas que eles sejam incompletos. Eles fazer uma história tornar-se única história. A consequência de uma única história é esta: ela rouba das pessoas sua dignidade. Faz o reconhecimento de nossa humanidade compartilhada mais difícil. (O perigo de uma história única, **chimamanda adichie**, <https://www.youtube.com/watch?v=zutlr1zwtey>, acesso em 30 de abril de 2015)

Trouxe para o texto esse fragmento da história que ouvi da romancista Chimamanda por meio de um vídeo no *Youtube*.³³ Esta autora e Peter Burke complementam a ideia

³³ Esse vídeo foi produzido em 2009 pela TED, uma ONG que realiza conferências anuais em que reúne personalidades, escritores e pesquisadores que compartilham suas ideias sobre Tecnologia, Entretenimento e Design - TED. Naquele ano, trouxe a escritora romancista e contadora de histórias nigeriana, Chimamanda Adichie, premiada em três de seus livros, cujas escritas abrangem questões étnicas, de gênero e de identidade. Seus trabalhos estão profundamente conectados a seu país de origem, articulando diferentes experiências de vida e produzindo uma complexa impressão de história e violência. Acesso em março de 2015.

benjaminiana sobre as consequências éticas que se definem de acordo com a forma com que histórias são contadas, aquilo que se destaca, quem as conta, como. Rememorar sobre o que foi e é este programa numa concepção benjaminiana,³⁴ tornou-se tarefa chave para a elaboração desta pesquisa na medida em que, rememorando, tivemos a possibilidade de refazer a história deste programa com os fragmentos dos encontros com as crianças, em seus detalhes. Nas miudezas que fui selecionando, revelou-se a minha ética, a minha visão de infância, assim como todo o material pesquisado pode ser compreendido como partículas do ambiente cultural em que estamos imersos. Falamos de uma leitura alegórica, que não

vê o fenômeno em si, mas em sua capacidade relacional, naquilo que, falando de si, fala de outra coisa que não ele mesmo, fala do todo que se abre. Nisso consiste a leitura alegórica: buscar no fragmento não a explicação que lhe esgota o fenômeno, mas a chave que conduz a buscar dentre as muitas interpretações possíveis, o desenho estético da época e da cultura a que pertence. (PEREIRA, 2012, p 32).

Ancorei-me na filosofia benjaminiana, também pela possibilidade alargada de pensar as dimensões éticas e estéticas para além do conceito modernista (empobrecido) de semelhança, tendo como contraponto outras imagens, como a constelação, a coleção e o mosaico (PEREIRA, 2012, p 34), para olhar o conjunto de setenta e sete programas garimpados aleatoriamente para esta pesquisa e as vozes que lá estavam. Ouvi-los numa perspectiva mais plural possibilitou o meu entendimento sobre as escolhas que podem se mover e recompor, propondo sempre novos olhares.

Benjamim deixa claro em sua obra (1994b, 1993, 1984, 2015) que seu olhar para a infância como memória é alegórico e pretende revelar aspectos da cultura. Neste estudo, pretendi, como ele, através dos relatos de quem foi e quem ainda é criança, rememorar e resignificar esta experiência, pelas vertentes da memória passada e da memória recente. Nesta perspectiva, os participantes da pesquisa foram, então, se desenhando entre os que fazem o programa atualmente e os que participaram anos atrás e hoje são adultos. Busquei também os que participam como ouvintes, mesmo correndo o risco de não encontrá-los em outro momento.

Também com o aporte benjaminiano, atentei para olhar a infância como uma categoria social, com o desafio de ser adulta e pesquisar com crianças, enfrentando as questões da relação geracional, muitas vezes verticalizada, no programa de rádio e na pesquisa; e ainda,

³⁴ Aqui me refiro especialmente com a leitura das Teses sobre o Conceito de História, no livro de Michael Lowy, que consta das referências.

percebê-la também como produção cultural, na tentativa de reconhecer e sair da lógica dos ensinamentos e da pedagogização, no esforço de reconhecer o que produzem as crianças (PEREIRA, 2012, p 41-53). Busquei também manter-me atenta no esforço de não subjulgá-las, não subestimá-las e nem preparar para elas aquilo que o modelo da modernidade considera – ainda - adequado, *caindo na cilada da tirania da artificialização* e da infantilização (idem, p 50). Procurei problematizar minhas práticas toda vez que elas naturalizaram as relações desiguais que existem entre nós, pesquisadora e crianças (CASTRO, 2008), imersa que estou neste *tempo-espaço*.³⁵

Com base nas premissas de Mikhail Bakhtin e de Walter Benjamin, que elegi como teóricos de base e, em diálogo com estudiosos destes autores, fui me aproximando destes tantos *outros* que fizeram e fazem, ouviram e ouvem o programa radiofônico. Neste ponto, como já disse, operei com duas vertentes simultâneas, que foram: analisar os registros midiáticos³⁶ e promover encontros com os participantes/receptores, aqueles que viveram e vivem atualmente alguma experiência com este programa. Todos nós atravessados por nossas lembranças, (re) construindo esta história. Refletir sobre essa memória, das mais antigas às de hoje, daquilo que foi vivido, não é voltar ao passado, mas reconhecer como essa experiência se dá hoje.

Precisei observar também, numa perspectiva midiática, como o programa foi sendo sistematizado e transformado em seu formato, no gênero e em suas principais características ao longo desse tempo, como produção cultural. Para isso, foi necessário adentrar numa discussão sobre mídia no contexto da comunicação contemporânea, para depois compreender também como os programas foram recebidos pelos ouvintes. Os estudos da recepção formaram importante aporte teórico, dentro dos Estudos Culturais.

Parti do conceito de indústria cultural³⁷ concebido no século passado, por volta dos anos 40, no eixo Europa/Estados Unidos, que entendia os bens culturais encarados como mercadorias produzidas para um mercado cada vez mais generalizante, o que favoreceu ao

³⁵ Como disse antes, aqui o termo *espaço-tempo* aparece escrito junto para reforçar a concepção defendida por autores como a professora Doutora Nilda Alves, de que espaço e tempo são indissociáveis, distinguindo da visão polarizante herdada da ciência moderna. (Alves, 2003, p. 66). A profª faz parte da linha de pesquisa Cotidiano, Redes Educativas e Processos Culturais, do Programa de Pós Graduação da UERJ – PROPED.

³⁶ Aqui denomino como registro midiático, os áudios de programas convertidos de fitas k7 para MP3 e os roteiros que foram usados em programas antigos.

³⁷ O conceito de Indústria cultural nasce a partir das ideias produzidas pelos teóricos da Escola de Frankfurt, de origem marxista, ao se deslocarem para os Estados Unidos, no período entre as duas guerras mundiais. Críticos da sociedade de mercado que alienaria os indivíduos Pereira (2008).

surgimento de uma cultura de massa que, conseqüentemente, vulgarizou e degradou a tão valorizada *alta cultura*, como nos diz Pereira, em seu estudo sobre Mídia e Educação. (2009, p 31).

Sobre essa relação cultura-comunicação de massa, vale a pena refletir com WILLIAMS (1979)³⁸ sobre sua elaboração da teoria materialista de cultura. Com ela, compreendo a concepção de Antônio Gramsci sobre o conceito de hegemonia. Segundo esse conceito, o poder das classes dominantes sobre as classes dominadas, dentro do modo de produção capitalista, não reside simplesmente no controle dos aparelhos repressivos do Estado. Se assim fosse, tal poder poderia ser derrotado bastando, para isso, que fosse atacado por uma força armada equivalente ou superior que trabalhasse para a classe oprimida. Mas esse poder, segundo o autor, é garantido fundamentalmente pela "hegemonia" cultural que as classes dominantes exercem sobre as dominadas, através do controle do sistema educacional, das instituições religiosas e dos meios de comunicação. É desta forma que impõe seus valores, significados e crenças a outras classes. Sabe-se também que a percepção e a consciência de si e do mundo não se resumem a tal influencia, o que produz a contra hegemonia, a resistência a este sistema.

Este processo de dominação dos meios de comunicação de massa foi ganhando corpo paralelamente ao enfraquecimento das instituições socializadoras mais tradicionais - a escola e família. Desta forma, a Indústria cultural se fortaleceu ideologicamente na sociedade capitalista baseada no consumo, tendo como disseminação os tais meios de comunicação de massa.

Algumas décadas depois destas formulações, teóricos latino-americanos começam a se questionar sobre o porquê de não se considerar as diferenças socioculturais nesta imposição cultural incentivada pelos meios de comunicação de massa, e se ela tinha realmente essa força manipuladora. Com base nestes questionamentos, a ideia da interatividade emerge e *o foco de atenção do pensamento comunicacional passa a transitar do emissor ao receptor, que passa a ser compreendido como um polo mediador de sentidos* (PEREIRA 2009, p 33). Significa falar de uma transição de foco dos meios para as mediações.

Essa mudança no enfoque, que sai dos meios e dos emissores na direção da mediação e dos receptores, surgiu nos anos 50 na Europa e ficou conhecida como a base dos Estudos

³⁸ Raymond Williams, historiador inglês, expoente do movimento britânico conhecido como Nova Esquerda em seu livro "Marxismo e Literatura", descreve a complexidade de se definir o termo "cultura" sem colocá-lo num contexto histórico específico. Parte da ideia de cultura associada ao cultivo de alguma coisa (como era vista até o séc. XVI) ampliando seu significado para conhecimentos eruditos e depois ao conceito de civilização. Foi incorporando questões relacionadas às artes e aos modos de vida.

Culturais. Teve a contribuição dos teóricos Hoggarr, Williams e Thompson,³⁹ cujos estudos diziam:

O primeiro toma como foco temas - antes desprezados pela academia - ligados à cultura popular e aos meios de comunicação de massa, e através de um estudo qualitativo enxerga ali não apenas submissão, mas também resistências. O segundo faz uma análise histórica do conceito de cultura e chega à ideia de que a 'cultura comum' deve ser encarada como um modo de vida em condições de igualdade com a 'alta cultura'. O terceiro estuda a vida cotidiana da classe trabalhadora britânica e enxerga não apenas submissão econômica, mas também resistências culturais. Estes três trabalhos não estavam articulados nem ligados entre si quando foram realizados. O que havia eram preocupações comuns sobre as relações entre cultura e sociedade. Todos enxergavam uma produção cultural ativa por parte das pessoas/receptores, e não apenas consumo passivo. (PEREIRA, 2010, p 34)

Politicamente, estes estudos estavam ligados aos movimentos sociais e avançavam para além da influência das questões econômicas, levando em conta também aspectos políticos e culturais. Logo depois, avançam para a temática das identidades, das culturas populares e nos anos oitenta ampliam para a questão das audiências dos meios de comunicação, elaborando um Estudo de Recepção.

Na América Latina tais estudos ganham destaque com a *Teoria das Mediações*, de Martin-Barbero (2008). Esta teoria propõe que se preste atenção a tudo o que influencia na interação do receptor com os meios e as mensagens, colocando este receptor no lugar de quem também produz, não mais numa condição passiva, mas em constante troca. Ou seja, a mídia não delimita uma relação unilateral, como se supunha. O foco nesta abordagem é no conceito de mediação, onde mediações

são esse lugar a partir do qual é possível compreender a interação entre o espaço da produção e o da recepção, apontando a necessidade de considerar um sujeito-receptor no processo de comunicação, vislumbrando a criatividade, a inovação, a permanente 'negociação de sentidos' na interação com os meios. (FERREIRA, 2012)

Aqui um trecho de um diálogo com a Flora (26 anos), uma das interlocutoras nesta pesquisa, lembrando quando foi apresentadora do programa em sua fase inicial, experimentando sua condição de emissora e receptora ao mesmo tempo.

³⁹ HOGGART, Richard. *The uses of literacy* (1957); WILLIAMS, Raymond. *Culture and society* (1958); THOMPSON, E. P.. *The making of the english working-class* (1963).

Flora (26a): É... Eu gostava muito de aprender sobre as brincadeiras também e as músicas; então, uma música... Uma coisa que me diverti muito foi quando eu aprendi e dei essa dica para as crianças... Aprendi como fazer a massinha, que é uma coisa que você podia fazer em casa e que eu sempre gostei muito e aí tinha aquela música “como brincar com massa” que eu adorava...

Fernanda: e quando você fala assim das crianças, você também se via como criança?

Flora: me via... Porque como eu me divertia muito, na verdade eu me divertia sempre, até hoje, mas por que eu gosto e canto as músicas até hoje... Maseu participava muito, né? Pra mim, as curiosidades serviam pra mim, as brincadeiras serviam pra mim, as músicas... Então eu me sentia participando muito do programa, pra mim também né? Mas assim, é... Como uma criança! Acho que até como eu me via com meus irmãos, assim né? (Flora tem cinco irmãos mais novos) aquela criança que tem o cuidado com as outras crianças, se preocupar se elas estão gostando, o que elas querem, o que é melhor, essas coisas...

Retornando para o caminho percorrido para este estudo, lembro-me que enfrentei o constante desafio que foi a simultaneidade do fazer, ouvir e escrever sobre o programa de rádio, sendo essa uma das principais tensões e, ao mesmo tempo, oportunidade de olhar por outros ângulos, algo que só poderia ser vivido no acontecimento da pesquisa. Neste caso, percebi que as faces da radialista e da pesquisadora se entrelaçaram e se estranharam ao longo de todo caminho desta pesquisa.

Ainda sobre a pesquisa como um todo, me inspirei no que Bakhtin chamou de responsividade, que pode ser compreendido como o ponto de interseção entre o que está na minha vida, no meu cotidiano, e aquilo que habita nos livros e nos textos. É na consciência desta unidade que tenho alguma chance de construir uma ética nesta pesquisa, em especial com as crianças, e registrar aqui a assinatura do meu pensar. (JOBIM E SOUZA, 2012).

2.3 Ajustando a frequência na pesquisa com as crianças

Quase junto com a escuta dos áudios, passei a pensar nos interlocutores da pesquisa: Como definir quem seriam as crianças com quem dialogar? Como Castro (2008), acredito que uma das condições fundamentais para uma pesquisa implicada na participação igualitária dos sujeitos – adultos e crianças – é incluí-los como parceiros e buscar

construir o dispositivo de pesquisa nos contextos onde as crianças vivem e transitam, ou seja, na espacialidade onde problemas e questões de pesquisa relevantes às suas vidas efetivamente surgem. Significa poder romper com a linha imaginária entre pesquisa ‘pura’, que serve à reprodução institucional do *establishment* da pesquisa e dos seus grupos de interesse majoritários, e a pesquisa

participante que atende às demandas dos grupos (minoritários) com que se envolve. A pesquisa com crianças passa a ser concebida como um dispositivo que se implica nas questões *locais*, emergentes nas espacialidades em que os sujeitos-crianças vivem e habitam, e não com questões tão somente emergentes a partir das espacialidades próprias do pesquisador – sua universidade, sua rede de relações científicas, seu círculo de interesses acadêmicos e assim por diante. (CASTRO, 2008, p. 30)

Partindo desta concepção, elegi os interlocutores tendo como base o critério de familiaridade portanto, busquei pessoas que tivessem alguma relação de intimidade comigo e com o programa, ou seja, ouvintes e apresentadores que já conhecessem este projeto. As crianças com quem dialoguei são apresentadas ao longo do texto, de acordo com suas participações como interlocutores na pesquisa. Minha intenção foi verificar com elas o que pensam sobre o programa de rádio e como percebem suas participações como produtoras e ouvintes.

2.3.1 Apresentando a pesquisa às crianças

Se parto da premissa de que a presente pesquisa se afina à concepção dos estudos *com* e não *sobre* crianças, reconheço-me implicada com o ponto de vista delas, as crianças. Como desdobramento, importou-me olhar com cuidado para algumas questões, como: a apresentação da pesquisa para elas e as questões éticas implicadas na pesquisa *com* crianças.

Para fazer contato com elas como pesquisadora, indagava: Se estivermos na rádio, seria com a radialista essa conversa? Se o encontro fosse em minha casa, a conversa seria com a mãe da amiga? Seria necessário discriminar ou dissociar estes papéis que se aglutinam? Com essas perguntas em mente, decidi iniciar a conversa com cada um deles falando especificamente sobre a pesquisa, antes de abordar o tema em si que, neste caso, tratava-se de ouvir e conversar sobre suas percepções sobre o programa radiofônico.

Decidi que os encontros deveriam ser, sempre que possível, anteriores, durante ou posteriores ao horário do programa, para que o assunto estivesse “aceso” entre eles. Como são crianças com quem conversava regularmente, inclusive sobre o programa de rádio, uma vez que vários deles participam, precisava deixar claro este lugar de coautoria que elas ocupariam nesse trabalho. Sendo assim, após o convite e a aceitação, tinha em mente que deveria explicar-lhes o que iríamos fazer naquele momento e o que eu faria a partir dali, com o

conteúdo do que conversássemos. Para algumas crianças, mostrei o texto de consentimento que escrevi para seus pais, para outras, apenas comentei.

Vale registrar que, em alguns encontros, os diálogos aconteceram em duplas de crianças, tendo a presença da Antônia (sete anos) acompanhando algumas delas, uma vez que, nos últimos anos, a frequência na participação dos programas de rádio contou com a presença dela e de seus amigos da escola. Antônia frequenta a rádio desde três anos. Fazia participações esporádicas e aos poucos foi ampliando seu envolvimento na produção e apresentação do programa.

Do encontro com Elis (cinco anos), trago um fragmento onde explico a pesquisa para ela. Tomar esta decisão e manter esta postura foi determinante para demarcar para ela que estamos em espaços diferentes, mas nossos mundos podem se interpelar, num processo de reflexão e aprendizado constantes, dela para mim, de mim para ela. Mas principalmente demarcar para mim, pois a minha própria experiência de infância poderia me fazer crer que já sabia tudo sobre a dela.

Elis (5a): um dia eu vi o Miguel (primo) tomando um choque... (ao me ver colocando o carregador do celular na tomada)

Fernanda: isso é perigoso... tá vendo isso aqui rodando?

Elis: uhum! (afirmando com a cabeça)

Fernanda: então, isso aqui é o gravador do celular. Ele vai gravar toda a nossa conversa. Aqui vai ficar morando a sua voz e a minha voz. Sabe por quê? Por que eu vou gravar o que a gente ta conversando pra não esquecer nenhuma palavrinha do que a gente falou. Depois vou pegar essa conversa, vou passar ela pro papel, vou escrever... pra eu lembrar de tudo o que você falou. Por que eu to estudando....

Elis: pode sentar (batendo com a mão na cama dela)

Fernanda: mas é que eu tô com roupa de rua..

Elis: tudo bem...

Fernanda: eu sento neste pedacinho aqui ó; que aí eu não vou sujar. Aí, se você quiser pode deitar a cabeça no travesseiro... não quer?

Elis: olha o desenho! (olhando o desenho que eu coloquei como plano de fundo do celular) Deixa eu ver o desenho? (no celular)

Fernanda: esse desenho foi a Antonia que fez.

Elis: como você passou pra aí? (pro celular)

Fernanda: ah... Depois eu vou explicar pra sua mãe. Eu tirei uma foto do desenho e depois coloquei a foto aqui. É uma fada animada, que ela falou.

Fernanda: Então Elis... Essa nossa conversa é pro estudo que eu estou fazendo na minha faculdade. Que eu estou estudando sobre criança: coisas que criança gosta, coisas que criança faz. Porque eu já fui criança, mas eu nem sempre lembro de tudo da vida de criança, só criança mesmo que lembra né? Aí, eu tô conversando com as crianças que fizeram e que ouviram o programa de radio. Você lembra que você ouvia o programa de rádio?

Elis: não é que um dia eu falei no radio?

Desta forma iniciamos nossa conversa, na tentativa de compreender seus pontos de vista em meio ao jeito singular de falar e mexer nas coisas a sua volta enquanto falava ou

mudava de assunto de acordo com alguma intercorrência, como no trecho em destaque abaixo, nesta mesma ocasião em que fui visitá-la no Rio de Janeiro, para onde havia mudado no ano passado (2014). Desde a minha chegada, o assunto versava sobre a casa. Percorremos todos os espaços e ela foi me mostrando cada porta-retratos, quadro, mobília. Seguimos conversando sobre suas lembranças de quando era ouvinte do programa:

Fernanda: Elis, o que você lembra do programa? Você lembra de alguma...

Elis (5a): eu gostava quando eu falava...

Fernanda: ah.. isso mesmo. Você lembra que horas você falava?

Elis: não

Fernanda: então eu vou tentar lembrar.... A sua tia Patrícia ou então a sua vó ligavam...

Elis: amanhã no café da manhã, você vai adorar! E se a minha mãe quiser um café eu faço e se você quiser também...

Fernanda: oba! Eu vou querer!

Elis: você quer que eu faça?

Fernanda: quero...

Elis: tá

Finalizamos a conversa aqui. Em diálogo com crianças, o tema da pesquisa fica entremeadado às questões da vida: do momento e do local onde estamos. Aqui, o sujeito da pesquisa me conduz, com sua subjetividade dentro do contexto em que nos encontrávamos. Uma casa nova, minha primeira visita àquela casa e toda a hospitalidade que o momento inspirava. Não seria possível aprofundar nada mais sobre o programa, pois havia ali uma questão de tão maior importância, sobre sua nova vida e a vontade de compartilhar comigo essa experiência.

Esse modo de compreensão é fundamental para pensar as possibilidades da pesquisa-intervenção no contexto da pesquisa com crianças. Não basta ao pesquisador desejar compreender e transformar uma realidade que inclui as crianças, mas implica a criação de alternativas metodológicas, nas quais a ação intencionalmente propositiva do pesquisador não abdique da participação singular que as crianças – e só as crianças – podem trazer ao conhecimento que alteritariamente pretendem construir. (MACEDO, Nélia et al., 2012, p 92-93)

Julia Sinder, de seis anos é amiga de escola da Antônia desde os três anos de idade. Frequenta a nossa casa, passeia junto e tem conosco uma relação de intimidade. Nossa conversa sobre a apresentação da pesquisa aconteceu no caminho para a rádio e continuou até um pouco antes do programa entrar no ar e se deu assim:

Fernanda: Julia, eu quero conversar um pouquinho com você sobre o programa de radio. Mas primeiro eu queria te explicar... É que eu tô fazendo uma pesquisa lá no

meu curso, onde eu estudo esse programa de radio. Então eu quero ouvir a opinião das crianças que já ouviram esse programa e que já participaram dele também. E aí, depois que a gente conversar aqui no gravador, eu vou ouvir essa conversa, vou escrever essa conversa no papel, vou estudar as opiniões, sua e das outras crianças que já responderam, pra poder escrever sobre esse assunto. É isso que o meu trabalho de pesquisa faz. Pra gente poder entender sobre coisas que criança gosta, coisas sobre a infância. Então, sobre esse programa, eu queria saber de você: Você já ouviu esse programa na sua casa?

Julia (7a): já

Fernanda: na sua casa pega nossa radio?(Julia mora num bairro distante da rádio, onde teoricamente não teria alcance de sinal)

Julia: pega

Fernanda: Sua mãe liga o rádio pra você?

Julia: é! Porque meu pai deu um rádio pra ela; lá em casa não pegava tv, então ela tinha que ouvir os negócios do próprio rádio...

Fernanda: e que negocio do próprio rádio que você ouvia, com a sua mãe?

Julia: ela colocava em programas que tocava musica

Fernanda: e aí você ouvia também programa da Radio Comunidade?

Julia: sim

Juliano tem sete anos e também estuda com Antônia. Gosta bastante de conversar com pessoas conhecidas ou desconhecidas, mas na rádio, fica mais observando tudo em volta. Conversa e responde com poucas palavras, quando fala ao microfone. Nossa conversa foi na minha casa, num dia em que este ele veio passar conosco um final de semana.

Fernanda - Olha só Juliano, eu estou fazendo uma pesquisa, você sabe o que é uma pesquisa?

Juliano (7a)- Mais ou menos.

Fernanda - Mais ou menos? O que você acha que é uma pesquisa?

Juliano- Não sei.

Fernanda - Não? você sabe Antônia, o que é uma pesquisa?

Antônia (7a)- Não

Fernanda- É um trabalho que a gente estuda algum assunto, eu estou estudando sobre o programa da radio, sabe aquele programa de radio que você foi lá com a gente, lembra? Então a minha pesquisa estuda esse programa de radio e...

Antônia- Você bota no face, tá?

Fernanda- Botar no Face essa conversa? Ah, depois eu posso botar... bom é... eu estou estudando nessa minha pesquisa pra entender melhor é como que é a vida das crianças hoje, que que as crianças gostam; de que que as crianças gostariam de ter num programa de radio, por exemplo, esse programa de radio que a gente faz lá, vocês lembram o que que tem nesse programa de radio?

Antônia- Historias.

Fernanda- você lembra Juliano alguma coisa?

Juliano - Microfone, músicas.

Com Maria Tarumim (sete anos) conversamos à caminho da rádio, no carro. Neste encontro, aproveitei para introduzir o assunto da pesquisa enquanto sintonizava no dial da rádio, assim, ouvíamos rádio, enquanto falávamos sobre ele, assumindo “ser ouvinte”. Vivendo a experiência e falando dela:

Maria (7a)- Como se entrevista?

Fernanda – Então, entrevista é a gente conversar aqui no microfone, porque.... Você sabia que eu estou fazendo uma pesquisa lá para minha Universidade onde eu estudo sobre o programa de radio pra criança? Você já ouviu rádio?

Maria - Já algumas vezes ...

Fernanda - O que você ouviu na rádio?

Maria- Algumas coisas sobre Friburgo que eu ouvi no celular da minha mãe e no computador.

Fernanda - Entendi, mas era programa de rádio?

Maria- Era...

Fernanda – Então, a rádio que a gente vai agora é essa aqui que eu estou ligando ó...(sintonizando na emissora)....Tá ouvindo?.. Então essa música vou até baixar um pouquinho pra gente poder conversar, essa conversa que a gente está tento vai entrar na minha pesquisa, você aceita participar dessa pesquisa?

Maria- Aceito!

Fernanda - Que bom! é ... Então, essa nossa conversa depois eu vou escrever toda no papel, para eu poder estudar o que você me falou. Então o que eu quero saber? Se você já ouviu um programa de radio para crianças...

Conversei também com os irmãos Clarisse (sete anos) e Gaspar (nove anos). Num dos encontros, estávamos na minha casa e o outro aconteceu na própria rádio, quando conversamos depois de apresentar o programa. Ambos foram algumas vezes à rádio apresentar o programa conosco.

Fernanda: pronto. Já liguei o gravador... É que... O que eu tô querendo falar com vocês é que eu to fazendo uma pesquisa. Vocês sabem o que é pesquisa?

Antônia (7a): eu sei

Gaspar (8a): eu sei

Fernanda: e o quê é que é? Deixa eu ver se combina com o que eu acho também, o que que é pesquisa.

Gaspar: é que estuda alguma coisa

Fernanda: hum.. E você o que acha que é pesquisa?

Clarisse (7a): tipo.. que estuda alguma coisa?

Fernanda: Aham (afirmei com a cabeça)

Antônia: também

Fernanda: também né... Então, eu tô estudando sobre crianças no meu mestrado, lá na minha universidade. Sobre a vida as crianças, sobre coisas que crianças fazem. E sobre claro, o programa de rádio que eu faço, que é sobre criança, pra criança. Aí, por isso que a gente conversou outro dia sobre o programa de radio; o quê que vocês acharam do programa, de fazer rádio... Hein Antônia!?! (Saiu andando) E o quê que vocês acham que deveria ter num programa de radio pra criança, porque eu sou adulta. Eu não sou mais criança, eu já fui criança, eu não lembro bem de quando era criança, agora quase eu não lembro mais...

2.3.2 Sintonizando nas questões de memória e infância

Lembrança, menina quem não tem?
 Ela pode até se esconder, guardar, entrar numa gaveta
 e mofar ou, simplesmente apagar.
 Mas um dia ela se revela, feito aparição santa,
 Feito retrato de um filme não revelado,
 Feito cartas que se escreveram e não chegaram.
 Tem que haver só quem alimente a danada
 E a menina cresce farta e chora e grita, pedindo comida
 Pelo dia, tarde, noite e madrugada.
 Lembrança menina, quem não tem?
 Eu lembro da minha e espero que você também.

Trecho de livro da literatura infantil: Deslembrar – Luciano Pontes

Em Benjamim, reescrever a história a contrapelo parece um convite a mudar o passado, revelar outra história por traz daquela conhecida. É rever o passado no tempo presente, adquirindo novos contornos. Foi quando conversei com Flora, em dois momentos, e com Stephanny, quando nos encontramos no seu local de trabalho, no Rio de Janeiro, e depois num programa ao vivo na rádio. Suas lembranças do programa fizeram surgir outras histórias que se revelaram:

Fernanda: E aí, Flora, você já falou um pouquinho da outra vez das tuas lembranças do programa, de como era fazer o programa... Agora vamos tentar pensar um pouquinho no quê que isso... No quê que isso fazia, assim, sentido pra sua infância... Você sentia que isso era uma obrigação? Você achava que tinha que fazer isso? Esse programa... era mais trabalho? Era mais lazer? É...uma tarefa, uma coisa que tinha que fazer comigo?... Por que era minha filha?

Flora (26a): Eu acho que é... Era um pouco assim de cada coisa. Na verdade era divertido... Mas às vezes, como era de noite, depois do colégio, eu ficava cansada... e aí tinha que ir. Então, assim, era um pouco de cada coisa... Era assim, atividade divertida, que fazia junto com a minha mãe; então era uma programação nossa, que a gente gostava de fazer, porque eu também sempre fui apegada a leitura, eu comecei a ler muito cedo. Mas às vezes também era uma obrigação, porque a gente tinha um compromisso e tinha que ir mesmo quando eu não estava com muita vontade de ir ou queria fazer outra coisa e tal.

Fernanda: Nem sempre tinha muito espaço pra falar disso... Assim, “você quer ir hoje?” ... ”Hoje você não quer?” ... ”Ah que chato, hoje tem programa pra fazer!”

Estou pensando nisso só agora, porque a Antônia muitas vezes fala isso, “não quero ir pra rádio!”, “não quero fazer esse programa.”. E eu não lembro muito de você dizendo isso, falando que não queria ou falando que tava cansada ou... Isso era uma coisa que também passava pela sua cabeça?

Flora: É às vezes... Às vezes pensava assim... Quando tava... As vezes tava muito em cima da hora, então não dava tempo de lanchar antes..Aí eu sempre ficava mal humorada quando estava com fome...Então, as vezes eu ficava muito irritada, mas tinha horário pra começar e a gente tinha quer ir logo e tal. Mas não tinha muito esse diálogo... Não lembro também de falar não quero ir, assim. Não tenho essa lembrança.

Fernanda: E você acha que fazer este programa junto comigo, que sou sua mãe. É...fazer junto com a mãe, tinha mais vantagens ou mais desvantagens? Assim, é... em termos gerais...do tempo que a gente tinha pra ficar junto...é ...o quê que isso possibilitou pra você? Que você acha que esse programa possa ter influenciado, te contribuído de alguma forma pra tua formação?

Flora: Eu acho que assim, em relação a fazer com a minha mãe, é... às vezes..por um lado, é uma atividade que a gente fazia junto, uma programação nossa, mas de qualquer forma era um trabalho sério. Então assim, quando você é filho da pessoa, você tem uma desvantagem de não poder ficar de boqueira...aí, é mais rigoroso Né? chama a atenção, porque criança se dispensa, quer fazer uma brincadeira, sei lá o quê, uma coisa assim. Mas a atividade em si, sempre foi boa pra mim. Porque... primeiro que eu era muito tímida, então é...me fazia me soltar mais e falar...e...me estimulava muito mais a leitura, porque você vai se distraindo com outras coisas e acaba que quando vai entrando a adolescência, vai ficando mais velho, vai lendo menos...e...E eu acho que era legal, porque eu levava isso como um trabalho, então assim..você..acaba desenvolvendo maturidade, responsabilidade, essas coisas.

Da conversa com Stephanny, compartilho este fragmento, de quando ouvimos juntas um programa feito pro nós duas, quinze anos atrás:

Stephanny (26a): (ouvindo a própria voz!) ah não!!!... risos....

Fernanda: é sim! vamos voltar de novo (voltar a gravação)

(Áudio voz de Stephanny)

Stephanny: voz muito pequenininha, gente. Caramba que voz!!!

Fernanda: agora olha história que você vai contar, peraí. Não, essa aqui é campanha da Papelote (papeleria que apoiava o programa neste período), vai voltar....

Stephanny: esqueci o que era parlandas, vou lembrar agora... (ouvindo o áudio) Gente, eu lembro que eu tinha implicância com minha voz que eu achava mais infantil do que realmente era, eu acho...

Fernanda: (pausa). Você lembra dessa sensação?

Stephanny: sim... olha só a destreza com 10 anos de idade! Risos...Eu fico imaginando as crianças que escutavam e ligavam....

Stephanny: lembro que a trilha sonora era bem legal assim não era nada de um lugar comum

Fernanda: Então vamos lá, vamos entrar no que você lembra?

Stephanny: eu lembro que uma vez eu pensei: “engraçado, não tem Xuxa, não tem! Aí comecei a perceber que realente era muito legal cara, as musiquinhas, eu me lembro do livro da Clarisse Lispector (Cecília Meireles) “Isto ou aquilo” eu comprei aquele livro, eu lembro de todos, as histórias, tem algumas que eu me lembro bastante...

2.3.3 O que não deveria ter num programa de rádio para criança?

I - Fernanda: Você já falou de brincadeiras e já falou de musicas. Muitas coisas que podem ter num programa de radio.... Agora, o que que você acha que não pode ter num programa pra criança? Sabe... o que ia ser ruim de ouvir?

Elis (5a): Monster High

Fernanda: Monster High?

Elis: que é um nojo terrível

Fernanda: então isso aí deixaremos de fora do programa pra crianças. Que mais? Que criança não gostaria de ouvir num programa..

Elis: a Laurisse tem um cabelo muito grande e eu não quero ela pra mim não

Fernanda: é uma dessas da Monster High?

Elis:tem a boneca dela... Tem uma aqui que eu vou te mostrar agora...

Fernanda: não precisa.... Ah você vai pegar a sua Monster High?

Elis: uma que tá sem braço... das duas.. .essa é a Monster High da..

Fernanda: ah.. Esse tipo de boneca não teria num programa pra criança né?!

Elis: é

Fernanda: que mais que criança não ia gostar de ter num programa?... Cê lembra de mais alguma coisa que não é pra ter em programa de radio; que criança não ia gostar?

Elis: é... Ben 10

Fernanda: Ben 10... Porque, você não gosta?

Elis: não... não gosto nada de menino. Mas eu gosto do jogo do Mac Still do Miguel; porque ele é um jogo que apita, tem que pegar as pecinhas...

Fernanda: sei, mas esse é de menino. Então você gosta de alguns de menino?

Elis: é! Só alguns, mas alguns outros não gosto.

II - Fernanda: E o que você acha que não pode ter num programa de radio pra criança, Julia? O que criança não vai gostar de ouvir no radio?

Antonia (7a): ah, bobeiras...

Julia: coisas de jornal

Fernanda: como assim? O que aparece no jornal que não é pra criança?

Julia (7a): porque tem muita coisa chata lá. E também criança, a gente, fala assim: morte. Só passa isso no jornal?!!

Antonia: ué...morre um monte de pessoa...

Julia: É...Que causa morte...

2.3.4 Ouvindo o programa no carro: último encontro

Cabe comentar que, simultaneamente aos encontros com as crianças, continuamos com os programas ao vivo, o que gerou algumas dúvidas em mim e nas crianças. Não ficou claro, por exemplo, se a pesquisa continuava quando apresentávamos o programa e se, toda vez que conversávamos, os assuntos ainda fariam parte da pesquisa. Por esta razão, achei necessário fazer um último encontro de pesquisa, desta vez num ambiente diferente, que não seria nem na minha casa, nem na rádio. Combinei com eles de fazermos um encontro com todas as crianças que pudessem participar, dentro do meu carro, num passeio pelo bairro,

durante o horário do programa em reprise. Assim, conversaríamos sobre o programa na condição de ouvintes.

Fernanda: Bom, estou ligando o gravador agora, porque eu convidei vocês quatro pra fazer essa última entrevista da minha pesquisa. Vamos ouvir um pedacinho do programa... Quem de vocês já ouviu rádio?

Juliano (7a): eu

Fernanda: o que você ouviu?

Juliano: Música, jornal, um troço de remédio, um monte de coisas, num rádio...no carro da minha mãe.

Fernandinha (8a): eu também. Já ouvi mais de um bilhões

Antônia (7a): Já ouvi com meu pai.

Agora sobre a minha pesquisa, sobre a vida de crianças, coisas que interessam as crianças, o que que você acham que deveriam ter?

Juliano: Muita música de Rock

Fernandinha: Música de rock

Antônia: eu concordo

Fernandinha: Legal! Vai ficar maneiro esse programa

Juliano: funk também, os funks leves.

Fernanda: O que é funk leve?

Juliano: Sem ser muito pesado, sem muito palavrão; tem funk que é sem muito palavrão, entende?

Fernanda: aham.

Fernanda: e que assuntos as crianças vão gostar?

Fernandinha: Assim de cozinhar, coisas de cozinhar.

Fernanda: E o que eu deveria ter perguntado pra vocês, que eu não perguntei?

Fernandinha: A nossa brincadeira favorita?

No capítulo 3, aprofundaremos os diálogos, ampliando as reflexões, ao mesmo tempo em que o Programa infantil será detalhadamente apresentado.

3 O PROGRAMA DE RÁDIO CANTE E CONTE OUTRA VEZ

3.1 Na escuta dos arquivos: os áudios como o outro

TARDE DE INVERNO

Às vezes minha mãe me levava para fazer compras em tardes de inverno. Era uma Berlim escura e desconhecida que, à luz de gás, se estendia à minha frente. Ficávamos no antigo Oeste, cujos arruamentos eram mais uniformes despretensiosos que os preferidos posteriormente. Àquela hora já não se podia perceber com clareza as sacadas e as colunas, mas nas fachadas havia luz. Fosse por causa das cortinas de musselina, fosse por causa das venezianas ou da camisa da lâmpada de gás suspensa, aquela luz pouco revelava dos aposentos iluminados. Não tinha a ver com nada a não ser consigo mesma. Atraía-me e deixava-me pensativo. Ainda hoje isso me ocorre na memória.

*Fragmento retirado do Livro Obras Escolhidas II,
A Infância em Berlim por volta de 1900, de Walter Benjamin (1994)*

Cada programa, escolhido aleatoriamente, foi ouvido com a pretensão de trazer sentidos e significados no presente, sobre o que fora vivido. Com inspiração em Benjamin, que escreveu o seu clássico *Infância em Berlim por volta de 1900* sem linearidade cronológica, segui um fluxo imprevisível, tal qual acontece com algumas memórias ao se manifestarem sem obedecer à lógica alguma. Bastava ouvir alguns trechos – *Não tinha a ver com nada a não ser consigo mesma* - que vinham à tona lembranças de cenas inteiras. Vozes trazendo imagens. Desconectadamente.

Segundo Marilena Chauí (2000, p 128),

A memória é uma atualização do passado ou a presentificação do passado e é também registro do presente para que permaneça como lembrança. ... Alguns estudiosos julgaram que a memória seria um fato simplesmente biológico, um modo

de funcionamento das células do cérebro. Esta teoria, porém não se sustenta. Em primeiro lugar porque se a memória fosse mero registro cerebral de fatos e coisas passados, não se poderia explicar o fenômeno da lembrança, isto é, que selecionamos e escolhemos o que lembramos e que as lembranças têm, como a percepção, aspectos afetivos, sentimentais, valorativos. Em segundo lugar, porque também não se poderia explicar o esquecimento, pois tudo estaria automaticamente registrado e não teríamos dificuldades para lembrar e nem facilidade para esquecer. Em nosso processo de memorização, entram componentes objetivos e subjetivos. Em outras palavras, mesmo que nosso cérebro grave e registre tudo, não é isso a memória e sim o que foi gravado com um sentido ou com significado para nós e para os outros.

A influência que a escuta de alguns programas teve sobre os rumos tomados na produção deste trabalho seguiu a ordem subjetiva de seletividade da memória, sugerida pela autora. Além de compreendê-la como fenômeno individual, há de se perceber memória como um fenômeno social, que considera as relações sociais estabelecidas entre os atores envolvidos.

Como Chauí, Benjamin dedicou-se ao tema da memória, pelo viés da infância, mas esta não como um passado, nem em oposição à vida adulta e sim com a possibilidade de reformulá-la por meio das reminiscências que pudessem (re)construir e rever alguma história no presente. Benjamin propôs a rememoração involuntária, aquela que é mais do que revelação, aquela que se apossa do sujeito (RAMIREZ, 2011).

Trabalhando com o levantamento e a organização do material, a pesquisa foi passando a existir no presente, inicialmente de forma parcial, pois ouvi diversos programas antes de conversar com os interlocutores da pesquisa. Digo parcial, pois os outros, que sim, neste momento já se faziam presentes, são as vozes dos áudios.

Deparei-me com algumas narrativas cujos conteúdos poderiam, inicialmente, ser considerados inadequados para o público infantil. Entretanto, por se tratar de uma emissora comunitária, a qualquer momento, um furo de reportagem sobre assuntos que estão em pauta na cidade têm prioridade para “entrar” no ar. Foi assim num dos programas iniciais, quando tivemos a entrada do comunicador Marco Moreira, para relatar um fato que mobilizou a sociedade, quando muitos movimentos sociais estavam envolvidos no assunto sobre a concessão das águas pra uma nova empresa:

Fernanda: E nós estamos com o Marco Moreira no ar: oi Marco, tudo bom? Boa noite.

Marco: Boa noite. Esse é um programa que eu acompanho!!! Ele tá muito bom, viu? Tô adorando as histórias... Pois é, mas como você havia dito antes, tem hora pra tudo, inclusive para notícia, né? E nós recebemos a confirmação lá do Gabinete do Prefeito Paulo Azevedo, que foi cancelada a concessão pra CAENF (Companhia de Água e Esgoto de Nova Friburgo), essa companhia de água nova, para assumir no

caso a AMAE, a concessionária que já existia. Então, é uma vitória do povo, uma vitória de todos os Sindicatos, de todas as Associações de moradores e também da nossa rádio Comunidade que fez uma campanha muito grande em cima disso, de esclarecimento para o povo não vir a ser lesado por mais esse absurdo que vinha acontecendo. Inclusive foi anunciado que aqueles que já receberam as contas, que elas serão canceladas. As pessoas não precisam pagar essas contas que receberam. O Governo acaba de admitir que cometeu um erro ao dar a concessão desta forma a CAENF. E não esqueçam, dia 20, às 16h, o encontro é na Praça Demerval Moreira, onde iremos mostrar a força do povo. (Trecho do 14º Programa, em 1999.)

Outro fragmento que apresento fala de um fato histórico que foi compartilhado com as crianças, falando mais diretamente às meninas. Foi na semana do Dia Internacional das Mulheres, quando, no momento de encerramento do programa, em que damos os parabéns aos aniversariantes da semana, estendi-os às meninas e mulheres, numa fala explicativa sobre o que representa essa data.

E agora é aquela hora que a gente espera... A hora dos Parabéns! E hoje, eu vou desejar um parabéns muito especial pro aniversariante ou a aniversariante de hoje, dia seis de março e também um muito especial Parabéns para todas as meninas, pois é, porque o programa desta semana também está homenageando as meninas, as mulheres, as vovós... as mulheres de todas as idades, pelo dia oito de março, dia internacional da mulher. É um dia em que se homenageia as mulheres de muito tempo atrás, que trabalhavam numa fábrica. Pois é, essa não é uma história muito ... com um final muito feliz, mas é uma história verdadeira, onde muitas mulheres que trabalhavam numa fábrica estavam muito cansadas por que trabalhavam mais de dezesseis horas em pé. Então se reuniram, conversaram e decidiram fazer uma greve, ou seja, pedir melhores condições de trabalho. E aí, naquela fábrica onde elas trabalhavam, os donos ficaram muito zangados e tiveram uma atitude muito errada! Fecharam a fábrica e tacaram fogo nela, com todas as mulheres lá dentro. Pois é, é difícil de acreditar que isso tenha acontecido, mas foi assim que aconteceu e mais de duzentas mulheres morreram queimadas no dia oito de março de 1857. Uma data que a gente não vai mais esquecer. Por isso, depois daquilo, todo ano, no dia oito de março, a gente lembra do que aconteceu e homenageamos aquelas e todas as mulheres. Então, pra você menina hoje, parabéns pelo seu dia! E já que você também está sendo homenageada no dia oito de março, essa música que vem agora é pra você! (A música colocada foi Aniversário – Grupo Palavra Cantada) (Fragmento do Programa nº 28 de 2002)

A entrada do comunicador no meio do programa e a narrativa sobre a história do Dia Internacional da Mulher, que fora contada para as crianças resumidamente, fizeram-me lembrar o olhar de Benjamim sobre a infância, quando ele diz que todo assunto que lhes tocar diretamente ao coração, deve ser falado às crianças. Segundo Rita Ribes Pereira (2015),

Ao contrário do que se costuma pensar, as crianças não constituem uma comunidade isolada da sociedade, algo estilo Robson Cruzeiro vivendo num mundo à parte. Elas são parte integrante do povo, da classe e da cultura em que vivem. Não há sociedade sem crianças e nem há tema social ou acontecimento histórico que não lhes diga respeito. Foi este olhar singular para infância que mobilizou Walter Benjamim a escrever e apresentar programas de rádio para crianças entre 1927 e 1932. [...] Se os

adultos têm no rádio toda a espécie de falas especializadas sobre temas que lhes interessam, por que não poderiam fazê-lo também para as crianças? Mas, sobre o que falar para as crianças através do rádio? Ora, sobre cultura, história, política, economia, tecnologia...enfim, sobre tudo, desde que lhes possa tocar, sincera e diretamente, o coração. (Texto de contracapa do livro: *A hora das crianças: Narrativas radiofônicas* de Walter Benjamin, 2015)

Os textos sobre a experiência radiofônica de Benjamin projetam-se neste estudo como aquilo que Amorim (2002) denomina como sobredestinatários. As diversas vozes que aqui estão – entre elas a sua, que neste momento lê este texto - e aquelas para quem supostamente me dirijo, fazem com que tal trabalho mantenha-se *no seu meio e no seu tempo* (AMORIM, 2002, p. 9). Já o sobredestinatário – As narrativas radiofônicas de Benjamin - ultrapassam essa fronteira, *liberando o texto das limitações de seu contexto, projetando-o naquilo que Bakhtin nomeia como grande temporalidade*, atestando tal narrativa numa direção universalizante.

Tais narrativas, mesmo emergindo no contexto em que surgiam as tecnologias de gravação e transmissão de som, não deixaram rastros sonoros (PEREIRA, 2009). O acervo daquela experiência disponível hoje é composto por textos que serviram de base para a narração radiofônica, suas possíveis pautas.

Anos antes de conhecermos a tradução destes textos no recém-lançado livro *A hora das Crianças: Narrativas Radiofônicas de Walter Benjamin*⁴⁰, Pereira (2009) apresentou um estudo sobre tais programas, em que nos fez sutilmente perceber que o suposto desdém com que Benjamin tratava aquela atividade ‘ocasional e fastidiosa’ talvez pretendesse não alardear sobre a dimensão política – capaz de tornar próximo o distante - e pública – massificando processos subjetivos - que o uso do rádio inaugurava, *a voz como um hóspede*. (PEREIRA, 2009, p 263). Seria desta forma que gostaria de ser tratado pelas crianças: como um convidado em suas casas. Benjamin falava deste lugar de quem fala. De que nós locutores falamos a um silêncio, que nos *arrasta até milhares de ouvidos e milhares de aposentos*. (PEREIRA, 2009).

Do meu ponto de vista, ao olhar para a história do programa *Cante e Conte Outra Vez*, posso dizer que ele nasceu em julho de 1999, de forma experimental, como todos que se apresentam na Rádio Comunidade Friburgo. Surgiu a partir de um misto de insatisfação e

⁴⁰ *A hora das crianças: Narrativas radiofônicas de Walter Benjamin* foi lançado recentemente, em 2015. Traduzido por Aldo Medeiros, com projeto editorial de Rita Ribes Pereira e Editora NAU. Consta das referências.

curiosidade da Flora,⁴¹ aos dez anos na época, quando precisava ir à rádio para me acompanhar, pois eu apresentava semanalmente um outro programa chamado Bloco Mulher⁴² nesta emissora. Naquele ano, havíamos nos mudado para a cidade e sentíamos falta de ofertas de programação infantil, como tínhamos no Rio de Janeiro.

Era meu o compromisso de participar de um programa e ela me acompanhava por contingência da nossa rotina diária. Numa destas idas, perguntou sobre a possibilidade da rádio ter um programa para crianças que, como ela, “não tinham nada pra fazer ali”. A partir de algumas conversas e negociações, o colegiado da emissora foi convencido a permitir uma experiência de programação feita com crianças. Justificou-se a falta de alternativas culturais para este público. Fazer na rádio algo para crianças foi um caminho quase natural, já que estávamos ali semanalmente.

3.2 Dando existência a outras memórias: conversas com quem passou pelo programa

- O que é uma memória? Perguntou Guilherme Augusto.
Ele vivia fazendo perguntas.
- É algo de que você se lembre – respondeu o pai.
Ele procurou Sr^a Silvano que toca piano.
- O que é uma memória? Perguntou.
- É algo quente, meu filho, algo quente.
Ele procurou Sr. Cervantes, que contava histórias arrepiantes.
- O que é uma memória? Perguntou.
- Algo bem antigo, meu caro, algo bem antigo.
Procurou o Sr. Valdemar, que adorava remar.
- O que é uma memória? Perguntou.
- Algo que o faz chorar, meu menino, algo que o faz chorar.

⁴¹ Flora foi apresentada no capítulo da metodologia, mas lembro que é minha filha, tem 26 anos e apresentou o programa em três fases diferentes.

⁴² Programa diário, com enfoque de gênero, com apresentação feita por cinco mulheres que se revezavam a cada dia da semana, abordando os temas: ecologia, educação, saúde, espiritualidade e cultura. É considerado o carro chefe da rádio, sendo apresentado até hoje. Depois de iniciar com o programa infantil, não continuei no Bloco Mulher.

Procurou a Sr^a Mandala, que andava de bengala.

- O que é uma memória? Perguntou.

- Algo que o faz rir, meu querido, que o faz rir.

Ele procurou o Sr. Possante, que tinha voz de gigante.

- O que é uma memória? Perguntou.

- Algo que vale ouro, meu jovem, algo que vale ouro”

Fragmentos do livro infantil Guilherme Augusto Araújo Fernandes

Men Fox e Julie Vivas (1995)

Num dos nossos encontros da pesquisa para conversar sobre o início do programa, Flora lembrou que

quando a gente começou a fazer (o programa) eu era bem nova assim, na verdade tudo era uma novidade, uma cidade nova, uma escola nova... eu não lembro dos programas em si... eu lembro do que eu fazia! Eu lembro que eu saía da escola, depois ia pra rádio e eu gostava. Sempre gostei muito de ler, eu gostava de ler em voz alta, então eu gostava de trabalhar a questão da dicção, de falar bem, sempre gostei de ler. Eu contava história pros meus irmãos, então pra mim era muito prazeroso fazer. Assim, às vezes era um pouco cansativo por que como eu ia direto da escola e acabava um pouco tarde, e aí eu ficava com fome, e você sabe como eu fico mal humorada quando fico com fome...

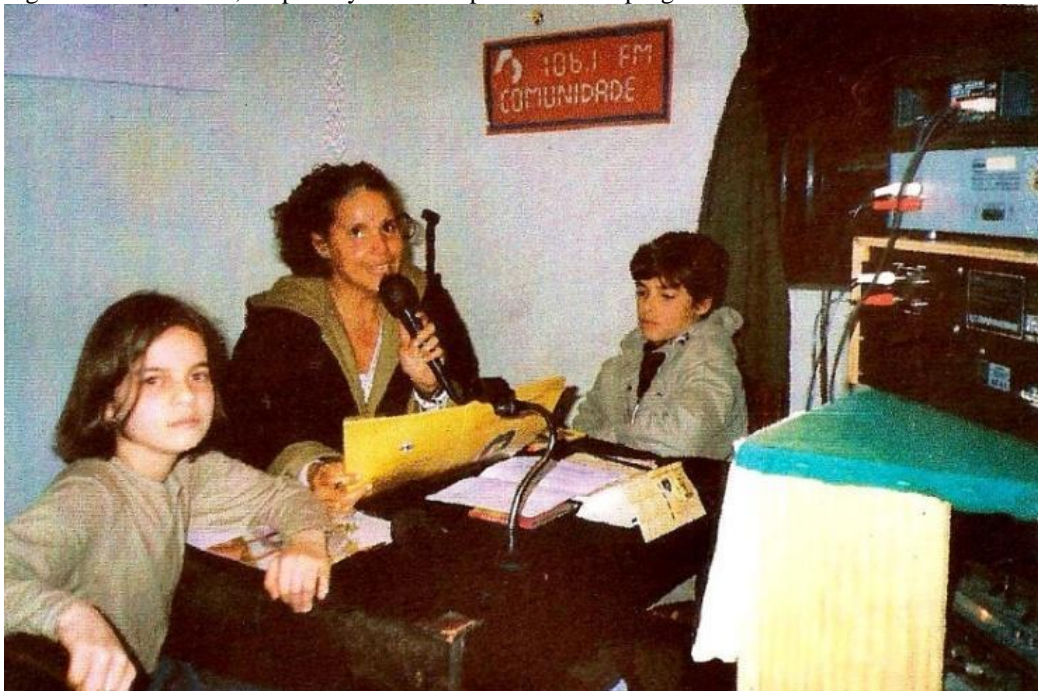
Figura 19- Fernanda e Flora em 1999, na rádio



Foi na própria rádio que conhecemos outra criança que também se tornou apresentadora, Stephanny.⁴³ Ela morava no mesmo prédio onde a rádio funcionava. Rememorando essa história sobre o início do programa, disse:

É.. me lembro da primeira vez... eu sempre vinha à rádio, minha mãe fez amizade com o pessoal que trabalhava aqui, então eu acabava sempre entrando aqui também. E aí, eu me lembro que eu entrei e aí você tava apresentando o programa. E aí, na hora do intervalo você me viu e tal; e me chamou pra falar, pra fazer uma pequena entrevista. Aí eu dei essa pequena entrevista, super nervosa, falei meu nome, algumas coisas assim. E aí, logo depois, no final do programa veio o convite pra apresentar o programa junto. Era muito legal, eu contava o dia, contava a hora pra chegar e tipo foi uma coisa que eu cai de paraquedas também... era quarta-feira e sexta-feira né? e aí, ficava aquela ansiedade de chegar quarta-feira e aí chegava rápido na sexta-feira, mas aí, pra chegar quarta-feira de novo, era mais dias, assim... Aquilo realmente me completava muito, fazer o programa. Era muito legal ter aquele compromisso quarta-feira e sexta-feira. eu ficava de sexta-feira até quarta-feira numa ansiedade... e aí eu falei: caramba que legal, eu fiquei muito muito empolgada e aí foram dois anos... Saía do colégio correndo; chegava suada, de uniforme pra apresentar o programa, direto! Saía cinco e pouquinho (da escola); estudava aqui no PC (colégio do bairro) e subia tudo. Não dava nem tempo. Passava em casa... tinha vez que nem passava em casa, vinha direto pra cá.

Figura 20 - Fernanda, Stephanny e David apresentando o programa em 2000



⁴³ Stephanny também foi apresentada no capítulo da metodologia. Foi vizinha da rádio quando o programa infantil começou. Tinha 10 anos e morava no mesmo andar do local onde funcionava a emissora, sendo vizinha porta com porta. Por esta razão, sua mãe estava sempre na rádio. Um dia convidei-a para uma entrevista e logo depois estava apresentando o programa conosco. Quando era adolescente, mudou-se para o Rio de Janeiro. Atualmente tem 26 anos e é cineasta. Tivemos dois encontros para essa pesquisa, um no Rio de Janeiro e outro na rádio, num programa ao vivo.

São três campos de memória sobre um mesmo assunto, o início de um programa radiofônico, cada qual olhando por um prisma. Cada uma de nós, uma peça do caleidoscópio que, ao girar vê uma cena. E, ao entrar em contato com as outras, nos permite ver um pouco mais. Para mim, uma oferta que fazia a elas de um momento lúdico, uma brincadeira radiofônica e, para elas, um lugar e um momento de compromisso, de um trabalho responsável, e em alguns momentos árduo.

A pesquisa me permitiu, pela exotopia, ver este “um pouco a mais”, proporcionando o deslocamento do meu olhar romântico para as experiências relatadas pelas meninas. Com surpresa, descobri alguns desconfortos vividos pela Flora, para quem, nem sempre, os programas foram momentos agradáveis como eu supunha; também pude conhecer um pouco da ansiedade da Stephanny e redimensionar a importância que fazer o programa teve em alguns momentos para a vida dela.

E, assim, começamos a apresentar, eu, Flora e, logo depois, Stephanny, um programa com duração de uma hora, que ia ao ar duas vezes por semana, às 18h, sempre ao vivo. No cardápio, livros de histórias, CDs de músicas infantis do acervo material e o que trouxemos do nosso acervo pessoal e imaterial, das cantigas, histórias e brincadeiras. Com formação em educação e pouca experiência anterior em fazer rádio (mas muita como ouvinte), fui repetindo o formato do Bloco Mulher, classificado como revista radiofônica, que inclui debates, entrevistas, informações, dicas e serviços para o público a quem se destina, naquele caso, as mulheres e neste, as crianças.

De acordo com a proposta de André Barbosa Filho (1996, p. 37),⁴⁴ a classificação dos gêneros radiofônicos orbita *em razão de sua função específica e de acordo com a sua audiência*. Podem ser nos gêneros jornalístico, de entretenimento, propagandístico, de serviços ou o especial, que teria várias funções, incluindo os programas infantis e de variedades. É partindo destes gêneros que se criam os formatos radiofônicos, que são os modelos que cada programa assume e cria, de acordo com seus objetivos e público.

Tempos depois, outras crianças foram chegando espontaneamente, vindas da vizinhança ou das escolas que eu conseguia visitar para fazer divulgação. Não avisavam, apenas apareciam e participavam. Outros participantes tinham menos regularidade, frequentavam durante um tempo, voltando (ou não) em outros momentos.

⁴⁴ Gêneros Radiofônicos: tipificação dos formatos em áudio. São Bernardo do Campo, IMS, 1996. Dissertação de mestrado, pg 37.

Figura 21 - Mateus, vizinho da rádio, em 2003



Em dado momento, conhecemos o projeto Livro Falado,⁴⁵ e incluímos esta proposta no nosso programa de rádio, mobilizando crianças e seus pais para a gravação de livros falados. Passamos a editar os programas, enviando-os para escolas e bibliotecas públicas que recebessem esse tipo de acervo, para alunos com baixa visão ou cegueira. Com este projeto, fomos agraciados com um acervo de livros infantis doado pela FNLIJ - Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil - o que gerou um número expressivo de programas gravados e também de histórias gravadas, não só pelas crianças, mas também por algumas mães amigas que gravaram suas histórias preferidas e estas, por sua vez, além de servirem para as gravações dos livros falados, foram incluídas nos programas. Esta mudança alterou a participação dos ouvintes neste período, com menos participações ao vivo.

⁴⁵ Conheci este projeto numa oficina de Livro Falado realizada no SESC pela autora Ana Lu Palma, que capacita pessoas para gravarem histórias em áudios para deficientes visuais. <http://ciamacultural.com.br/index.php/o-projeto-livro-falado>

Figura 22: Cristiane, mãe da Ana Clara, que apresentou o programa algumas vezes, gravando uma história.



Nesta época, Flora e sua amiga de escola Mariane, inauguraram a apresentação dos programas sem a presença de adultos. Criaram novos roteiros e mobilizaram uma nova audiência. Neste momento, minha participação passou a ser mais irregular, alternando a apresentação com as agora adolescentes e seus convidados. Sobre isso, falamos na nossa segunda conversa:

Fernanda: E na segunda fase, você lembra como foi? Como você percebeu essa passagem, assim, de quando você era pequena e era também uma criança que ouvia e aí depois entrando para essa outra fase, com 12/13 anos?

Flora (26a): Então, a questão que eu mais senti diferença foi essa parte do roteiro, que pra mim era mais difícil, assim, tipo, você tinha mais facilidade de fazer no improviso, até por ter mais tempo, agora eu não... assim, eu tinha que ter um tempo dedicado, que eu ouvia as músicas, escolhia com calma as histórias, via mais ou menos quanto tempo ia durar. Eu cronometrava cada minuto e segundo de cada coisa pra saber se ia faltar ou sobrar tempo e eu tinha sempre uma coisa extra, tipo qualquer coisa, tem essa notícia pra falar ou essa música pra tocar... então, foi mais trabalhoso, mas ao mesmo tempo era divertido porque assim, era uma coisa minha, tipo, o programa tinha todo o meu jeito e o que eu escolhia. Eu convidei uma amiga até pra fazer comigo, mas assim, basicamente o roteiro quem montava era eu. Ela me ajudava na apresentação do programa. Foi bem legal assim, essa autonomia é bom pra maturidade, gostei muito!

A experiência no domínio da técnica parece ter surgido na medida em que Flora se viu responsável pela produção do programa. Pensar no tempo de cada música e no tamanho de

cada história passou a ser uma preocupação quando produziu o programa sozinha. Este fragmento fala de um lugar de responsabilidade e compromisso que foi assumido por ela.

Lembro Benjamin (1994) quando teorizou sobre as questões do conhecimento técnico e a importância política de se conquistar esse conhecimento, como possibilidade de não mais ser refém, à espera de uma resposta mágica sobre o funcionamento das coisas. Politizar a técnica significou também contrapor ao que na época era entendido pelo autor como a estetização da política, prática exercida pelo nazismo. Desta forma, decidir sobre o que sai do microfone e chega aos rádios das casas, assim como saber como operar a mesa de som, era uma forma de politizar a técnica, desvelar o que se escondia no caminho dos fios, deixando tudo aparente.

Apesar do desafio, esta experiência proporcionou tal liberdade para Flora, que parece ter sido a marca deste período. Liberdade de escolhas, no geral, e uma outra liberdade que o conhecimento da técnica proporciona, que permitiu que ela soubesse e decidisse sobre incluir entrevistas, cortar músicas, diminuir uma vinheta, entre outras possibilidades da operação do programa. O que, nas palavras de Benjamin, seria deixar de ser um mero operador de máquina, para politizar a técnica, tornando-a visível em todas as suas esferas.

Figura 23 - Flora apresentando o programa



Sobre liberdade e autonomia, Stephanny também relatou uma experiência nova para mim, quando em 2000, o programa foi agraciado com um prêmio e como premiação, ganhamos uma viagem. Sua mãe não enviou os formulários no tempo exigido, o que impossibilitou a sua ida. Eu e Flora fomos e deixei um programa gravado, caso ela não quisesse apresentar.

Stephanny (26a): Eu fiquei apresentando o programa sozinha enquanto você tava viajando...

Fernanda: ah.. você apresentou, né?

Stephanny: tinha um gravado e os outros todos eu apresentei!

Fernanda: e como é que foi você apresentar sozinha?

Stephanny: fui super adulta. né? eu vou escolher a história, eu vou escolher a piada do dia, pergunta do dia...

Fernanda: e que tal viver essa experiência?

Stephanny: foi muito legal, era só eu e Alessandra assim, dava nervoso quando as pessoas ligavam, sempre dava nervoso... sempre deu nervoso! nunca falava com as pessoas no ar, eu não gostava de falar com as pessoas no ar...

Stephanny: lembro que dava pra escolher umas histórias assim, umas poesias eu lembro que sempre escolhia aquela : da luva e do anel

Fernanda: ou isso ou aquilo!

Stephanny: essa mesmo, aquela também da bolha..... olha a bolha... dava pra escolher, dava pra escolher! mas essa coisa de apresentar sozinha e fazer tudo sozinha foi uma... nossa, foi uma luta, foi uma sensação toda adulta. estou aqui apresentando o programa enquanto elas estão viajando, só eu, eu que vou fazer! Foi um mês! foi um programa gravado e três eu que fiz! foi exatamente isso!

Neste relato, Stephanny deixa explícito o seu compromisso com o fazer radiofônico e como essa experiência de estar sozinha deixou aparente a sua responsabilidade com o programa e a sensação gratificante pela possibilidade do poder de escolhas e de decisão, o que nem sempre eram condições permitidas e experimentadas por crianças.

Catarina,⁴⁶ filha de uma amiga, foi outra criança interlocutora na pesquisa, apesar de não estar nos planos iniciais. Era uma ouvinte do programa que, numa ocasião, fora convidada para participar ao vivo e contar histórias. Apesar do nosso encontro não estar planejado nesta pesquisa, ele aconteceu porque sua mãe me contou que, quando Catarina estava de mudança para o Rio de Janeiro para seus estudos universitários, durante a arrumação para tal mudança, achou a gravação daquele programa do qual ela havia participado, dez anos atrás. Disse que os três, pai, mãe e filha, decidiram ouvir juntos a gravação do programa. Após esse relato, combinamos um encontro e na nossa conversa, Catarina me disse que

⁴⁶ Catarina atualmente tem 18 anos, mora no Rio de Janeiro e foi ouvinte do programa quando tinha 07. Naquela época, foi à rádio contar uma história ao vivo.

todos nós ficamos bastante emocionados quando ouvimos por que, assim, (o tempo) passou muito rápido porque a infância é uma época muito boa e a gente se dá conta de como ela era boa quando a gente passa por ela... então é... foi muito bom assim lembrar não só o programa, mas a minha infância no geral

Aqui Catarina pinça memórias da sua infância a partir da escuta do programa junto com seus pais. Ao invadir a vida adulta, sua infância ressurgiu viva no presente. Não percorremos essa história, mas o recorte de sua experiência na rádio, que também foi nova para mim, pois não tinha esse áudio. Seguimos na conversa:

Fernanda: como foi essa experiência de ir numa rádio e participar de um programa? você tem a lembrança daquele dia?

Catarina (19a): Lembro, eu lembro que eu fiquei nervosa no primeiro momento que era uma coisa nova, nunca tinha feito nada do tipo sozinha... por que criança até se apresenta na escola, mas nunca é sozinha é sempre com grupo, eu lembro que no dia eu cheguei a ficar um pouco nervosa, mas foi bem legal!!!

Fernanda: você lembra? Nesse dia se sua mãe tava também? você lembra das pessoas que estavam lá?

Catarina: eu lembro que fui sozinha com você, que tinha... eu lembro bem do cenário da rádio perfeitamente, que tinha uma mesa atrás que ficava o (cara) que controlava o som e colocava a música e a gente ficava na mesma mais a frente que eu sentei na cabeceira da mesa. Eu lembro que eu fui só com você, que minha mãe não foi e chegaram outras pessoas lá também, isso eu lembro!

Fernanda: isso mesmo, teve um grupo de contador de histórias o Dodô e Érika e se não me engano, tinham umas outras pessoas fazendo estágio na rádio também.

Quando Catarina comenta sobre sua ida à rádio, lembrando detalhadamente do espaço físico e das pessoas, me indago sobre o quanto esta experiência foi marcante para ela, aos sete anos. Reflito sobre sua frase, durante nossa conversa: *criança até se apresenta na escola, mas nunca é sozinha é sempre com grupo*, que me fez pensar em como estava se sentindo, com autonomia de estar naquele lugar sem seus pais. Não necessariamente por estar desacompanhada, mas principalmente pela experiência da autoria, pela possibilidade da fala dela, escolhendo e lendo uma história para um auditório.

Desta vez, foi ela quem me ajudou a juntar as lembranças espalhadas, sem um fluxo narrativo definido, que fomos colando, como um mosaico. Ouvimos alguns trechos juntas e fomos lembrando daquele dia. Passado e presente se aproximando no nosso encontro, desejando uma reconstrução. Surgiram os visitantes do dia e também os que, no dia a dia, fazem a rádio funcionar, fundamentais para que o programa aconteça. Os sonoplastas e operadores de som, os estagiários e alguns ouvintes visitantes que nem sempre combinavam a visita, apenas apareciam.

Nos anos iniciais, o programa teve a operação de som feita pela Renata Miguel, logo depois, pela Alessandra Amorim, que não moram mais na cidade, depois vieram o Altiele Abreu, Ló, Gustavo Sinder, Kelly Schumman, Lula Siqueira e, atualmente, o Murillo Soares. Muitas observações e contribuições foram e são trazidas por eles.

Figura 24 - Operadora de som Kelly Schumman com Antônia, 2012



Figura 25 - Operador de som Murillo Soares, com Juliano, 2015



Quase todos tiveram participação ativa nos programas e em algum momento, foram entrevistados pelas crianças. Normalmente participavam de forma espontânea, com os microfones abertos ou fechados,⁴⁷ entrando nas conversas quando se sentiam afetados pelos temas, quando então, puxavam algum fio de suas próprias memórias.

Num dos programas mais recentes, eu, o operador Lula e Antônia⁴⁸ conversávamos com os microfones fechados, depois da história “*Quem tem medo de quê?*”, cujo conteúdo detalhava os mais diversos tipos e medos infantis. O diálogo foi assim:

Lula: Você não tem medo Antônia?

Antônia (7a): Tenho.

Lula: Eu também tenho.

Antônia: Qual?

Lula: Escuro.

Fernanda: Escuro? esse bicho tal de escuro é danado!

Lula: Terrível.

Fernanda: E você Antônia? Filha, do que você tem medo?

Antônia: Vampiro.

Lula: Vampiro!?

Lula: Ainda bem que tem luz aqui ó!!! se não, sabe o que acontece comigo? eu desmaio... Se tiver tudo escuro, serio, fobia do escuro... Blackout total!!!

A esse respeito, lembro o que dizem Rita Ribes Pereira e Solange Jobim e Souza (1996b):

Quando o adulto fala da infância, geralmente se reporta à experiência do outro, e dificilmente se reconhece nessa história, como se a criança que habita o adulto não encontrasse mais palavras para dar conta desta experiência esquecida. O diálogo com o adulto depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com o seu passado, com a sua infância. [...] (RIBES apud JOBIM; SOUZA, S. 1996b).

Lula lembrou-se de um dos seus medos, um que traz desde criança. Quase todos os operadores comentam durante o programa, sobre as histórias que ouvem, as músicas que selecionamos e participam opinando sobre os assuntos.

Estes diálogos, em geral, acontecem com maior frequência quando os microfones fecham. É no momento em que as músicas tocam ou as campanhas são veiculadas que conversamos mais informalmente, bebemos água, esticamos o corpo e nos preparamos para os blocos seguintes, revisando as anotações.

⁴⁷ Falar com os microfones abertos ou fechados é o mesmo que falar no ar ou fora do ar, ou seja, é quando estamos ou não estamos sendo ouvidos pelos ouvintes.

⁴⁸ Antônia é outra filha, de 07 anos, que participa de algumas apresentações do programa, nesta fase atual.

Entendo que a experiência de quem produz o programa é muito diferente daquela de quem ouve o programa. São duas realidades, duas verdades simultâneas sobre quem produz e quem ouve. Aqui, podemos mais uma vez trazer Benjamin (1994, p. 168), quando falando sobre a fotografia, ele diz que a realidade que se apresenta à câmera não é a mesma que se apresenta ao olho. Importa dizer, parafraseando o autor, que a totalidade de um programa não é apenas aquilo que o ouvinte escuta do lado de lá do rádio.

Portanto, fica claro que, num programa, há aquilo que mostramos e aquilo que escondemos. Neste caso, também podemos recorrer à Bakhtin e o conceito de cronotopos, quando o que está em jogo é o *cronos* – tempo –, e o *topo* – lugar. Aqui posso supor que o cronotopos do programa seja o microfone. É ele, quando está aberto ou fechado, quem delimita quando (no intervalo? durante as músicas?) e para onde (para as casas? carros? estúdio?) vai o som.

3.3 Sobre a base dos programas: as histórias e as músicas

O programa teve, desde seu início, um foco central que é a contação e a leitura de histórias infantis, cujo conteúdo era composto por contos de fadas, lendas, fábulas, mitologias, versos, poesias, além de literatura de cordel e contos populares selecionados por Câmara Cascudo e Ítalo Calvino, esses dois bem cotados entre as crianças. Fizemos algumas tentativas de contar as histórias em capítulos, mas essa experiência não durou muito tempo. Flora e Stephanny ficavam lendo a sequência das histórias assim que o programa terminava e avalei com elas que não seria o ideal. Algumas vezes eu contava as histórias, outras vezes líamos as histórias juntas e em outros momentos elas escolhiam o queriam ler sozinhas.

Sobre o conteúdo das histórias e das cantigas que selecionamos, Gilka (CHUKOVSKY, 1968 *apud* GIRARDELLO, 2007) nos brinda com um relato do poeta russo Kornei Chukovski que dizia que as pessoas contam as histórias e canções de que mais gostavam quando elas próprias eram crianças, de modo que, quem escolhe as histórias para as crianças de hoje são *as crianças* de ontem. Seria, talvez, a criança que fui, aquela que durante tanto tempo selecionou histórias e canções que escolhi tocar? Suspeito, então, que a coleção “Disquinho” estivesse endereçada.

Ainda sobre essa aproximação entre adultos e crianças, mediados pelas histórias durante o programa, concordo quando Gilka fala da amplitude da narração, cuja experiência não se dá apenas pela linguagem, mas também pelo ar, pelo sopro. Apesar de, nesta experiência radiofônica, termos entre nós e os ouvintes, uma aparelhagem técnica, os suspiros, murmuros e sustos são partilhados e entramos no que ela chama de “*conspiração narrativa*”.

Desta conspiração faz parte a voz, onde reside a força da narrativa radiofônica. Pela entonação e, com o apoio da sonoplastia que, neste caso, conta como um adereço, compensamos talvez o que perdemos nos gestos e na presença, já que não existe imagem em rádio. Os recursos sonoros que usamos complementam tanto a narrativa oral, quanto a leitura dos textos. Faz parte, também, o convite para a criança se acomodar, onde quer que esteja, para ouvir as histórias, como foi no fragmento abaixo:

Essa música que vocês acabaram de ouvir foi JANELA, feita e cantada pelo Zé Zuca, que escreve muitos livros de história também. Bom, acho que todo mundo já se acomodou, já se ajeitou, já arrumou um cantinho para ouvir a primeira historinha de hoje. Bom, a história é Cinderela e eu vou estar atendendo o pedido da Carine, do Jardim Califórnia, que no último programa ligou e pediu pra eu contar esta história. Vamos lá? (Trecho parcial do início do 2º Programa, que foi ao ar em 1999.)

Ainda no tema das histórias, importa reforçar que as contribuições de Girardello (2007)⁴⁹ sobre a narração das histórias são aqui aproveitadas no contexto de uma perspectiva radiofônica no qual, usando o livro ou não e *reconhecendo a inestimável riqueza estética e simbólica desse processo* (da expectativa da virada de páginas), *buscamos destacar também a necessidade de que seja ao mesmo tempo exercitada a capacidade de evocar imagens na ausência das figuras, a partir das palavras* (2007, p 7).

Junto com as histórias, a seleção musical é outro item com o qual nos preocupamos. O acervo inclui músicas da MPB, releituras para crianças ou não, assim como composições produzidas para e com crianças, de grupos como o Grupo Palavra Cantada, Roda Gigante, Duo Rodapião, Sheila Quintaneiro e Sonia Prazeres, Hélio Ziskind, Grupo Rumo, entre outras produções regionais pouco conhecidas do grande público, como o Coral das crianças do Vale do Jequitinhonha, o Coral de Crianças da Rocinha no Rio de Janeiro, Grupo Monjolear, Cancioneiros do Brasil (produção do folclorista Itaércio Rocha e as crianças do Hospital

⁴⁹ Presentes no livro *Infância: Imaginação e Educação em Debate*, que consta nas referências.

Pequeno Príncipe), Os meninos de São Caetano (banda sinfônica do Agreste) e os Flautistas da Pró-Arte, por exemplo.

Buscamos uma atitude crítica em relação à seleção musical, ofertando um acervo variado e pouco disponível comercialmente. Que pudesse ser apreciado por qualquer público ouvinte – não apenas crianças - e fosse realmente uma alternativa que garantisse um padrão de qualidade. Por esta razão, compactuo com as ideias de Pereira (2010), que desenvolve um projeto radiofônico numa rádio Universitária (UFMG) cujo Programa *Serelepe: Uma pitada de música infantil*,⁵⁰ deriva da tentativa de integrar as áreas de teatro, música e comunicação, juntamente à proposta de difusão musical (idem, p 150).

Concordo com o autor quando ele diz que *as crianças tendem a gostar das músicas às quais tem acesso pela família ou pela influência dos amigos* (idem, p 151) e acrescento que isso vale para a formação de repertório de qualquer pessoa, seja adulto ou criança. Ao longo da vida, vamos incorporando gostos musicais daqueles que estão a nossa volta, inclui-se aí tudo o que vai sendo difundido também pelos meios de comunicação. E quando o assunto é música para crianças, diz se que

No *senso comum*, o que define se uma música é ou não para crianças é um critério temático/pedagógico. Acredita-se que música para crianças deve ser instrutiva (ensinando, por exemplo, a soletrar ou contar), deve ensinar hábitos de higiene pessoal e da boa educação (como escovar os dentes, tomar banho, dizer “por favor” e “obrigado”, etc.), deve ensinar valores morais (como respeitar o próximo e cuidar da natureza). Outra característica encontrada nas letras das músicas para crianças é a frequência assombrosa de animais (e quase sempre mencionados no diminutivo), ou ainda, que versam sobre seres fantásticos, tais como monstros, bruxas ou bicho papão. (PEREIRA, 2010, pg 151)

Apesar do senso comum acreditar nesta (pseudo) “qualidade” musical descrita acima, existe uma vasta produção de música feita para e com crianças que não às idiotiza, que nega a infantilização e pedagogização pela via musical. Penso como ele, quando afirma que, sobre a produção dedicada às crianças, temos vários artistas e grupos – muitos deles citados acima – que produzem à margem dos grandes meios de comunicação. Vale destacar ainda que, ao pensar em qualidade musical, é preciso perceber o que há para além do que está inscrito na letra das músicas. Muitas vezes, o trabalho artístico da melodia ou dos acordes imprime profunda qualidade, na releitura de uma singela canção de uma música folclórica, por exemplo.

⁵⁰ Um programa de caráter experimental, oriundo do curso de Graduação em Teatro da Escola de Belas Artes da UFMG, veiculado na Rádio UFMG Educativa, 104,5 FM, apresentado desde agosto de 2005 em Belo Horizonte.

No nosso caso, como emissora comunitária, é nosso dever estatutário possibilitar a visibilidade de tais grupos, uma vez que não somos regidos por uma lógica mercadológica. Sobre isso, Stephanny lembra que o programa tinha uma

trilha sonora que era bem legal! Assim, não era nada de um lugar comum... Eu lembro que até uma vez eu pensei: engraçado, não tem xuxa, não tem Angélica... Aí comecei a perceber que realmente era muito legal cara, as musiquinhas... eu só tinha uma implicância com a musiquinha do gigante (*música Aniversário – Palavra Cantada*). Aquela musiquinha realmente, no meu aniversário, não! no meu a-n-i-v-e-r-s-á-r-i-o não! Era sempre aquela musiquinha do gigante... Eu saía pra ir tomar água, por causa dessa música (*risos*). Também tinha aquele cd que tinha todas as cantigas com negocinho de berço (*clássicos em caixinha de som*), tinha Chopin... e nem era cantiga (*infantil*)!

Como ela bem lembrou, quase no final do programa, parabenizávamos as crianças aniversariantes daquela semana. Elas ligavam dizendo o dia do aniversário e nós colocávamos aquela canção que eu adorava, mas descobri com esta pesquisa, que ela detestava.

3.4 Sobre a produção dos programas: entre histórias e músicas

A dinâmica de produção do programa variava em torno dos livros de histórias e CDs, que eram dispostos na sala onde podíamos conversar um pouco antes do nosso horário. Ali combinávamos sobre o que iríamos falar, construindo juntos, os roteiros. Às vezes eu levava outras coleções, como *Ciência hoje das crianças*, *Almanaque Ruth Rocha I e II*, livros de adivinhações, de travalinguas, livros de receitas infantis, como sugestões.

Também fazíamos entrevistas em locais públicos, como praças, shoppings e em escolas, quando haviam eventos direcionados ao público infantil, como a Feira do Livro no SESC, por exemplo. Para as entrevistas, pais e professores também eram convidados a falar sobre suas lembranças da infância, brincadeiras de sua época e curiosidades.

Em algumas escolas, havia o protocolo de agendamento com antecedência para uma reunião de apresentação da proposta e, em seguida, os professores que se interessassem, agendavam uma oficina com entrevista na classe. Em outros casos, havia a necessidade de autorização dos pais para a participação das crianças.

Como já foi dito, estar numa emissora comunitária significa se dirigir aos interesses da comunidade, na oferta de ferramentas que provocassem melhorias sociais. Pensando no nosso

público e, seguindo o padrão definido pelos estatutos e por outros programas da emissora, incluímos vinhetas e pequenos spots sob a forma de campanhas sobre diversos assuntos que fossem de utilidade pública e garantia de direitos direcionados ao público infantil, como: informações locais sobre o Conselho Tutelar, sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), sobre prevenção de doenças infantis, campanhas de aleitamento materno, calendário de vacinação, denúncias sobre trabalho infantil, informações sobre vagas escolares (ou a falta delas), combate à violência infantil, entre outros. Todo o material relacionado à infância que chegasse à rádio era endereçado a nós, com o pedido de ser veiculado no programa. Em geral, eram/são produções feitas por diversos órgãos do Governo Federal, de ONGs e institutos que distribuem gratuitamente para as emissoras comunitárias, que devem veicular essas informações em suas emissoras, diariamente em horários diversos, sempre de acordo com a afinidade ente os assuntos. Esse momento das campanhas vinha junto com o intervalo.

Durante o período em que o programa teve a duração de uma hora, quase todos os quadros listados abaixo entravam no ar. Quando propusemos a redução do horário para meia hora, passamos a selecionar, variando-os semanalmente. Selecionei os quadros dos quais tenho registros gravados:

- ✓ Vinheta da rádio: “*Rádio Comunidade 106.1, independência e credibilidade*” (**1º programa, veiculado em julho de 1999**), “*25260411, o telefone mais charmoso da cidade!*” (**programa veiculado dia 28/08 2012**). “*Aqui você ouve o som de Friburgo, aqui tocam músicas que as outras não tocam, 104,9*”.
- ✓ Vinheta do programa: É a chamada de abertura do programa. Tem no fundo um tema musical e é repetido ao longo da programação semanal, em diversos horários: (Voz da Flora) “*Oi pessoal! Aqui na Rádio Comunidade criança também tem vez: Um programa infantil cheinho de histórias pra você ouvir em casa com a mamãe, o papai, a vovó ou o vovô. Vai ser toda 4ª e 6ª feira, das seis às sete horas. Espero por vocês, aqui na Rádio Comunidade 106.1, a rádio que ouve você!*”. **música de fundo**: O pato. (**Programa nº 22, veiculado no ano 2000**); (Voz da Fernanda) “*Pra você que gosta de ouvir histórias, Cante e Conte Outra Vez, um programa de rádio infantil pra você ouvir toda 3ª e 5ª feira, às cinco e meia da tarde, participe!*” **música de fundo**: Saiba, de Adriana Calcanhoto. (**Programa veiculado dia 22 de dezembro de 2011**); (Voz da Antônia e Juliano) “*Você pensa que Friburgo não tem nada pra criança? Você*

está muito enganado! Na Rádio Comunidade Criança também tem vez.2ª e 4ª às seis horas, no Cante e Conte Outra Vez, te espero lá!” **música de fundo:** Saiba, de Adriana Calcanhoto. (**chamada atual - 2015**).

- ✓ **Abertura:** Nesta hora, apresenta-se o que vai ter no programa e quem está à frente apresentando: (Fernanda) *“Olá criançada, tá na hora do Cante e Conte Outra Vez! Isso mesmo, dá licença de entrar na sua casa, de sentar aí pertinho de você, dá licença de entrar também no seu carro, de invadir esse finalzinho de tarde, com muita história, dicas, brincadeiras e aquele bate papo gostoso com você, que está aí ouvindo! Então vai se ajeitando...chega pra cá, chega pra lá... dá tempo até de fazer um pipi, beber uma aguinha e já, já, depois que a 1ª música – passarinho – tocar – a história vai começar”*(**Abertura, programa veiculado dia 28/08/12**).
- ✓ **A palavra é sua:** *“Então, a minha infância foi uma coisa muito legal, porque a minha mãe contava pra gente muitas histórias, né? E essas histórias antigas, como Chapeuzinho Vermelho, é...Branca de neve, Cinderela, Gata Borralheira... então eram histórias assim que até hoje eu não esqueço. Eu tenho uma lembrança muito gostosa por que além de você ouvir histórias, você tinha um contato assim direto com a mãe da gente, que na verdade é a grande referencia da gente, né?.”* **Profº de educação física Juarez, em entrevista na escola IENF (Instituto de Educação de Nova Friburgo);**
- ✓ **Dicas:** *“Nessa escola onde eu trabalhava, as aulas eram no período da manhã, a gente começava bem cedinho as aulas de música. E tanto eu quanto as crianças tínhamos a maior dificuldade em estar bem despertos logo no comecinho do dia e já que era tão cedo a gente preferia às vezes ficar na cama principalmente quando tava frio. Então teve uma vez que eu tava querendo mais ficar na cama, mas eu tive que levantar tomar banho e ir pra aula e eu fiz essa canção, que falava dessa dificuldade de acordar e de fazer as coisas que tem que fazer, que era ir pra aula e tudo. E quando eu cheguei na escola eu mostrei a canção pras crianças e eles gostaram muito, porque eles também estavam sentindo isso. A música era mais ou menos assim (começou a cantar e tocar no violão)... (8’44) Profº de música Rogério Leão (10º programa - 1999).*
- ✓ **Entrevista:** conversas gravadas em escolas, eventos ou ao vivo durante o programa, com convidados. *“O que você lembra que sua mãe fazia quando você era bem pequeno?”* (**programa nº 13 - 1999**); *Qual foi o dia mais feliz da sua vida? Foi*

quando eu passei da 3ª para a 4ª série (Dani) (Programa nº 29 – 2001); Como foi que seu dente caiu? Eu estava num piquenique e aí eu comi uma fruta e póim...ele acabou de cair!”(Yara Emília, 6 anos) (programa veiculado em 04/09/2012); O que você quer fazer nessas férias? “Nessas férias eu quero ficar vendo televisão e se entupindo de docinho e bolo”(Fernadinho, 9 anos); “Nessas férias eu quero comprar uma roupa pra mim e um brinquedo, pronto”. (Izadora, 4 anos); “Nessas férias eu quero ir ao cinema, jogar bola, só! Eu quero viajar!”(Frederico, 8 anos). Nestes momentos, muitas vezes o interesse maior era usar o microgravador: gravar, apagar, regravar, ouvir e rebobinar a fita k7. Apesar do assunto suscitar interesse entre eles, o que as crianças queriam era que chegasse a vez de ficar com o microfone na mão.

- ✓ Adivinhação: “Diga o nome de algum líquido que temos dentro do corpo” (programa veiculado em 21/11/11); “Qual o nome da parte do corpo que fica atrás do nosso pescoço, por onde o cabelo cai?” (programa nº 22 - 2000);
- ✓ Hora de história: Em cada programa podem ser lidas/contadas até três histórias de gêneros variados.
- ✓ Pergunta do dia: “Se você tivesse uma varinha de condão, o que você faria?” (programa nº 9 - 1999); “Se você fosse o presidente, o que você faria?” (programa nº 10 – 1999); “O que você fez nestas férias?” (programa nº 9 - 1999); “Quando você briga, como faz para fazer as pazes?” (programa nº 12 - 1999); Você sabe o nome da praça principal de Friburgo?(programa nº 20 - 2000);
- ✓ Agora é a vez do Dr. Darlan: um médico homeopata dá dicas de saúde, alimentação, cuidados com o corpo.
- ✓ Receita fácil: “Aí vai pra você, uma receita colorida. A receita é flor de fruta. Já ouviu falar? ... o miolinho da flor pode ser uma rodela de banana, bota no meio do pratinho. Pra você fazer as pétalas, pede para mamãe ou pro papai ou outro adulto ate judar a cortar fatias de maçã e gomos de tangerina. E aí você vai colocando, uma fatia de maçã, um gomo de tangerina.... em volta daquele miolo que é a rodela de banana. Depois, se tiver abacate, pode cortar uma tirinha fininha pra ser o caule da sua flor.... depois combine com seus amigos de cada um fazer uma flor diferente. Vocês podem lanchar juntos, como se fosse um delicioso pomar. Bom apetite!”(programa veiculado dia 28/08 2012).
- ✓ Informe ecológico/ a vida dos bichos: Material retirado de livros ou do jornal Globinho

- ✓ Lápis e papel na mão: momento de desenhar ou anotar dica de peça/show ou outro tipo de evento;
- ✓ Dica de leitura: lançamentos ou sugestões de livros;
- ✓ Dica de comida: *“o seu prato de comida deve ser bem colorido, sabe porquê? Porque quanto mais cor tiver, mais cheio de vitaminas ele pode estar. Quer ver? A cenoura é laranja, o feijão é marrom, o arroz é branco, o alface é verde, o tomate é vermelho... de agora em diante, faça um prato arco-íris e bom apetite!” (David, 10 anos , no programa nº 9 - 1999)*
- ✓ Intervalo:*“Faça contato, escreva, participe. Você está aqui, você está aqui. Comunidade FM, Caixa Postal 97488 Nova Friburgo.” (25’)*; Usa-se vinhetas da rádio e do programa seguinte;
- ✓ Campanhas: *“(Voz de crianças) - Eu acho que é aqui... Ei, aí é a rádio? - É aqui mesmo. - Eu e meus amigos queremos falar com você. - O que vocês querem? - Nós viemos reclamar. Meninos e meninas sabem das coisas, no mínimo já ouviram falar de uma lei que garante os seus direitos. Quem diria que criança um dia ainda ia ter vontade própria, né? poder botar a boca no trombone... quando a gente pensa no tempo da vovó em que criança tinha até que sair da sala quando chegava visita, ou então na ditadura de uma escola antiga, onde o professor podia tudo, mandar ajoelhar no milho ou ficar ano quarto escuro de castigo. A gente respira aliviado, não é mesmo? Graças ao Estatuto da Criança e do Adolescente, uma Lei que você precisa conhecer melhor, pra não deixar ninguém falar mal dela. Esta é a proposta deste programa produzido pelo Cemina, com o apoio do Unicef. Um programa que é também o resultado prático de uma oficina que Nas ondas do Rádio, trouxe do norte e do nordeste mulheres que movimentam a nossa rede de comunicação.(27’). (1º programa, veiculado em julho de 1999)*
- ✓ Aniversariantes: divulgamos e parabenizamos as crianças que ligam contando quando elas, ou alguém que elas gostam, faz aniversário (da semana, do mês)
- ✓ Notícias da escola (algum projeto, alguma festa, novidades)
- ✓ Encerramento: despedidas e agradecimentos

Nestes quinze anos, o programa teve alguns apoios culturais que conseguimos com amigos comerciantes locais, que geraram pequenos recursos para a compra de fitas k7, papéis e materiais de consumo do programa. Duas livrarias doavam livros para serem sorteados;

uma loja de roupas infantis doava tiaras de cabelo e uma loja de brinquedos artesanais doava brindes para as crianças. O grupo musical Palavra Cantada doou uma coleção de 12 CDs para serem usados nos programas.

3.5 Sobre os ouvintes:

Ao longo do tempo do programa no ar, não criamos estratégias para mensurar a audiência infantil, que não fosse pela participação por telefone ou por meio de contato direto com ouvintes nos mais variados locais, como acontecia em ambientes públicos, como nas filas do banco, no estacionamento, no pátio da escola, nas festas infantis entre outros locais comuns de se encontrar pessoas conhecidas ou não, numa cidade de médio porte, onde se conversa com “desconhecidos” com regularidade.

A sistematização mais organizada para chegar próximo de uma “pesquisa de audiência”, foi por meio das listas que fazíamos com o nome das crianças que ligavam para o programa. Em dado momento, decidimos organizar o contato telefônico e o bairro das crianças que ligavam para a rádio, apenas pela nossa curiosidade sobre a abrangência da audiência. Nesta lista descobrimos que atingíamos quatorze bairros, sendo uns centrais, outros periféricos e algumas favelas. Apesar de ter a limitação de abrangência de uma emissora comunitária, a Rádio Comunidade está localizada num dos bairros mais altos da cidade – Braunes - o que beneficia a transmissão e amplia o raio de alcance.

Falar ao vivo com quem liga para a rádio sempre foi uma parte considerada importante por nós, não só do programa, mas da rádio como um todo, pois é o momento da participação do ouvinte de cada programa. Este contato se dá através de ligações para o programa seja para responder a alguma provocação ou pergunta ao vivo, ou para tecer seus comentários. Não só ligações e nem só de crianças: os adultos também ligavam e os conhecidos, quando nos encontravam fora da rádio, comentavam sobre o programa. A maior importância de uma emissora comunitária é o seu papel social, enquanto porta voz da comunidade onde a rádio se instala. Vejamos uma ligação de uma ouvinte regular:

Fernanda: E nós estamos com uma ouvinte no ar, é a Daniela. Tudo bom Daniela?

Daniela: Tudo

Fernanda: Você quer responder a nossa pergunta de hoje?

Daniela: Quero.

Fernanda: Vamos lá? Qual é o nome da profissão das pessoas que cuidam da limpeza da nossa cidade?

Daniela: Gari

Fernanda: Isso, muito bem! Então você está participando do nosso sorteio, tá bom?

Daniela: Tá

Fernanda: Boa sorte pra você. E você quer escolher uma história?

Daniela: Huhum

Fernanda: Que história você quer escolher?

Daniela: Os três porquinhos

Fernanda: Tá bom, então na 4ª que vem eu vou trazer a história dos três porquinhos pra você ouvir, tá bom? Quantos anos você tem?

Daniela: Seis

Fernanda: Obrigada pela sua participação, um bom final de semana pra você e um beijo muito especial, tá bom?

Daniela: Tá, tchau. (Participação da ouvinte que ligou no 20º programa - 2000)

Consideramos esse um momento a ser festejado por nós, do lado de cá do estúdio, pois é quando as crianças pedem histórias, músicas e comentam sobre o programa, mas Stephanny nem sempre viveu esse momento de forma agradável, como ela revelou no nosso segundo encontro:

Stephanny (26a): eu lembro que quem apresentou lá do colégio, foi a Daniele, uma loirinha e tinha a Vanessa também. Apresentaram algumas vezes. Até sem mim inclusive, foi até uma época que fiquei com ciúmes pra caramba...

Fernanda: ah é?... Mas elas não eram apresentadoras; elas faziam entrevistas, eu acho. Não tenho muita lembrança...

Stephanny: contaram umas historinhas...

Fernanda: contaram?

Stephanny: eu lembro do dia que cheguei assim.. eu olhei, fui embora! (risos)

Fernanda: hum.. eu não cheguei a captar essa rivalidade...

Stephanny: eu olhava e pensava, “quê que elas tão fazendo no meu programa?”. Mas elas escutavam direto...

Stephanny: invadiram o meu espaço (risos)

Fernanda: você podia ter feito uma queixa pra mim! Deixou passar 15 anos... (risos)

As rádios comunitárias devem estar abertas a qualquer membro da comunidade, mesmo aqueles com os quais “rivalizamos”. Isso vale para o padre, o pastor, a mãe de santo, a oposição política e também as meninas da escola. Esse conflito vivido pela apresentadora mirim é o mesmo que outros apresentadores adultos vivem em seus programas. Geram disputas, brigas e não raro, desligamento de programas e de amizades.

3.6 Sobre outros achados que a pesquisa me permitiu ver: a criança no mundo e na cultura

Além de mudanças em dias e horários, o programa já esteve fora do ar em alguns períodos/meses, por razões diversas. Algumas mudanças foram adaptações que envolviam fatores internos – de acordo com as possibilidades dos apresentadores e da própria grade de programação, que muda de acordo com o contexto, como período eleitoral, por exemplo, quando temos muitos programas que entrevistam candidatos e, por esta razão, os horários são alterados. Mas também por conta de fatores externos, ouvindo o que vem de sugestões da audiência, por via telefônica, mas também pelos silêncios. Percebemos que, num determinado horário, parecia não haver audiência, ao mesmo tempo que, alguns ouvintes conhecidos, sugeriram o retorno a um horário anterior, no final da tarde.

3.6.1 O que dizem as crianças daquilo que pretendemos protegê-las

Uma das razões de interrupção na apresentação do programa foi nos momentos em que a rádio foi interditada por determinação da Anatel, tendo os equipamentos lacrados, nos anos de 2000, 2003 e 2005. Um dos motivos de fechamento pela Polícia Federal deste último ano, meses antes de conseguirmos a outorga definitiva, foi ficarmos funcionando com uma outorga provisória. Um fechamento em especial, no ano de 2003, gerou uma certa crise familiar e na emissora, pois estivemos próximos de sermos levados pelas autoridades com as crianças, o que traria outras complicações. Ficamos um tempo “descansando” fora do ar e voltamos, meses depois, no mesmo ano, no segundo semestre.

Nestes casos, demorávamos um pouco mais a retornar, pois dependíamos de técnicos e de recurso extra para repor o que era destruído. No outro episódio de fechamento (2000), estávamos na rádio, apresentando o programa infantil e ficamos quatro horas lá dentro sem poder sair. A Polícia Federal não pode invadir a emissora, mas entraria se abrissemos a porta. Na mesma semana que a rádio estava interditada, fomos procurados para uma entrevista sobre

o programa.⁵¹ A proposta era fazermos uma gravação ao vivo, mas tivemos que fazer uma simulação, entrando escondidos no estúdio da rádio, que estava com todos os equipamentos lacrados. Stephanny lembrou deste episódio:

Stephanny: eu me lembro que a primeira vez que eu vim ao RJ foi com vocês, no fim de semana. No fim de semana que passou na televisão um negócio do Cante e Conte outra vez, no Jornal Nacional...

Fernanda: ah, isso mesmo! a gente ia fazer uma gravação, não foi? uma entrevista?

Stephanny: a gente gravou lá mesmo com a rádio fora do ar, tava fechado o negocio lá...

Fernanda: ahh perai! a Polícia Federal fechou a rádio, isso mesmo! Sua memória tá mil vezes melhor que a minha, heim?

Stephanny: e a gente já tava com o pessoal do RJ Intertv chegando pra gravar e foi até melhor, que a gente gravou com a rádio fingindo tudo... (os equipamentos estavam lacrados) não foi ao vivo! aí no dia seguinte a gente foi pro Rio...

Este diálogo confirma, com a realização da pesquisa, que os assuntos ditos de “adultos” eram há muito conhecidos pelas crianças, que estão imersas na cultura, na vida. Minha crença modernista acreditava que crianças não conseguiriam entender o que se passava e como forma de protegê-las, eu camuflava assuntos considerados inadequados à infância, como por exemplo, este assunto – rádio interdita pela polícia –, que nunca apareceu enquanto fizemos o programa, embora fosse do conhecimento da Stephanny, como revelado na nossa conversa. Ela iluminou uma sombra/crença arraigada pelos anos iluministas que me fizeram crer que as crianças não eram capazes de compreender ou não estavam prontas para saber sobre determinados assunto.

3.6.2 Questões da técnica: imagem, imaginação; convergência das mídias

Tempos depois, o programa retornou em novo horário e dias da semana, e fui refazendo roteiros e entrevistas, selecionando novos materiais. Antonia, minha filha caçula, acompanha o programa nesta fase atual, trazendo consigo amigos da escola. Todas as crianças que estão presentes nos próximos diálogos foram apresentadas no capítulo da metodologia.

⁵¹ Neste ano (2000) o programa foi premiado pela UNESCO, como uma iniciativa comunitária para a infância. Era o Prêmio Sonhadores do Milênio.

Neste momento em a pesquisa se volta para as crianças de hoje, percebo como surgiram questões relacionadas a técnica. Com Elis (5 anos), exploramos o caminho do programa, quando ele sai da rádio e chega às casas. Nossa conversa seguiu assim:

Fernanda: E você lembra também que teve um dia que você foi lá na radio?

Elis (5a): é

Fernanda: você lembra? Que dia era aquele mesmo?

Elis: não sei. Que tinha aquele moço...

Fernanda: é... o que aquele moço fazia mesmo?

Elis: botava as musicas.

Fernanda: ah é; isso mesmo! Ele é o sonoplasta. O nome da pessoa que coloca as músicas. A gente escolhe as musicas e ele bota lá. E a gente quando tá em casa e liga o radio, a gente escuta aquilo que aquele moço lá dentro da rádio bota.

Elis: vai passando pelo fio

Fernanda: Isso mesmo! Vai passando pelo fio ai chega no radio do nosso carro, da nossa casa, aí a gente escuta.

Elis: do nosso prédio...

Fernanda: então tá bom! Agora vou entrevistar outras crianças, pra saber mais coisas...

Elis: vai na casa agora de outras crianças pra conversar isso com elas

Fernanda: ótima ideia. Assim eu vou ter ideias de muitas crianças, ai, vou fazer um programa exatamente como criança gosta...

Elis: cuidado pra não se perder da sua casa

Fernanda: ah, tá bom. Não vou muito longe não

Elis: vai a são Paulo, em Friburgo.

Fernanda: aí é muito longe, não?! Agora vou desligar o gravador...

Elis: depois eu posso ouvir?

Depois, conversei com os irmãos Clarisse (7 anos) e Gaspar (8 anos) e nossa conversa foi assim:

Fernanda- O que você acha que tem que ter num programa (de rádio) pra criança?

Clarice (7a)- musica, musica da escola!

Gaspar (8a)- bonecos! bonecos, bonecos.

Fernanda- como assim bonecos? num programa de radio, a gente vai falar e algumas pessoas vão ouvir né? o que, o que a gente pode apresentar pra criança gostar de ouvir este programa?

Clarice - eu posso cantar musica do vento, “Vento Vem Vindo”.

Fernanda- e você Gaspar? qual sua ideia?

Gaspar- eu acho que pode ter uma câmera e ter um monte de coisas pra gente, tipo coisas de crianças, bonecos pra eles poderem ver aí então....

Fernanda - mas, então, mas então olha só, radio não tem câmera, radio só tem microfone, as pessoas só vão ouvir a nossa voz. O que, que pode ter, de legal da nossa voz, que agente possa colocar em um programa para criança, o que vai fazer a criança gostar de ouvir esse programa?

Clarice- a gente pode, assim... o Gaspar tá falando de botar bonecos né? A gente fica em baixo da mesa fazendo teatro, teatro assim (faz gestos com as mãos, como se segurasse fantoches) aí vão ouvir.

Gaspar- mas como as pessoas vão...

Clarice- ai, vão ouvir, vão ouvir a gente falando, ai vai achar legal, né? uns bonecos assim, a minha mãe consegue fazer a gente vê a tela né? mas na rádio assim, que não tem graça nenhuma, por que gente só fala, não tem graça assim!!! ai a gente

pode fazer coisa legal, né? e também é legal a gente falar coisa bonita assim, de Deus, da boa vontade, né? e dae daaaa....

Gaspar- ah! eu sei, eu sei!!

Nestes trechos, fica fácil perceber como a criança contemporânea está imersa no mundo da imagem. Clarice e Gaspar nos lembram que as crianças são audiovisuais, quando falam dos fantoches e teatro de sombra. Quando nascem, supõem que mundo sempre fora deste jeito e torna-se um desafio, para elas, imaginar alguma possibilidade que não contenha imagem já pronta. A imagem é dominante na vida deles. Pensando nisso, trago uma reflexão sobre imagem e imaginação, essas duas palavras que têm o mesmo radical, mas que a sociedade do espetáculo distanciou. A imagem, na contemporaneidade, não é mais fruto direto da imaginação, mas um produto da técnica, que intermedia aquilo que a imaginação criou. Assim é na TV, nos outdoors, nas propagandas etc. Mas não é no rádio. O rádio lida diretamente com a imaginação, por meio do som.

Durante todo o tempo da nossa conversa, as crianças trouxeram outros elementos da imagem, neste caso, da TV. Seguimos na conversa:

Fernanda- bom,sobre o que as crianças vão gostar de ouvir vocês já deram varias sugestões né? agora, queria perguntar pra vocês o que que Gaspar e o que que Clarice gostariam de ouvir se estivessem em casa e ligassem o radinho pra ouvir, o que vocês queriam ouvir, num radinho de vocês?

Clarice- eu

Gaspar- eu queria ouvir

Clarice- eu queria ouvir a musica do sitio do pica-pau amarelo, assim do "Pedrinho".

Fernanda- e você Gaspar?

Gaspar- novela!

Fernanda- você queria ouvir uma novela?

Clarice- eu queria ouvir...

Gaspar- é porque novela às vezes ela é de radio.

Fernanda- isso mesmo!

Clarice- eu queria ouvir as Chiquititas.

Fernanda- quem sabe a gente não monta uma radio novela, feitas por vocês, a gente inventa uma história ou a gente pega uma história que a gente já conhece, o que que vocês acham?

Clarice- legalzinho....

Fernanda- deixa-me ouvir agora a opinião do Gaspar. Fala Gaspar.

Gaspar- eu acho até legal só queé mais ou menos para criança...

No caso da novela, a imagem também já está posta. É a novela Chiquititas que vem na memória e é o personagem Pedrinho quem traz a música. As novelas também estiveram presentes e, quando conversamos sobre música, a ideia do clip foi comentada. Os diálogos, nestes casos, reforçam a constatação de que, com a chegada da imagem, o som foi secundarizado.

Fernanda: se eu fosse criança também, tivesse 7,8 ou 9 anos e fosse ligar o rádio; eu fico pensando o quê que eu ia gostar de ouvir.
Clarisse: eu gostaria de ouvir que...Santa Maria..
Fernanda: Santa Maria? que isso?
Clarisse: Santa Maria! Santa Maria, Santa Maria...
Fernanda: e você Gaspar? o que você gostaria?
Gaspar: Ramones
Fernanda: Ramones? é uma banda?
Gaspar: é
Antônia: eu queria ouvir histórias
Fernanda: histórias...
Clarice: eu gostaria de ouvir Beatles
Fernanda: Beatles...poxa que boa ideia!
Antônia: quê que isso?
Fernanda: é uma banda, muito legal....e teve gente que gravou Beatles pra crianças
Clarice: eu sei
Fernanda: é...esse eu nunca ouvi.. boa ideia que você deu hein, Clarice! muito boa ideia

Figura 26 - Gaspar, Clarisse e Antônia no ar, 2014



Em outro diálogo, surgem outras mídias, como o facebook:

Fernanda- você sabe Antônia, o que é uma pesquisa?
Antônia (7a)- Não
Fernanda- É um trabalho que a gente estuda algum assunto, eu estou estudando sobre o programa da radio, sabe aquele programa de radio que você foi lá com a gente, lembra? Então a minha pesquisa estuda esse programa de radio e....
Antônia- Você bota no face, tá?
Fernanda- Botar no Face essa conversa? Ah depois eu posso botar...
Fernanda - e se vocês fossem inventar o próprio programa de vocês, o que que teria nesse programa?
Juliano (7a)- Terror.
Fernanda - Além de coisas de terror, legal coisas de terror, mas o que mais?

Juliano- Musicas histórias.

Antônia – Musica histórias e...?

Fernanda - E as outras crianças? Que tivessem ouvindo na casa delas o que que vocês acham que elas gostariam?

Antônia- Moda também

Ao pedir para colocar a conversa no face, Antônia deixa transparecer o diálogo existente entre as mídias e o rádio. Whatsapp, face e Google são termos usados pelas crianças que compreendem, de alguma forma, a convergência entre as mídias.

Trazer o assunto da moda para o rádio, como também apareceu no diálogo acima, nos faz pensar que este tema não vive apenas no universo da imagem, do visual. Pode transitar pela imaginação trazida pelas ondas do rádio.

3.6.3 Os lugares sociais da criança: no programa, na vida... sobre dar a voz

Neste programa, ouvi em minha própria voz muitas vezes uma fala infantilizada, no diminutivo, o que foi motivo de incômodos e estranhamento. Entretanto, percebo que, apesar dela, houve um esforço de inclusão da fala, da voz da criança, num espaço público. De alguma forma, os programas procuraram saber opinião das crianças, publicizando suas vozes na mídia, num lugar em que elas supostamente não estariam.

De alguma forma, as crianças perceberam isso. Em suas falas, pudemos reconhecer um tom de compromisso, de responsabilidade do lugar que foi dado a elas. Seja no cuidado com a produção do programa, seja nas entrevistas.

Esta importância dada à rádio também foi percebida por mim quando recebi em casa uma amiga e suas duas filhas, Flor e Estrela, de oito e nove anos, que vieram de Niterói e iriam à rádio apresentar o programa comigo. Estavam hospedadas em minha casa e observei quando estavam se preparando e se arrumando para ir. Escolheram as melhores roupas, maquiaram-se e uma delas ensaiou com afinco uma música que queria cantar. Como nos programas de auditório dos anos de ouro do rádio, as meninas reconheceram, neste dia, o valor que este espaço de mídia tem socialmente.

A pesquisa também fez ver que o lugar de criança não é importante só no ambiente escolar. Ela também transita em outros espaços, está nos ambientes públicos e, porque não, fazendo na mídia. É também nesse lugar que elas mostraram que podem produzir seus

discursos sociais, colocando-se sobre o que pensam do mundo. O programa fez ver que elas se posicionam socialmente sobre assuntos da vida cotidiana ou sobre vida política, por exemplo, como na entrevista sobre as eleições.

3.6.4 Sobre alteridade e produção coletiva

Outra proposta, da fase atual do programa, foi solicitada por uma ouvinte que, durante três anos, acompanhou o Cante e Conte: gostaria de fazer a comemoração do seu aniversário na rádio, durante o programa. Esta experiência nos mostrou como as crianças alteram e modificam o programa. Criando programas especiais, mas também quando ligam para a rádio ou quando estão escrevendo suas pautas e apresentando o programa.

Figura 27 - Aniversário da Beatriz na rádio: com Mateus, Elis e Antônia, em jan/2012



Figura 28 - Aprendendo a operar a mesa de som



Figura 29 - Juliano escrevendo a sua pauta



O fato de ser professora e estar radialista fez com que estivesse viva uma preocupação com a formação das crianças. No mostrar como fazer um roteiro, propor que eles acompanhassem o programa ao lado dos operadores de som ou aprendendo a gravar entrevistas, eles ocuparam o lugar daquele que faz, na produção de um programa de rádio. Ocuparam um lugar da fala, mas também do aprender fazendo.

Fernanda: Julia; se você fosse fazer um programa de radio, o que você acha que deveria ter num programa de rádio, o que você iria gostar?

Julia (7a): histórias, músicas

Fernanda: que histórias você acha que deveria ter? Que história que você gosta?

Julia: histórias pra meninos e meninas

Fernanda: ah, muito boa ideia!E o que poderia ter no programa de rádio pra gente melhorar o programa?

Antonia (7a): música

Antonia e Julia: pra cantar

Julia: história

Fernanda: história... qual é um assunto bom que criança vai se interessar de conversar?

Antonia: contar palhaçada

Fernanda: que mais? Criança gosta de falar sobre o quê?

Julia: tem algumas que gostam de falar de roupa, umas que gostam de falar sobre ... flores...

Murillo (operador de som): Olha ai depois tem esses CDs aqui de musica que vocês podem escolher que musicas que a gente vai ouvir hoje, tá bom?

Antônia (7a): Só que a gente tem que escolher essas músicas agora.

Maria (7a): Mas depois eu vou voltar pra lá?

Fernanda: Vai, depois você pode voltar.

Maria: Eu posso fazer só uns botões pra começar?

Murillo: Pode mas a gente vai fazer a musica, cada uma de vocês pode escolher duas musicas pra tocar. Qual que você escolhe?

Maria: Desse CD aí?

Antônia: Eu escolho “prepara” (se referindo a música “Show das Poderosas”, da Anitta)

Fernanda: Prepara a gente não tem.

Antônia: Que droga!

Não cabe na pauta aquilo que pode ser dito por elas, pois o que vem espontaneamente das crianças é da ordem do vivido. Nunca é programado. Nunca houve um roteiro rígido, que fosse escrito e narrado da mesma forma do início ao fim do programa.

Figura 30 - Roteiro de um programa

se tem um ...
sua comida preferida? - 04/11. Paulo (Brauro)

ROTEIRO
cante e conte outra vez...

AVE MARIA: Meditando com os anjos...
Música: n. 18 (cd pra cantar na escola)
apresentação: Alô criançada! Está entrando no ar, o único programa infantil de Nova
Orleans, o CANTE E CONTE OUTRA VEZ, com muita história, música e brincadeiras pra
passar a nossa noite! vamos ficando por aqui com vocês até às 7:00..Fiquem ligadinhos daí,
pois ficaremos ligadinhos daqui com muita novidade ..
em ir se ajeitando, sentando num cantinho gostoso, chama alguém pra ouvir as histórias
contadas por você... e aí? Já se ajeitou no seu cantinho? Pois quando a música acabar, a história vai
começar...

MÚSICA - n. 22- quem canta quem fala das lembranças que trazes de quando era bebê...
que é que tem dentro? N. 2... E esta semana é uma semana especial: comemoramos o
aniversário do dia do livro e o dia do índio!

HISTÓRIA - (fundo -n.7) dia o livro e o dia do índio!
Você já conhecia esta história? muita lenda, música
N. 01: diga o nome de uma verdura
antário sobre a dica. **PLANETA** **pássaro**
sua dica, aplausos... (n.3)
você em São Paulo

pergunta de hoje: (Fundo n. 15) E a nossa pergunta é...
o nome do maior rio do Brasil?
conhece o nome de alguma árvore da nossa mata atlântica?
o nome de um animal que esteja em risco de extinção...
o nome de um osso do nosso corpo ... do sentido que usamos para **enxergar**?
o nome da maior floresta do mundo? **animal**
o número é 522.34.44. Quem ligar respondendo, vai concorrer ao sorteio deste mês,
com um brinde super legal...da **Roca encantada**
olhos - diga o nome de uma hist.
que tenha a bruxa como
personagem!

PERGUNTA: o nome de um
se você fosse o presidente, o
que faria em relação ao traba-
lho infantil?

Como chamamos os fatos que
pretegem os olhos? **OLFATO**
animal com visão
nome de flor...
nome de uma verdura.
Você conhece algum
feitiço de bruxa?
sento o cheiro dos
olhos.

CONCERTEIRO, SENHORAS E SENHORES ... (EFEITOS SONOROS N. 12 - CIRCO)
brincadeira de hoje é ...
altura de: sapo, casa, avião, flor ...
altura de modelar com farinha de trigo
e - lata . morto e vivo
lho de sucata . música
de

da memória:
o mandou / siga o mestre

ROTEIRO CULTURAL
ROCHA ENCANTADA - Cadima shopping
ROCHA DA CRIANÇA ALEGRE
ROCHA ANHA - Pergunte p/ pais mãe vó...
diz: ligue p/ a e conte uma história sua
vistas - a palavra é sua ...
fáceis
ROCHA : quem canta ...n. 22
filhos
filhos
conhecem as histórias!

Corrida da bolinha
cada a. 4 e 1 canudo e bolinha de fita

*** Você gostaria de participar do nosso programa?**
Se quiser contar suas histórias e apresentar conosco o programa, é só ligar pra mim - 25223444.

do maduro de vassoura de bruxa
pegue jornal e faça um relincho sem
fundo e 2 folhas.

CONCLUSÃO

Tem dias que eu fico pensando na vida
 E sinceramente não vejo saída.
 Como é, por exemplo, que dá pra entender:
 A gente mal nasce, começa a morrer

Depois da chegada vem sempre a partida,
 Porque não há nada sem separação.
 Sei lá, sei lá, a vida é uma grande ilusão.
 Sei lá, sei lá, só sei que ela está com a razão.

Toquinho

Quando o trabalho de pesquisa começou a tomar forma, me dei conta que estava chegando ao fim. No momento em que as ideias se alinharam, me senti pressionada pelo tempo, me obrigando a correr na direção do ponto final. Pensei: se a canção de Toquinho tivesse tocado mais vezes, será que teria me dado conta desde o início que, escrever a primeira linha é anunciar que existe a última? E que esta última já está ali adiante, apenas invisível? Afinal, “*a gente mal nasce, começa a morrer*”. “*Sei lá, sei lá*”...

Piorou um pouco quando misteriosamente novos textos, autores e livros que tratam exatamente daquilo que pesquisei começaram a surgir. A sensação é que o que produzi até ontem já está quase obsoleto, sem nem ter saído do forno. No caso desta dissertação, que trata de um programa radiofônico que esteve no ar durante toda a pesquisa, esta situação se tornou bem desafiadora, pois tem sido tentador ouvir uma conversa, um comentário ou uma frase durante um programa, considerando que cairia muito bem para ilustrar ou enriquecer esta ou aquela categoria de análise. Mesmo com o campo “encerrado” naquele passeio de carro com as crianças, a sensação de poder aproveitar algum novo dado ou preciosa informação permanece.

Conversa com um, conversa com outro, descubro que não é inaugural esse sentimento e que é preciso me dar conta que todo pesquisador vive essa sensação, essa tentação, entendendo que a vida segue bakhtinianamente seu rumo ao lado da ciência e da arte.

Para um certo ajuste nesse processo, experimento fazer o caminho de volta, ou seja: ir desocupando o lugar da pesquisadora e reassumindo o posto da radialista. Refazer esse caminho significa observar os aprendizados que essa pesquisa trouxe no âmbito da radiodifusão comunitária e da infância. Significa pensar também em formas de devolver à Rádio e às crianças o que foi este estudo, realizado em parceria com eles. Para a rádio, todo o acervo em áudio, as pautas, as planilhas sobre os áudios. Para as crianças, além de uma apresentação da pesquisa na forma de um programa de rádio, penso na produção de um material gráfico que registre suas falas e fotos.

Vale lembrar que, ao criar o programa de rádio, não tinha a intenção objetiva de saber sobre o que se conversa com e entre crianças. Esta consciência sinceramente não estava presente, entretanto é preciso constatar que tal realidade – saber sobre o que se conversa com e entre elas - passou a existir com a realização do programa. Pois a fala das crianças estava ali. Por isso, quando reflito sobre “*o que significou colocar no ar um programa para crianças?*” penso que, com esse programa, instituí uma realidade do que se considera que possa comunicar com crianças. Mas os adultos e as crianças em suas casas, entre seus familiares e rede de amigos; assim como os professores em suas classes, sabem sobre o que se conversa com as crianças. Sim, sabemos. Mas não de forma pública. Logo, o que eu pretendi criar com esse programa, como comentei na introdução, seria um espaço de comunicação desprezioso no sentido da escolarização, mas que fosse um espaço político, que garantisse a visibilidade desse grupo social – crianças e que demarcasse, de alguma forma, esse lugar de pertencimento e de militância.

Outro ponto a constatar é sobre algumas crenças – que não estão presentes só - no senso comum, de que o único lugar de importância na vida da criança é a Escola e que sua linguagem principal, quase exclusiva é o brincar. Sim, Escola é um lugar importante, assim acredito e defendo, como educadora e como mãe, mas reconheço que não é único. Na experiência do fazer radiofônico, partilhei com certa regularidade, um ambiente que não seria considerado “*locus*” para a infância - uma rádio – , onde também produziu-se conhecimento e cultura, onde a formação e o aprendizado da técnica foram compartilhados. Onde relações sociais foram estabelecidas entre crianças e adultos. Neste caso, alteramos uma fronteira demarcadamente reconhecida para elas, cujo espaço legítimo dentro do dito enclausuramento da infância, seria a casa ou a escola, tutelados por adultos. Na rádio, a horizontalidade da fala é experimentada, apesar do controle de acesso aos botões dos microfones ser do operador de som, um adulto.

Sobre o brincar, faço uma autocrítica, quando lembro que durante bastante tempo imaginei que o programa precisaria usar uma linguagem lúdica, para que tudo parecesse “uma grande brincadeira” e assim as crianças participariam a contento. Esta crença foi sendo desconstruída ao longo da pesquisa, quando reconheci o quanto as crianças demonstravam interesse e comprometimento quando se posicionavam e se expressavam sobre as questões que lhes eram postas, sobre as questões do mundo. Como estar neste lugar da mídia, do espaço público da fala, trouxe um senso de responsabilidade e de compromisso assumido seriamente por elas. Essa dimensão, repito, me foi dada pela pesquisa.

Pensando no alcance limitado das rádios comunitárias, reflexão presente também na introdução, a pesquisa demonstrou que a convergência das mídias vem favorecendo a migração das emissoras comunitárias para as *webrádios*, o que altera bastante seu caráter e amplia a interface com a comunidade. Por outro lado, talvez possa reduzir o caráter intimista que tem com a população do entorno. Também fez revelar o quanto as crianças transitam pelas redes sociais em diálogo com a mídia rádio, desejando postar nas suas páginas, as suas participações no rádio, ou produzir vídeos dos programas para postar no *Youtube*.

De um modo geral, analisando o conteúdo dos diálogos entre mim as crianças ao longo deste estudo, pude perceber que há, por parte das crianças, grande interesse em produzir e apresentar os programas de rádio, em serem ouvidos, mais do que o interesse em ouvir os programas que fizeram. Produzir mais do que consumir, em relação ao rádio. Apesar disso, ficou claro em muitos momentos, que as crianças ouvem rádio, programas não direcionados à elas, mas aquilo que se ouve em casa ou no carro. São por esta razão, conhecedoras dos noticiários, dos programas de variedades e de um acervo musical amplo, sem fazer distinção entre música infantil e música de adulto. Estão na cultura. Estão no mundo.

Bem, pelo andamento desta conversa, é hora de colocar a vinheta de volta no ar, pois o próximo programa já vai começar!

“Se você pensa que Friburgo não tem nada pra criança,
Você tá muito enganado!
Na Rádio Comunidade criança também tem vez,
Toda segunda-feira e quarta-feira às seis horas,
Te espero lá!” (Vinheta atual)

REFERÊNCIAS

A história do Rádio. Sindicato dos Radialistas do Estado do Pernambuco.

<http://www.radialistaspe.com.br/v2/index.php/historia-do-radio>. Acesso em 15 de maio de 2015.

ALENCAR, Marcelo S., WASLON T. A. Lopes, ALENCAR, Thiago T. *O Fantástico Padre Landell de Moura e a Transmissão sem Fio*. Instituto de Estudos Avançados em Comunicações (Iecom). Universidade Federal de Campina Grande Campina Grande PB *Faculdade ÁREA1, Salvador BA. Acesso em 25 de agosto de 2015.

<http://www.memoriallandelldemoura.com.br/imagen/documentos/fantastico_landell.pdf>

ALVES, Nilda. *Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos*. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 4, nº 7-8, jan/dez 2003 Disponível em:

<<http://periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistateias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=209&path%5B%5D=20>>. Acesso em 08/2014.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa

_____. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências humanas. *Caderno de Pesquisa*. [online], n.116, p. 07-19, 2002.

_____. Para uma filosofia do ato: “válido e inserido no contexto”. In: _____. *Bakhtin, Dialogismo e polifonia*. Ed. Contexto. Disponível em: <http://www.editoracontexto.com.br/produtos/pdf/BAKHTIN%20DIALOGISMO_CAP1.PDF>

_____. Ensino à distância e perspectiva bakhtiniana: questões filosóficas. *Em Rede: Revista de Educação a distância*, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em:

<<http://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/13>>. Acesso em jan 2015

BARBOSA FILHO, André. *Gêneros radiofônicos; tipificação dos formatos em áudio*. 1996 Dissertação (mestrado) - IMS, São Bernardo do Campo, 1996.

BARROS, Josemir Almeida. *Rádio e Educação: de ouvintes a falantes, processos midiáticos com crianças*. 2008. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Faculdade de Educação. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2008.

BAKHTIN, Mikhail M. *Discurso da vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)*. (mimeo).

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov*. In: _____. *Magia e Técnica, Arte e Política*. Obras Escolhidas I. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994b.

_____. *Obras escolhidas v. II. – Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

_____. *Obras Escolhidas v. II - A Infância em Berlim por volta de 1900*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994

_____. *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*. São Paulo: Summus, 1984

_____. *El Berlin Demonico. Relatos Radiofónicos*. Trad. Joan Parra Contreras. Barcelona: Icaria, 1987

_____. *A hora das crianças - Narrativas radiofônicas*. Tradução Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Ed NAU, 2015.

BRASIL. *Lei n. 9212*, de 19 de fevereiro de 1998. Institui o serviço de radiodifusão comunitária e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 29 fev. 1998.

BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade. Lembrança de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

BOXINE, Luíz. A rádio, o som e a infância: relato de experiências de programas de rádio elaborados por crianças do pré-escolar. In: BRITES, Maria José; JORGE, Ana; SANTOS, Silvio Correia (Editores). *Metodologias Participativas: Os médias e a Educação* Livros LabCom, Covilhã, UBI, LabCom. IFP. Portugal, 2015. p 149-257.

BRECHT, Bertold. Teoría de la Radio (1927-1932). In: BASSETS, Lluís (ed.). *De las ondas rojas a las radios libres*. Textos para la historia de la radio. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

BURKE, Peter. *A escrita da história: Novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Ed Unesp, 2011.

BUSS-SIMÃO, Marcia. Antropologia da Criança: Uma revisão da literatura de um campo em construção. *Revista Teias*, v. 6, n. 10-11, 2005.

_____. Pesquisa etnográfica com crianças pequenas: reflexões sobre o papel do pesquisador. *Revista Diálogo Educ*, Curitiba, v. 14, p. 37-59, jan/ar. 2014.

CARONE, Iray. Adorno e a educação musical pelo rádio. *Edu. Soc.*, Campinas, v. 24, n. 83, p. 477-497, agosto 2003. Disponível em <<http://cedes.unicamp.br>>. Acesso em 22/07/2014.

CASTRO, Lúcia Rabello. A infância e seus destinos no contemporâneo. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 47-58, jun. 2002.

_____. Conhecer, transformar (-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO, Lucia Rabello de; BESSET, Vera Lopes (orgs). *Pesquisa intervenção na infância e na juventude*. Rio de Janeiro: NAU, 2008.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ed Ática, 2000.

COGO, Denise Maria. *No ar... uma rádio popular (o uso dos alto-falantes como emissora popular no Brasil)*. 1994. 370 f. Dissertação (Mestre em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

_____. *No ar... uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

Disponível em: <http://amarcbrasil.org/wp-content/uploads/2014/08/AMARC_11_vezes_RadCom_web.pdf>. Acesso em 07/02/2015

CORSARO, William A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. *Revista Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: fevereiro/2012.

COSTA. Mauro Sá Rego. *Rádio, Arte e Política*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

COSTA, M. S. R.; HERMANN, Wallace. Rádios livres, rádios comunitárias: outras formas de fazer rádio e política. *Revista Lugar Comum (UFRJ)*, Rio de Janeiro, v. 16-17, p. 97-107, 2002.

COSTA. Patrícia Coelho da. *Educadores do rádio: concepção, realização e recepção de programas educacionais radiofônicos (1935 – 1950)*. Tese apresentada à Faculdade de Educação da universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutor em Educação, 2012.

_____. Os pioneiros do rádio e os desafios da regulamentação da radiodifusão no Brasil dos anos 1920. *Revista Brasileira de História da Mídia (RBHM)*, v. 3, n. 1, jan-jun 2014.

DELGADO, Ana Cristina Coll; MULLER, Fernanda. *Sociologia da Infância: Pesquisa com crianças*. Edu. Soc, Campinas, v. 26, n. 91, p. 351-360, maio/ago. 2005. Disponível em <<http://www.cedes.unicap.br>>. Acesso em 15 de maio de 2014.

DÍAS DE RADIO - *La Teoría Radiofónica de Bertolt Brecht*. Acesso em julho de 2014. <<http://labohemia4.blogspot.com.br/2014/07/dias-de-radio-la-teoria-radiofonica-de.html>>

FERRARETTO. Luiz Arthur (Org.). *E o Rádio? Novos horizontes midiáticos*. (recurso eletrônico). Porto Alegre: Edipucrs, 2010.

FERREIRA, M. “- ela é nossa prisioneira!”: questões teóricas, epistemológicas e ético-metodológicas a propósito dos processos de obtenção da permissão das crianças pequenas numa pesquisa etnográfica. *Revista Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul Reflexão e ação*, v. 18, n. 2, p. 151-182, 2010.

FERREIRA, Marluce Gunthiá. *A pesquisa com crianças e mídia: alguns apontamentos teórico-metodológicos*. Artigo apresentado ao eixo temático “Comunicação Corporativa e Práticas de Produção e Consumo on line” do V Simpósio Nacional da ABCiber (2012).

FREIRE, Joana Loureiro. Meus favoritos: crianças, *sites* e metodologias de pesquisa. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PROPED (Programa de Pós Graduação em Educação). Rio de Janeiro, 2012.

FREITAS, Maria Tereza; SOUZA, Solange Jobim; KRAMER, Sônia (Orgs). Ciências humanas em Pesquisa: Leituras de Mikhail Bakhtin. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FERNANDES, Adriana Hoffmann e OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. Criança, mídia e produção de narrativas: As relações com a imagem e o “pensar em quadrinhos”. In: *Crianças, Mídias e Diálogos*. GOUVEIA, Guaciara e NUNES, Maria Fernanda Rezende (Orgs). Rio de Janeiro: Ed Rovel, 2009.

GIRARDELLO, Gilka. Voz, presença e imaginação: A narração de histórias e as crianças pequenas. In: FRITZEN, Celton; CABRAL, Gladir S. (Orgs) *Infância: Imaginação e Educação em Debate*. Campinas; São Paulo: Papyrus, 2007. Disponível em: <<http://www.nica.ufsc.br/index.php/publicacoes/gilka>>. Acesso em 20 de maio de 2014.

_____. Imaginação: arte e ciência na infância. *Pro-Posições*, Campinas, v. 22, n. 2, p. 72-92, aug. 2011. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73072011000200007>>. Acesso em 21 Junho de 2015.

GOMÉZ, Guillermo Orozco. *Mídia, recepção e educação*. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3298/2555>>. Acesso em março 2015

JOBIM E SOUZA, Solange. *Infância e Linguagem: Bakhtin, Vigotsky e Benjamin*. Campinas: Papyrus, 1995.

_____. Ressignificando a Psicologia do Desenvolvimento: uma contribuição crítica à pesquisa da infância. In: KRAMER, Sônia; LEITE, Maria Isabel. (orgs.) *Fios e desafios da pesquisa*. Campinas: Papyrus, 2001.

JOBIM E SOUZA, Solange; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto e .A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 109-122, Jul./Dez. 2012

KLOCKNER, Luciano. *O Repórter Esso: a síntese radiofônica mundial que fez história*. Ed Porto Alegre, RS: Edipucrs, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n84/n84a12.pdf>>

KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Izabel Ferraz Pereira (Orgs.). Infância, Conhecimento e Contemporaneidade. *Infância e Produção Cultural*. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1998.

KRAMER, Sônia. Autoria e Autorização: questões éticas na pesquisa com crianças. *Cadernos de Pesquisa*, n. 116, julho/2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000200003&script=sci_arttext>. Acesso em: julho/2013

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*. v. 11. jan/abr 2002. Disponível em: <http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDIA.pdf>

LIMA, Raquel Souza. O conceito de cultura em Raymond Williams e Edward P. Thompson: breve apresentação das ideias de materialismo cultural e experiência. *Revista Cantareira*. Trabalho de aproveitamento do Curso Literatura e Sociedade, oferecido pela professora Dra. Adriana Facina, no Mestrado em História Social da Universidade Federal Fluminense, no primeiro semestre letivo de 2004. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/cantareira/novacantareira/artigos/edicao8/artigo02.pdf>>. Acesso em 16/07/2013.

LUZ, Dioclécio. *Trilha apaixonada e bem-humorada do que é e de como fazer Rádios Comunitárias na Intenção de mudar o mundo*. 2. Ed. 2004.

_____. *A arte de pensar e fazer rádios comunitárias*. Brasília: [s.n.] 2007.

MACEDO, Nélia. “*Você tem face?*” *Sobre Crianças e Redes Sociais Online*. 295 fl. Tese (Doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PROPED (Programa de Pós Graduação em Educação). Rio de Janeiro, 2014.

MACEDO, Nélia; PEREIRA, Rita Ribes (Org). *Infância em Pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

MACEDO, Nélia et al. Encontrar, compartilhar, transformar: reflexões sobre a pesquisa intervenção com crianças. In: PEREIRA, Rita M. Ribes; MACEDO, Nélia (orgs.) *Infância em Pesquisa*. NAU, 2012.

MACEDO, Nélia Mara Rezende. *O que as crianças cantam na escola? Um estudo sobre infância, música e cultura de massa*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação, 2008. Acesso em fevereiro/2012. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2006_1-205-ME.pdf

MACLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Tradução de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

MARTIN–BARBERO, Jesus. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2008.

NETO, Alfredo de Oliveira. *Comunicação comunitária e saúde: a possibilidade de sintonia em uma só estação rumo à democratização dos espaços da mídia e do SUS*. 2010. 146f. Dissertação (Mestre em Medicina Social) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Rio de Janeiro, 2010.

NUNES. Marisa Aparecida Meliani Nunes. *Rádios Livres: O Outro Lado da Voz do Brasil*. Dissertação de Mestrado. 87f. Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1995.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Rádio: interatividade entre rosas e espinhos. Grupo de Estudos sobre Práticas de Recepção a Produtos Mediáticos – ECA/USP. *Revista Novos Olhares*, n. 2, 2º semestre 1998.

PAIVA, Raquel. Para reinterpretar a comunicação comunitária. In: PAIVA, Raquel (Org.). *O retorno da comunidade: os novos caminhos do social*. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2007. p.133-148.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes. A hora das crianças: narrativas radiofônicas de Walter Benjamin. In: JOBIM E SOUZA, Solange; KRAMER, Sonia (org.). *Política, cidade, Educação*. Rio de Janeiro: Ed PUC/RJ, 2009.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; SALGADO, Raquel Gonçalves; JOBIM E SOUZA, Solange. Pesquisador e criança: dialogismo e alteridade na produção da infância contemporânea. *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, nº 138, set./dez. 2009.

_____. A pesquisa como experiência estética. In: PASSOS, Mailsa Carla Pinto; PEREIRA, Rita Marisa Ribes. *Educação, experiência, estética*. Rio de Janeiro: NAU, 2011.

_____. Um pequeno mundo inserido num mundo maior. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (orgs.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012a.

_____. Pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (orgs.). *Infância em pesquisa*. Rio de Janeiro: Nau, 2012b.

PEREIRA, E. T. et al. *Música e infância no rádio: o programa Serelepe na Rádio UFGM – Educativa*. *Per musi*, Belo Horizonte, n. 22, p 150-156, 2010.

PEREIRA, Silvio da Costa. *Mídia-Educação no contexto escolar: Mapeamento crítico dos trabalhos realizados nas escolas de ensino fundamental em Florianópolis*. 2008. 268 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. *Rádio Comunitária na Internet: empoderamento social das tecnologias*. Trabalho apresentado no Núcleo de Mídia Sonora. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela INTERCOM e realizado no Rio de Janeiro, de 5 a 9 de setembro de 2005.

PINHEIRO, Elton Bruni Barbosa e TAVARES, Olga. *Mutações na cultura Midiática Radiofônica: A nova Práxis na Produção de Conteúdos Digitais*. *Revista Eletrônica Temática*. Ano VI, n. 11, nov. 2010.

RAMIREZ, Paulo Nicoli. A memória e a infância em Marcel Proust e Walter Benjamin. *Revista Aurora*, v. 10, 2010. NEAMP. PUC. São Paulo, 2010.

RIBEIRO, Adriana. *Criança ainda ouve rádio?* *Revista.com* Disponível em: <<http://www.revistapontocom.org.br/artigos/crianca-ainda-ouve-radio>>. Acesso em 02.03/2014

RIBEIRO, Adriana. *A crianças em situação de escuta – uma aproximação à audiência infantil de rádio*. Tese de Doutorado em Educação – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

SALGADO, Raquel et al. “Tudo junto e misturado?”: a infância contemporânea no diálogo entre crianças e adultos. *Revista Teias*. v.14, n.31, p. 46-61. maio/ago, 2103a.

SALGADO, Raquel; PEREIRA, R. M. R.; SOUZA, S. J. e. Pela tela, pela janela: questões teóricas e práticas sobre infância e televisão. *Caderno Cedes*, Campinas, v. 25, n. 65, p. 9-24, jan./abr. 2005.

SANTOS, Núbia de Oliveira. Intimidade e estranhamento na pesquisa com crianças. In: PEREIRA, Rita M. Ribes; MACEDO, Nélia (orgs.) *Infância em Pesquisa*. NAU, 2012.

SARMENTO, Manuel. *As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade*. 2006. Disponível em: <http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf> Acesso em agosto/2013.

_____. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação e Sociedade*. v. 26, n.91, p.361-370, maio/ago. 2005

SILVA, Ângela Daniela Jesus. *A Programação infantil nas Rádios Portuguesas: dos Primeiros ensaios ao desafio on line*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão. Universidade da Beira Interior, Faculdade de Artes e Letras, Portugal, 2010.

SOUZA, Sandra Sueli Garcia. *Rádios ilegais: da legitimidade à democratização das práticas*. 1997. 218f. Dissertação (Mestrado). Universidade Metodista de São Bernardo do Campo (UMES). São Bernardo do Campo, SP, Brasil. Agosto, 1997.

SPRITZER, Mirna. *O corpo tornado voz: a experiência pedagógica da peça radiofônica*. 2005. 191f. Tese (doutorado). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. BR-RS, 2005.

TEIXEIRA, Graziela Dias. *Rádio Comunitária: um instrumento de inserção na esfera pública?* Trabalho baseado na tese de doutoramento da autora, apresentado no XI Congresso Brasileiro de Sociologia. 1 a 5 de setembro de 2003, UNICAMP, SP.

TESSER, Tereza Cristina. *Programas dedicados às mulheres e às crianças marcam os primeiros vinte anos do Rádio, nas emissoras do Rio de Janeiro e São Paulo*. Trabalho apresentado ao GT História da Mídia Sonora, do V Congresso Nacional de História da Mídia, Facasper e Ciee, São Paulo, 2007.

WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

ANEXO A - Contato pelo facebook com apresentadores da rádio

[Fernanda Milanez](#)

12 de janeiro às 23:54 · [Editado](#)

Estou lançando um desafio: RESGATAR A MEMÓRIA DE TODOS OS PROGRAMAS QUE JÁ FORAM APRESENTADOS NESTA EMISSORA.

Se você é ou foi APRESENTADOR ou OUVINTE da RÁDIO COMUNIDADE, tenho certeza de que tem a contribuir!!!

PARTICIPE deste exercício de memória COLETIVA!!!

Venham: [Laura Mury](#), [Luzia Franco](#), [Altiele D' Franco](#), [Lula Siqueira](#), [Claudio Foly](#), [Kelly Schuchmann](#), [Eduardo Ramos](#), [Gustavo Sinder](#), [Maria José Vieira](#), [João Canto](#), [Alda Maria de Oliveira](#), [Maria Nina Magalhães](#), quem mai...

[Ver mais](#)

[Curtir](#) · [Compartilhar](#)

- [Fernando Cavalcante](#), [Maria Suely Alves Salustiano](#), [Lula Siqueira](#) e [outras 3 pessoas](#) curtiram isso.



[Claudio Foly](#) 4- Diálogos de Umbanda
5- Opinião, análise de conjuntura política.

Ontem às 08:11 · [Descurtir](#) · [2](#)



[Altiele D' Franco](#) Olá [Fernanda Milanez](#) são vários, desde 1998 que estou na rádio, portanto esquecerei muitos...rsrs Pagode D' Franco - apresentado por [Altiele D' Franco](#), Amor de Pagode - apresentado por [Altiele D' Franco](#) e [Rodrigo Coutinho Anselmo](#), Momentos da Catedral - apresentado por [Antonio Leão Ferreira](#), Semente Brasileira - apresentado por [Gustavo Sinder](#), [Pisa Que Eu Chuto](#) - apresentado por [Gustavo Sinder](#), [Jerônimo Nunes](#), [Carlos Augusto Carneiro](#), [Alexandre Chabudet](#), Alguem Cantando e Tempo de Bossa - apresentados por [Denise Pinaud](#), Cantadores e Cantorias - apresentado por [Jerônimo Nunes](#)...

22 h · [Descurtir](#) · [4](#)



[Gustavo Sinder](#) Muito bom a ideia heim....

22 h · [Descurtir](#) · [2](#)



[Altiele D' Franco](#) Mix Master - apresentado por Dj Saulo Emerick, Só Chame - apresentado por Ló Dj, Festa Nigth - apresentado por Wagner DJ e DJ Mixirica, Top Of The Pop - Victor Diniz ...

22 h · [Descurtir](#) · [2](#)



[Altiele D' Franco](#) Tem mais.... Aguardem rsrs

22 h · [Descurtir](#) · [2](#)



[Lula Siqueira](#) Fantastica ideia !!!!!

22 h · [Descurtir](#) · [1](#)

- 
[Lula Siqueira](#) Ondas Progressivas com Lula Siqueira e Danielle El-Jaick , Pop Rock com Alex Viera , Explosão Gospel com [Anderson Gama](#) , Rock de A a Z com Moises Jr
22 h · [Descurtir](#) · [1](#)
- 
[Anderson Gama](#) Karaka brother grande lembrança feliz pacas com a lembrança agora ferrou..vamos nessa
22 h · [Editado](#) · [Descurtir](#) · [2](#)
- 
[Sueli Meirelles](#) Eu também.
21 h · [Descurtir](#) · [3](#)
- 
[Anderson Gama](#) Viva king james white, cross, stryper,mortification kirk frankin e muito mais...
21 h · [Descurtir](#) · [2](#)
- 
[Lula Siqueira](#) Só Christian Metal de primeira categoria !!!!! grande programa brother !!!!

ANEXO B - Autorização e convite para participação na pesquisa

CARTA CONVITE DE PARTICIPAÇÃO NA PESQUISA

Queridos pais, mães e responsáveis,

Faço parte do grupo de pesquisa “**Infância e cultura Contemporânea**” (www.gpicc.pro.br), da Faculdade de Educação da UERJ e como mestranda desenvolvo o projeto BUSCANDO SINTONIAS: REFLEXÕES SOBRE UM PROGRAMA RADIOFÔNICO INFANTIL, que tem por objetivo refletir sobre o lugar da criança na produção, apresentação e recepção de um programa radiofônico e os sentidos desta programação que tem como essência a oralidade, para crianças imersas num universo de saturação de imagens.

Neste momento, estou realizando a pesquisa de campo, com o objetivo de dialogar com crianças que conhecem o programa de Rádio CANTE E CONTE OUTRA VEZ, como ouvintes ou como participantes/apresentadores. Os assuntos em pauta versarão sobre a temática da vida de crianças: suas preferências, interesses, opiniões sobre assuntos do cotidiano, entre outros, que formam a pauta dos programas semanais.

Solicito a sua autorização para que eu possa conversar com as crianças, gravando e registrando em imagens/vídeos nossas conversas ou levando-as a participar dos programas ao vivo, na emissora comunitária onde o programa é veiculado. O material produzido poderá ser usado em sua totalidade ou em parte, sempre partindo de uma ética que as considera sujeitos da cultura e por esta razão co-autores desta pesquisa, podendo reconhecerem-se no texto e nas imagens produzidos. Por esta razão, serão consultados se também autorizam o uso de imagens e vozes.

Comprometo-me a apresentar a pesquisa para as crianças participantes e a vocês familiares e responsáveis, compartilhando posteriormente seus resultados.

Obrigada pela sua atenção,
Fernanda Milanez

Dados da pesquisa:
Curso: Mestrado em Educação
Instituição: UERJ (site: www.proped.pro.br)
Professora orientadora: Rita Marisa Ribes Pereira

Eu _____, responsável por _____ autorizo sua participação no projeto de pesquisa intitulado BUSCANDO SINTONIAS: REFLEXÕES SOBRE UM PROGRAMA RADIOFÔNICO INFANTIL.

Nova Friburgo, ____ de _____ de 2014
